Antônio Batista de Miranda

# GUERRA: MEMÓRIAS... DESTINO...

Edição Eletrônica revista e ampliada na iconografia

Antônio Batista de Miranda

# *Guerra: memórias... destino...*

Belém-Pará
2022

Capa: Composição com mapa do roteiro da FEB na Itália

Ideia: Aristoteles Guilliod de Miranda

Criação: Bruno Pantoja de Miranda

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Miranda, Antônio Batista de

Guerra [livro eletrônico] : memórias-- : destino-- / Antônio Batista de Miranda. -- Belém, PA : Ed. do Autor, 2022. PDF.

ISBN 978-65-00-44959-4

1. Brasil. Exército 2. Combatentes - Biografia 3. Força Expedicionária Brasileira 4. História do Brasil 5. Miranda, Antônio Batista de 6. Segunda Guerra Mundial, 1939-1945 I. Título.

22-110643 CDD-940.548181

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Pracinhas brasileiros : Segunda Guerra Mundial : Narrativas pessoais : História 940.548181

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*A todos os ex-combatentes brasileiros*
*ofereço*

# APRESENTAÇÃO À 1ª EDIÇÃO (1998)

Diferente do que se lê na maioria dos livros, esta não é uma obra de ficção. Aqui, entre histórias e a História, está contido o relato de um paraense que vivenciou os tempos da Segunda Guerra Mundial.

Fora os dados históricos: datas, fatos, nomes, já devidamente cristalizados pela bibliografia oficial sobre o assunto, o que temos são impressões, ideias, depoimentos, sobre um período turbulento que a tudo afetou, e de como os acontecimentos se refletiram na então pacata, provinciana e praticamente isolada do mundo — e talvez por isso mais bela —, Belém do Pará. É a visão de mundo de alguém que muito cedo teve que enfrentar outras batalhas na vida e onde a guerra representou apenas mais uma.

Que os críticos, os mais exigentes, não busquem encontrar nestas páginas uma nova tese sobre a guerra. Entretanto, encontrarão algo mais: a declaração de um grande amor à Pátria e uma inabalável crença na liberdade, na democracia e no Brasil.

É assim que se deve ler *Guerra: memórias... destino...* que aborda com particular interesse e destaque a participação paraense no conflito, preenchendo uma lacuna na documentação pertinente, passando a constituir-se em fonte de referência.

Antônio Batista de Miranda é um dos ex-combatentes paraenses remanescentes do Contingente da Amazônia, o que confere mais responsabilidade ao seu depoimento, ele que foi um dos mais jovens brasileiros convocados para a FEB.

Melhor que ex-combatente seria chamá-lo de combatente ainda, pois permanece em combate, em outro nível, é verdade, lutando para que as novas gerações conheçam e reconheçam o papel desempenhado pelo Brasil — e aí incluindo-se os paraenses — na definição dos rumos da guerra.

Atuando junto ao setor educacional, percorre escolas, conversando com professores e alunos, procurando promover eventos, batalhando, mais de cinquenta anos depois, para que o esforço dos nossos pracinhas não seja relegado ao esquecimento, como de costume, em se tratando de feitos brasileiros.

Ainda que não concordemos de todo com suas ideias e sua visão dos fatos, é admirável e louvável a persistência em manter vivo este ideal, principalmente num momento em que os sonhos todos parecem desmoronar por conta de uma modernidade cada vez mais questionável.

*Guerra: memórias. . . destino. . .* é uma leitura amena e interessante, a partir de um texto despretensioso, mas elaborado com muito carinho, e que certamente contribuirá para o conhecimento um pouco melhor de nós mesmos.

Aristoteles Guilliod de Miranda

## APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO ELETRÔNICA

### As histórias de um livro de histórias

Com muita alegria vemos surgir a edição eletrônica do livro *Guerra: Memórias ... Destino...*, de Antônio Batista de Miranda, onde o autor narra suas impressões e experiências vivenciadas, a partir de Belém do Pará, durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando, alistando-se como voluntário, preparou-se para defender a Pátria.

Como filho do autor acompanhei desde os primeiros dias as tentativas de produção de textos alusivos as ações envolvendo os ex-combatentes e suas narrativas, porém sem inicialmente ter acesso aos mencionados textos.

Conhecedor de que meu pai não tinha muita intimidade com a redação e que a falta de um maior embasamento técnico e o amadorismo superavam o idealismo e a vontade de relatar os acontecimentos, demandou um certo tempo para que ele permitisse que eu tivesse acesso àquelas páginas datilografadas com tanto empenho, mas que necessitavam de uma adequada organização.

Na leitura dos originais observei que ali existia, de forma embrionária, uma interessante história pessoal, a qual, melhor lapidada, poderia resultar em um depoimento original sobre aqueles dias de apreensão, de medo e de incertezas.

Conquistada a confiança do aprendiz de memorialista, botamos as mãos na massa. Quer dizer: eu pensava em determinado tópico a ser desenvolvido, o provocava com indagações e ele me respondia com a prolixidade que lhe era peculiar.

Tantas vezes foi necessário interromper o fluxo da memória de modo a conseguir a informação exata, após o que eu lhe dizia: Escreve sobre isso!

Tudo isso animando as manhãs de domingo, geralmente à mesa do almoço, embalado por umas cervejas geladas para molhar as palavras e azeitar o raciocínio. À tarde, depois da regimental sesta, seguia-se o tec-tec laborioso da máquina de escrever, fazendo surgir o livro pouco a pouco.

Dias depois, ele me entregava o “dever de casa”!

Hoje, silente, a velha Olivetti me observa da escrivaninha dele, enquanto digito essas palavras.

Lançado em 1998, a edição idealizada por mim desde a capa – esta materializada por meu filho –, foi financiada pelo autor, que nem cogitou em buscar patrocínios e que, contrariando o senso comum, sequer aventou a hipótese de comercializá-la.

O livro foi doado às pessoas interessadas, enviado às escolas, órgãos educacionais, bibliotecas e instituições afins. De Belém e também de fora do estado. Livros distribuídos, enfim, somente como um intuito: dar conhecimento e divulgar à sociedade algumas peculiaridades desse episódio da nossa História: a participação dos brasileiros e, em especial, os amazônidas.

Tudo às expensas do autor. No lançamento, na sede de Associação dos Ex-Combatentes, Secção do Pará, era comum ver pessoas saindo com vários exemplares nas mãos.

Com o passar do tempo, o livro esgotou, desapareceu, tornando-se raridade nos sebos. Um detalhe: o exemplar que hoje possuo foi adquirido em uma das garimpagens que com frequência realizo nessas livrarias. Empolgado em autografar o livro para tantos, parece ter esquecido de me ofertar um!

A nova edição – em formato eletrônico – mantém o mesmo sabor do texto original, com pequenas alterações, correções necessárias, adaptações e acréscimo de iconografia do acervo familiar. Nada foi excluído. Apenas o autor não está mais presente – pelo menos fisicamente – para celebrar mais este feito.

Que o livro siga em sua jornada e consiga atingir o propósito para o qual foi pensado. Onde estiver o autor, certamente ficará muito contente, orgulhoso da permanência do fruto do seu trabalho pelo reconhecimento da participação do Contingente da Amazônia nos destinos da guerra.

Aristoteles Guilliod de Miranda

Belém do Pará, 21 de Fevereiro de 2022

Quando cheguei à praça Brasil verifiquei que havia várias pessoas esperando condução para Val-de-Cans. Na época, agosto de 1942, poucos dias antes da declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, não existia linha regular de transportes para onde hoje está o Aeroporto Internacional de Belém. Val-de-Cans era um local desconhecido para mim. Nunca estivera lá, onde estava aquartelado o 34º Batalhão de Caçadores, no Educandário Eunice Weaver.

Enquanto esperava o transporte que me levaria àquela unidade do Exército, verifiquei a estranha coincidência. Ali perto da praça, com uns oito anos de idade, fui candidato a lobinho em um grupamento de Escoteiros da Terra, que funcionava na Igreja de São Raimundo.

Pouco tempo passei no convívio com os escoteiros — precisamente seis domingos. Condições financeiras — eu, órfão de pai, morando com meus avós maternos — não me permitiram comprar o uniforme azul de lobinho. Entretanto, esse pouco tempo foi o suficiente para despertar em mim o amor à Pátria e o respeito aos semelhantes. O escotismo ensinava a praticar diariamente uma boa ação e a ser "sempre alerta e obediente".

Não fora fácil chegar até ali, na praça, para ser um soldado brasileiro. Eu tinha dezoito anos, o Serviço Militar era só aos vinte e um; teria de esperar mais três anos, normalmente, se quisesse servir à Pátria. Talvez a Roda da Fortuna tenha acelerado seu ritmo e precipitado os acontecimentos.

Em 1936, o nazismo, através da Ação Integralista, fazia a divulgação de sua doutrina para a nossa juventude. Grandes oradores, com vocabulário envolvente, as características marciais de suas apresentações, levavam para suas fileiras o que havia de melhor entre os nossos jovens, a fim de que estes vestissem o vistoso uniforme verde da Falange Nazista. No futuro seriam informantes a serviço de Hitler contra o Brasil.

Eu ficava atento a esta Organização. Em seus desfiles pela 15 de Agosto, atual Presidente Vargas, Nazaré ou Generalíssimo, apresentavam o garbo de uma unidade de civis que, na verdade, marchava com mais perfeição que as unidades militares.

Na curiosidade de meus treze anos, lembrando dos acantonamentos e patrulhas escoteiras, percebi que para aqueles pelotões integralistas, em caso de guerra, só faltariam os fuzis. Por isso, não acreditava que aquela organização fosse apenas um partido nacional-socialista, conforme apregoavam seus membros.

A campanha nazista no Brasil estava numa fase intensa. Era a época da filosofia do Pangermanismo, coordenada pelo Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho (CTBT). Esse Círculo, criado em 1933 por brasileiros de origem alemã que haviam estado naquele país para estudos, era constituído por quarenta e quatro membros, dos quais vinte e nove teuto-brasileiros, treze alemães e três teuto-paraguaios.

Em sua pregação aos estudantes, os integralistas falavam que aqueles deveriam confiar em si mesmos, nas suas próprias forças, para alterarem a

Roda do Tempo, pois este não queria seguir para onde os teutônicos queriam; que o povo alemão era autor de feitos admiráveis, muitos homens ilustres dele tinham surgido; que o nacional-socialismo fornecera os apetrechos ou matéria para a concepção étnica do mundo...

Em 1º de setembro de 1939, entrincheirado na ilha de Westerplatter, em frente a Dantzig, o encouraçado alemão *Schleswing Holstein*, que poucos dias antes estivera naquela cidade em visita de cortesia, dispara contra ela com seus gigantescos canhões de dezesseis polegadas. A artilharia de bordo e os famosos *Stuka*, os aviões de caça alemães, lançam um dilúvio de fogo sobre os poloneses. Começava a Segunda Guerra Mundial.

A Polônia é invadida pelos alemães. Hitler, consagrado como líder e ídolo do povo germânico, consegue reunir em torno dos ideais nazistas as forças vivas da nação, utilizando-as a serviço de sua política expansionista. Burlando acordos firmados em 1918, a Alemanha reorganizara-se militarmente. Hitler sucede ao Marechal Hindenburg, dando início a uma carreira de atrocidades até então nunca vistas.

Inicialmente, a Rússia alia-se à Alemanha, invadindo também a Polônia pelo leste. Juntas decidem suprimir, além da Polônia, os pequenos países bálticos. A Grã-Bretanha e a França, por ter o *Fürher* se recusado a retirar seus exércitos da Polônia, com a qual havia assinado um pacto de não-agressão, declaram guerra à Alemanha em 3 de setembro do mesmo ano. Governada por Benito Mussolini, a Itália, sob regime fascista, declara guerra aos países aliados em 10 de junho de 1940, passando a dar existência ao sistema de forças nazifascistas.

Em 26 de fevereiro de 1941, a Alemanha desembarca suas tropas na Líbia, norte da África; ocupa também a Iugoslávia, Hungria, Grécia, a ilha de Creta e, mediante declaração de guerra, invade a Rússia, sua ex-aliada, a 26 de junho, penetrando em seu território desde uma linha que se estendia de Leningrado, no norte, a Rostov, no sul, passando a oeste de Moscou, onde seria mais tarde detida e derrotada pelo famoso "General Inverno", a 16 de novembro.

Como não poderia deixar de ser, esses regimes totalitários não conseguiriam permanecer aliados. Tinham ambos, Rússia e Alemanha, objetivos únicos: o poder do Estado. Assim, a Alemanha iniciava a "sua" conquista do mundo.

Na cidade soube que em Val-de-Cans havia uma unidade militar do Exército, 34º B.C. (34º Batalhão de Caçadores), que preparava a mobilização de quatrocentos recrutas oriundos do Nordeste. Eram voluntários, com idade variando entre dezoito e dezenove anos. Não tive dúvida: larguei tudo, trabalho e estudo, e procurei informações a respeito. Como deveria proceder para servir naquela unidade?

Eu queria servir à Pátria. Órfão agora também de mãe, já morava sozinho em uma república — na Campos Sales, entre Ó de Almeida e Aristides Lobo, local onde hoje existe um edifício. Ali, dividia um quarto com mais três companheiros, todos dormindo em redes para ocupar menos espaço, trabalhava como vendedor de jornais e me sustentava. Os parentes, distanciados, não seriam empecilho para meu intento. Os ataques inimigos a navios de bandeira brasileira estimulavam meu civilismo e patriotismo. Mas o problema era a idade.

Na C.R. (Circunscrição de Recrutamento) obtive a informação que teria que solicitar uma autorização ao Juizado de Menores, Na época, a maioridade era aos vinte e um anos. O documento levou quase trinta dias para ser liberado. O juiz achava que eu deveria esperar pela maioridade, que deveria ter mais calma, pois guerra não era para crianças. E me mandou voltar dentro de quinze dias, alegando ter outros papéis importantes para despachar.

Enquanto isso, os inimigos da Pátria procuravam tirar da nossa mocidade aquela impetuosidade nacionalista que sempre foi própria do legítimo brasileiro. Os simpatizantes de Hitler diziam que ele seria o verdadeiro conquistador do mundo, que tudo seria diferente. No Brasil, o integralismo já vivia na clandestinidade, já estava a serviço do quinta-colunismo nazista, informando as posições dos navios mercantes para efeito de covardes torpedeamentos.

De volta à presença do juiz, quando este quis alegar que não estava pronta a minha autorização, eu lhe disse que em Val-de-Cans, no "34", os recrutas eram da minha idade e tinham vindo de estados do Nordeste, como Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba; não havia porque somente eu ser considerado criança para ser voluntário.

O magistrado olhou-me dos pés à cabeça, depois consultou uns livros. Em seguida mandou um funcionário bater a tal autorização e entregou uma dizendo: "Seja feita a tua vontade. Espero que o Exército prepare na tua pessoa um bom militar, pois os alemães acreditam que vão dominar o mundo".

Aquelas palavras ficaram no meu pensamento... Por que será que o juiz dissera aquilo? Eu não iria primeiro aprender a ser soldado para depois participar dos combates? Lembrei do meu tempo de "quase" lobinho, quando não consegui ver meu desejo realizado. Será que iria acontecer de novo, agora devido à minha idade?

Eu já tomara a decisão de querer ser militar para defender o Brasil contra os inimigos que se diziam ser super-soldados, violavam nossos mares,

semeando a morte e a destruição, atingindo inocentes passageiros e tripulantes dos nossos desarmados navios mercantes.

O esquema alemão para o ataque a navios brasileiros fora bem planejado. Em dezembro de 1936, chegou a Belém, sob o comando do capitão de mar-e-guerra Gunther Krause, o cruzador-escola *Schleswing Holstein* conduzindo cento e setenta guardas-marinha em viagem de estudos pelo mar das Antilhas até à África. Como se pode deduzir, nesta viagem o navio realizou todo o levantamento da costa brasileira, inclusive com adestramento dos futuros comandantes dos submarinos nazistas, que iriam operar na costa do Norte e do Nordeste do Brasil.

Depois de levar a autorização do Juiz de Menores à C.R. fui encaminhado ao Hospital Militar do Exército, na praça Brasil. Ali, após todos os exames realizados, mandaram-me apanhar o resultado no Quartel General da 8ª Região Militar, alguns dias depois, na praça da Bandeira, no setor de chefia do Serviço Médico.

Não sei se o chefe do serviço era paulista ou gaúcho — o sotaque confundia. Sua altura era de 1,75 m ou mais. Examinando os resultados perguntou-me porque eu era voluntário. Respondi-lhe que queria ser soldado para defender minha Pátria, uma vez que se comentava que talvez o Brasil fosse invadido!

O oficial médico olhou-me fixamente, de cima para baixo, como havia feito o juiz, e disse, colocando-se de pé, junto à sua cadeira: "Você é capaz de lutar contra os alemães? ". Sou!, respondi incontinenti. "Você sabe que os soldados alemães são mais fortes e mais altos do que eu?" Repliquei dizendo: "Mas não vão me ensinar a lutar com armas?! De que adianta ser forte e alto se quem vai decidir é a bala do mais rápido?!"

O militar fitou-me demoradamente e disse: "É, meu jovem, acho que você vai se dar bem no 34º B.C." Em seguida, mandou preparar os exames dizendo-me para que procurasse na 28ª C.R. meus documentos de apresentação para servir em Val-de-Cans. Os documentos foram entregues precisamente às 9 horas do dia 10 de agosto de 1942, ou seja, doze dias antes da declaração oficial de guerra do Brasil aos países que compunham o Eixo.

Até chegar a essa declaração muita coisa aconteceu de desagradável aos brasileiros.

Em fevereiro de 1942, o Alto Comando da Marinha de Guerra alemã, após conferência do Estado Maior da *Wehrmacht*, determinou que seus submarinos atacassem navios brasileiros que participassem de comboios anglo-americanos ou viajassem armados.

Do dia 15 de fevereiro, com o torpedeamento do *Buarque* na costa dos Estados Unidos, até o dia 29 de julho, com o afundamento do *Barbacena*, às proximidades da costa brasileira, os submarinos do Eixo encarregados de controlar o estreito Atlântico atacaram e afundaram catorze navios brasileiros.

Se entre estes havia embarcações armadas e de guerra, existiam também outras, pequenas, inclusive veleiros como o *Paracuri*, de trezentas toneladas, e outro barco à vela, menor ainda e não identificado, ambos postos a pique por artilharia no norte da costa do Pará.

Os dois veleiros foram afundados pelo submarino alemão *U-159*, comandado pelo capitão Witte. Aparentemente não havia razão para estes ataques.

Nos primeiros meses de 1942, a política do *Reich* para com o Brasil foi objeto de grande discussão em Berlim. Hitler, a quem cabia a última palavra, ouvia conselhos desencontrados sobre o comportamento a ser seguido. O marechal Keitel, pensando em termos estratégicos — a importância das bases

de Natal e Recife como pontos de apoio para a África —, recomendava ação armada.

Os encarregados do Departamento Internacional do Partido Nacional-Socialista, com base nas informações de seus simpatizantes no sul do Brasil, buscavam influenciar para que o Eixo adotasse represálias contra as medidas de vigilância postas em prática pelo governo brasileiro sobre a minoria alemã no país. O serviço secreto alemão, trabalhando as informações de seus agentes no Brasil, que detectavam o engajamento paulatino do país ao lado dos Estados Unidos, pressionava a cúpula nazista em favor de medidas militares.

Por outro lado, o ministro do Exterior alemão, através de embaixador Ritter, chefe da seção conhecida pelo nome código *Feldsmark* (política sul-americana), recomendava prudência.

Depois de examinar os documentos preparados pelo Alto Comando da *Wermacht* por ordem de Keitel, Hitler decidiu desencadear uma operação de grande envergadura contra o Brasil e que servisse de castigo e advertência.

Essa operação, planejada a partir das informações da *Abwer*, consistiria no envio de dez submarinos aos portos de Santos, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os submarinos torpedeariam durante a madrugada e no mesmo dia todos os navios que se encontrassem surtos, minariam os canais de acesso, regressando depois à base de Bordeaux.

A guerra submarina, ao mesmo tempo em que atingia os navios mercantes brasileiros, aproximava-se do nosso litoral. Os torpedeamentos continuaram se sucedendo. O Alto Comando alemão orientava a tática de modo a concentrar os seus ataques às áreas onde a defesa ainda não estava devidamente organizada e nem dotada de meios suficientes para tal. Esse era o caso do litoral brasileiro durante o ano de 1942.

Por causa desses atentados era grande a revolta do povo brasileiro contra os insólitos atos de beligerância que foram o torpedeamento dos nossos indefesos navios.

Nas ruas das principais cidades, em inflamados discursos nos comícios nas praças ou em grandes passeatas dirigidas aos palácios governamentais e aos quartéis-generais, reclamava-se energicamente do governo pedindo a imediata declaração de guerra aos países do Eixo.

A condução que eu pegaria na praça Brasil era a mesma que transportava os trabalhadores engajados na construção de um grande aeroporto na área de Val-de-Cans. Para lá, além da distância considerável em relação a Belém de então, não havia uma linha regular de transporte coletivo, pois Val-de-Cans era considerada área militar.

Ao chegar à entrada da base, tínhamos que nos deslocar pela estrada, contornando a pista no sentido de Icoaraci, até chegar ao Educandário Eunice Weaver. A razão disto tudo era a segurança da área do aeroporto, que estava sendo preparado pelos americanos para servir de ponto de apoio aos aviões que dali partiam com destino à base de Parnamirim, em Natal, Rio Grande do Norte, de onde seguiam com destino à África. Estes aviões vinham dos Estados Unidos via Antilhas, Colômbia e Venezuela, pernoitavam em Belém e, de madrugada, prosseguiam sua jornada até Dakar.

O 34º B.C. foi criado em 1941, oriundo do 11º Regimento de Infantaria sediado em São João Del Rei, Minas Gerais. Compunha-se de uma equipe de cento e vinte e cinco elementos entre oficiais sargentos, cabos e soldados, sob o comando do coronel Nelson Pulquério, e mais quatrocentos e cinquenta recrutas nordestinos, que vieram como voluntários para participar da defesa do norte brasileiro em caso de invasão.

Alojado no Educandário, o "34", como era conhecido entre nós, teria como tarefa a preparação de um efetivo de oitocentos homens aptos para as operações de guerra. Para isso contava com uma companhia de metralhadoras, três companhias de fuzileiros e um pelotão especial.

Comandava a 8ª Região Militar, o general Zenóbio da Costa, que fixara como objetivo do "34” a vigilância do litoral desde Val-de-Cans até Icoaraci, tendo como setor principal o aeroporto, onde as forças aliadas faziam escala, diariamente, a partir das 16 h, partindo ao amanhecer, às 4 h.

Minha apresentação ao "34" ficou permanentemente gravada na memória. Pela primeira vez na vida senti que estava num mundo completamente estranho. A realidade da caserna era uma escola nova na minha vida de jovem. Tudo era novidade. A guerra era uma palavra que eu nem sabia direito o seu verdadeiro significado.

Os novos companheiros eram quase todos de fora do Pará. Ainda lembro de alguns nomes como os dos oficiais instrutores de infantaria, os mineiros Ventura Pinto Filho e Francisco Ruas dos Santos; os cariocas Alésio da Silva Lima e Guinemé Munis; e o paraense Epitácio Cardoso de Brito. Na artilharia antiaérea, poderia citar o nome do tenente Nélio Dacier Lobato, também paraense, o responsável pela segurança do campo de aviação.

Dois fatos envolvendo recrutas como eu: "Pólvora seca" (não sei a origem do apelido) era um crioulo corpulento, brigão, destemido e temido pelo físico e pelo temperamento. Quase sempre terminava em pancada as festas que participava. Acabou vítima do seu próprio "remédio", morto a pauladas numa gafieira chamada "Belúcio", no Telégrafo, a meio caminho entre Val-de-Cans e a Sacramenta.

O outro era o "Xepeiro", elemento que só vivia metido em trapalhadas, o que sempre lhe rendia alguns dias de xadrez, devido aos seus "arranjos". Gostava de trocar serviço ou dobrá-lo, para "filar a bóia" do quartel, daí o apelido.

Os participantes da primeira turma de recrutas do 34º B.C. tiveram que se adaptar ao uso do armamento americano, mais moderno em relação ao obsoleto arsenal brasileiro de origem alemã. Saíamos dos antiquados F.O. (fuzil ordinário), dos F.M. (fuzil *Mauser*) e das metralhadoras *Hothkiss*, para as metralhadoras *Browning* ponto 30, para infantaria, e ponto 50 para a defesa antiaérea do campo de aviação.

Muitas vezes, durante à noite, os soldados do "34" tinham que vasculhar a área em que se localizava o alojamento dos americanos em Val-de-Cans, chegando a Icoaraci, onde hoje estão a Cerpasa e o Ciaba, indo até o matadouro do Maguari. Tudo isso em busca de possíveis sabotadores, que por várias vezes tentaram destruir este ponto de apoio aliado.

Cada vez que era torpedeado um navio mercante próximo da costa paraense, a turma do "34" tinha que patrulhar toda aquela área, ficando inclusive de prontidão contra possíveis ataques aéreos alemães procedentes da África, pois Belém era ponto estratégico para reabastecimento e apoio material e humano, tanto para as ações aliadas do outro lado do Atlântico, como para retornar às outras bases fora do Brasil ou seguir em direção ao Nordeste.

Da praça Brasil até o quartel do 34º B.C. foram quatro horas e meia de uma penosa viagem de caminhão. Val-de-Cans distava quase oito quilômetros de Belém. Saltamos na entrada para o campo de aviação. Quase um quilômetro depois chegava-se ao aquartelamento. O "34" era, na verdade, um aquartelamento: somente o alojamento era fixo, ficando no Eunice Weaver. As demais dependências era como se estivéssemos num acampamento. Cozinha, rancho e o local das refeições eram ao ar livre ou dentro das matas do Tapanã.

De paletó e gravata, pois esta era a roupa com que eu achava que um voluntário deveria se apresentar para defender sua Pátria, suado, cansado e com fome, cheguei ao portão das armas do quartel. No caminho, vários americanos. Estranhei aqueles elementos, apesar de em Belém já ser normal a convivência com os "gringos", ao ponto de os simpatizantes do Nazifascismo se aproveitarem disto para dizerem que os americanos já tinham tomado conta da cidade.

No portão já se encontravam outros quatro voluntários, também paraenses. Recebidos pelo sargento, este, depois de nos entregar os documentos de apresentação, levou-nos à presença do oficial de dia, onde recebemos nossos números por ordem de chegada: 767, 768, 769, 770 e 771 (eu).

Era o dia 10 de agosto de 1942. Embora fossemos paraenses, não nos conhecíamos. Eu, nascido em Castanhal, de há muito vivia em Belém; os outros tinham vindo do interior. Os nomes perderam-se no tempo; ficaram os números, que era como nos tratávamos na caserna, e a lembrança daqueles tempos da "Terceira", a companhia onde fomos alojados.

Enquanto íamos nos ambientando ao local, observávamos os diferentes sotaques dos soldados, caracterizando suas diversas origens: o sargento era mineiro, o cabo maranhense, soldados cearenses, piauienses e paraibanos. Todos falavam acerca de seus estados, suas terras distantes.

Um soldado à disposição do Comando entregou-nos na Terceira Companhia de Fuzileiros. O sargento que nos recebeu mandou-nos procurar o "cabo do alojamento". Era a nossa iniciação ao jargão militar. No alojamento, o cabo indicou-nos as camas. "Roupa de cama, só amanhã com o sargento furriel". Fomos para a parte externa acompanhar o movimento. Cama, só depois das 20 h.

De repente, um barulho estranho vindo da direção do campo de aviação. Eram mais ou menos cem aviões de combate americanos que chegavam a Val-de-Cans. Curioso, perguntei aos meus novos colegas a respeito. Os aviões vinham dos Estados Unidos, via América Central, com destino à África, onde ingleses e americanos lutavam contra as tropas comandadas por Rommel. África? Direto? Não. Daqui seguirão para Natal e de lá atravessarão o Atlântico com destino a Dakar.

A cena dos aviões se repetiria diariamente às mesmas horas. Fora deste horário - 16 h -, os voos eram de aviões atingidos em combate e que tentavam

chegar a uma área aliada. Cerca de dezessete pilotos que chegaram feridos e vieram a falecer foram sepultados no cemitério Santa Isabel.

Um toque de corneta, às 17 h, também ficaria marcado. Atendendo aquele chamado, todos se dirigiram para a frente das suas Companhias. O que significava aquilo? "É a hora do rancho", respondeu alguém. Comentei com os outros quatro novatos como eu que deveríamos entender e aprender logo o significado daqueles toques se não quiséssemos passar fome. E eu, que estava só com o café da manhã, andando desde cedo para receber os documentos de apresentação da 28ª C.R., depois praça Brasil e quartel. Fora o dia todo sem comer.

A cozinha ficava numa área descoberta. Lá, observamos que todos tinham uma marmita. E nós, como ficaríamos? Um colega mais antigo disse-nos para procurar o cabo de dia da Companhia. Este orientou-nos que pedíssemos emprestado a marmita de alguém, o problema só poderia ser resolvido no dia seguinte. A situação de coleguismo e integração quebrou o nosso galho. Logo apareceu alguém para emprestar as marmitas.

Tendo em vista ajudar os ingleses na campanha da África com armas, munição e apoio tático, e na impossibilidade desta ajuda ser feita pelo mar, em virtude do bloqueio exercido pelos navios nazistas, o caminho para lá teria que ser através da Amazônia, numa operação posteriormente denominada “Trampolim da Vitória". Para isso os americanos firmariam acordos com os países da região, como o Brasil, a Colômbia e a Venezuela.

Em 1º de outubro de 1941, o Brasil assina em Washington um acordo de empréstimo e arrendamento, pelo qual ficou estabelecido o fornecimento de armas e equipamentos para os brasileiros como cooperação para a segurança do continente, em troca da construção, pelos americanos, de bases aeronavais no norte e no nordeste, mais precisamente em Macapá, Belém e Natal.

A rota a ser utilizada seria Estados Unidos-Colômbia-Venezuela-Brasil-África. O ponto mais difícil desta empreitada seria a travessia pelos céus da Amazônia, região completamente desconhecida pelos americanos. Para viabilizar esta rota na Amazônia, foram efetuados contatos entre as autoridades americanas e brasileiras, com os americanos cedendo ao Brasil aviões de instrução.

Foram mais de trezentos aviões, que com pilotos brasileiros treinados nos Estados Unidos realizaram a rota amazônica. Os americanos acompanhavam os voos aproveitando o conhecimento dos brasileiros sobre a Amazônia, tornando viável o caminho para a África.

A experiência dos pilotos brasileiros na região deveu-se à atuação do CAN (Correio Aéreo Nacional), que em suas viagens pelo interior do Brasil, em regiões desprovidas de infraestrutura aeronáutica, com campos de pouso precários e sem rádio comunicação, conseguiu "ensinar" aos americanos como voar sobre a floresta tropical.

Em 19 de novembro de 1941 chega a Belém o general de brigada Euclides Zenóbio da Costa para assumir o comando da 8ª Região Militar. Zenóbio tratou logo de assegurar a área aonde iria se localizar a base aeronaval americana em Val-de-Cans, sob o comando de um oficial americano, tendo como segurança a presença do 34º B.C., cuja missão era a de proteger toda a baía de Guajará, de Icoaraci a Belém.

Deste modo, a área onde hoje estão localizados o Aeroporto Internacional de Val-de-Cans e a Base Aérea do 1º Comar tornou-se um grande canteiro de obras, com os operários encarregados da construção saindo em caminhões da praça Brasil. O curioso é que, por ser área militar, naqueles veículos não era permitido transportar soldados que porventura desejassem vir a Belém. Por muitas vezes tive de percorrer os oito quilômetros a pé para rever meus parentes. A única opção para "saídas" mais próximo era Icoaraci.

Protegidas pelo "34" ficavam em Val-de-Cans as unidades americanas da U.S. Air Force: o A.T.C. (*Air Transport Command*) e o A.D.C. (*Advanced Developed Corporation*). O primeiro era composto por aviões de combate (caças e bombardeiros) e o segundo cuidava da manutenção dos aviões e do campo. O sistema de defesa utilizava as metralhadoras *Browning*, espalhadas por trincheiras em trinta pontos determinados, com a finalidade de impedir ataques aéreos e marítimos, bem como alguma investida terrestre. As metralhadoras ponto 25 eram utilizadas para a infantaria e as ponto 50 para a artilharia antiaérea. As trincheiras serviam também de alojamento para seus ocupantes.

Foram três meses de peregrinação desde os documentos até o quartel. Minha idade era um empecilho ao desejo nacionalista de defender o Brasil e tentar ajudá-lo a lutar contra os inimigos da liberdade. O "34" era porta de entrada para uma nova realidade, a cruel realidade da guerra que se aproximava do nosso país.

O papel do Brasil durante a 2ª Guerra Mundial não se limitaria a atos formais, cessão de bases ou venda de matérias-primas como a borracha. A contribuição iria mais além: lutaria nos campos de batalha da Itália, conseguindo realizar feitos memoráveis, a despeito da sua pouca preparação para tal, pagando com o sangue de seus filhos o preço do ideal libertador. Único país do hemisfério sul a participar do conflito, cruzaria a linha do Equador cheio de entusiasmo e bravura, demonstrando que a assertiva de Euclides da Cunha era verdadeira: não só o nordestino, mas, também, o amazônida — o brasileiro como um todo — era, acima de tudo, um forte!

Para que passasse da proclamada neutralidade à ação bélica na Europa, a atividade do Brasil, em relação à política externa, sofreu sucessivas modificações.

Primeiro, a neutralidade absoluta no início do conflito, em 1º de setembro de 1939; segundo, a solidariedade aos Estados Unidos, de 8 de dezembro de 1941 a 28 de janeiro de 1942: terceiro, o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão, em 28 de janeiro de 1942; quarto, a declaração e estado de guerra com a Alemanha e a Itália, por causa do torpedeamento de navios mercantes brasileiros, em 22 de agosto de 1942.

O primeiro navio brasileiro a ser afundado foi o *Taubaté*, que navegava com destino a Alexandria, em 22 de março de 1941, transportando mercadorias e passageiros. Neste episódio morreu o primeiro brasileiro no conflito, numa situação ainda de neutralidade do nosso país. O conferente Fraga foi morto no passadiço, vítima de rajada de metralhadora alemã.

Em 14 de fevereiro de 1942, o navio mercante *Cabedelo*, de 3.557 toneladas, pertencente ao Lóide Brasileiro, comandado pelo capitão Pedro Veloso da Silveira, partiu da Filadélfia, U.S.A, com destino ao Brasil. Ao largo das Antilhas, em 25 de fevereiro, cruza com o submarino italiano *Leonardo da Vinci*, comandado pelo capitão Longanesi Catani. Não houve sobreviventes. A tripulação brasileira era composta de cinquenta e quatro homens.

O navio mercante *Buarque*, também do Lóide Brasileiro, tinha 5.152 toneladas. Partira de Curaçao, nas Antilhas, com destino a New York. Aos 45 minutos do dia 16 de fevereiro de 1942, próximo do cabo Hateras, recebe o primeiro impacto de um torpedo. Apesar de posto a pique, o *Buarque* consegue salvar quase todos os seus elementos (setenta a quatro tripulantes e onze passageiros), perdendo apenas um passageiro.

O submarino alemão *U-432*, comandado pelo capitão Heinz O. Schultz, torpedeia e afunda em 18 de fevereiro de 1942 o navio mercante *Olinda*, que levava quarenta e seis tripulantes. Este fato provocou veementes protestos do

povo brasileiro, que por meio de passeatas dirigidas aos quartéis nas capitais, exigia providências oficiais. No Q.G. da 8ª Região Militar, em Belém, surge a informação que o Exército estava recrutando civis para incorporação às suas fileiras tendo em vista futuras ameaças ao Brasil.

Prosseguem os ataques aos navios brasileiros.

O *Arabutã* saíra do porto de Norfolk com destino ao Rio de Janeiro transportando carvão para uso na Estrada de Ferro Central do Brasil. Às 15h30 do dia 7 de março de 1942 recebe o impacto de torpedos disparados pelo submarino alemão *U-155*, comandado pelo capitão Adolf Cornelius Piening. Comandados pelo capitão Aníbal Prado, os brasileiros conseguem se salvar, menos o enfermeiro de bordo Manoel Florêncio Coimbra. A tripulação era composta de cinquenta e um homens. Atingido o navio, o submarino vem à tona assistir ao macabro espetáculo da tentativa de salvamento da tripulação. Após dar uma volta completa ao redor das baleeiras, retira-se.

O *Arabutã* afunda em vinte minutos. Esta era a característica da deslealdade nazista.

O navio mercante *Cairu*, do Lóide Brasileiro, era considerado um dos mais bonitos da frota. Foi torpedeado na costa do Atlântico em 9 de março de 1942. Levava setenta e cinco tripulantes e catorze passageiros, dos quais morreram quarenta e sete tripulantes e seis passageiros. Sua carga — mica — era material estratégico muito necessário ao Brasil. Os nazistas possuíam informações sobre a posição dos navios e também da sua carga. Era a ação eficiente dos quinta-colunistas.

Quando navegava próximo à ilha de Trindade, vindo de Nova York com destino ao Recife, o navio mercante *Parnaíba* é atingido pelo submarino alemão *U-162*, comandado pelo capitão Jurgen Wattenberg. Torpedeado, o capitão do mercante brasileiro Raul Francisco Diegoli ainda tenta pedir ajuda pelo rádio às bases navais e aéreas do Nordeste. Tudo em vão. Os alemães bombardeiam e metralham o navio, pondo-o a pique, ocasionando a morte de sete dos setenta e dois tripulantes.

Comandado pelo capitão de longo curso Severino Sotero de Oliveira, o navio mercante *Comandante Lira* é atacado pelo submarino italiano *Barbarigo*, às 18h50 do dia 18 de maio de 1942, quando navegava a altura da ilha de Fernando de Noronha. Ia de Recife para Nova Orleans. Não satisfeitos pelo torpedeamento, os comandados do capitão Enzo Grossi canhoneiam até incendiar o *Lira*, levando à morte dois dos cinquenta e dois tripulantes brasileiros.

Transportando café para o porto de Nova Orleans, em 24 de maio de 1942, às 21h45, o navio mercante *Gonçalves Dias* é atingido pelo submarino *U-502*, de bandeira alemã, comandado pelo capitão Jurgen Von Rosentiel. Perde o comandante João B. G. Figueiredo seis dos cinquenta e dois tripulantes.

Saindo do porto de Belém com instruções do *Navy Control*, o mercante *Alegrete* é torpedeado quando já alcançava Santa Lúcia, nas Antilhas, e

transpunha o farol de Monte Chique, às 13h30 do dia 1º de junho de 1942. O comandante Gomes de Souza tratou de providenciar o desembarque dos sessenta e quatro tripulantes em quatro baleeiras, deixando o navio com todas as luzes acesas. Duas horas depois os náufragos viram o submarino alemão *U-156*, comandado pelo capitão Werner Hartenstein, disparar dezoito tiros de canhão e mais dois torpedos. Os nazistas faziam questão de não deixar provas.

O navio mercante *Pedrinhas* pertencia à Companhia de Comércio de Pernambuco. Pesava 3.666 toneladas e viajava de Recife para Nova York, comandado pelo capitão Ernesto Mamede Vidal. Próximo a Porto Rico, em 26 de junho de 1942, o *Pedrinhas* é torpedeado pelo submarino *U-203*, comandado pelo capitão Rudolf Mutzenburg. A tripulação, composta de quarenta homens, salva-se arribando em Porto Rico.

Antes de partir, o mercante brasileiro *Tamandaré* recebeu informações de que a zona em que iria navegar estava infestada por submarinos. O capitão José Martins de Oliveira resolve então modificar sua rota. A viagem transcorria tranquila quando os brasileiros são alertados de que um submarino alemão avariado navegava na superfície. Verificada a rota do inimigo, o *Tamandaré* supôs que poderia enfrentá-lo com a artilharia de bordo, um recurso que estava sendo utilizado pela Marinha de Guerra brasileira para minimizar os ataques sofridos pelos mercantes. Efetuados os cálculos, preparou-se o ataque. Vários disparos foram feitos do navio brasileiro, mas os alemães se defendiam com manobras rápidas.

Na madrugada do dia 26 de junho de 1942, quando se preparava o Tamandaré para atacar o submarino alemão avariado, os brasileiros são surpreendidos pelo ataque de outro submarino alemão, o *U-66*. Comandado pelo capitão Friederich Markworth, os alemães acabam por afundar o mercante brasileiro, que perde quatro dos seus cinquenta e dois tripulantes.

O petroleiro *Piave* viajava de Belém para Porto Carapito, nas Antilhas, quando, em 28 de julho de 1942, o comandante Adolf Cornelius Pienig ordena, a partir do submarino *U-155*, o torpedo fatídico. Emergindo a cerca de 1,5 milhas do *Piave*, os alemães disparam rajadas de metralhadora sobre a tripulação brasileira, que tenta desesperadamente se salvar. Apesar do ataque cruel, o comandante Renato Ferreira da Silva perde apenas um tripulante dos trinta e cinco que tinha sob o seu comando.

Os comandados do capitão Pienig já haviam feito outra vítima no mesmo dia: o *Barbacena* fora atacado à 1h30. Comandado pelo capitão Aécio T. Cunha, saíra do Recife com destino a *Port of Spain*. Perde seis homens, salvando-se cinquenta e cinco.

É de se notar que todos esses navios foram atacados antes da entrada do Brasil na guerra. Após o dia 22 de agosto de 1942, data em que nosso país declara guerra às forças do Eixo, mais navios brasileiros seriam destruídos.

Naqueles tempos de guerra, Belém era uma cidade visada. Sua localização geográfica, sua função de ponto estratégico a meio caminho da África e apoio também para as bases do Nordeste, faziam com que a cidade vivesse constantemente sob a ameaça de possíveis ataques inimigos, daí todo o processo de criação do "34" e a sua utilidade no apoio às ações aliadas na nossa região.

Pode-se dizer que Belém vivia em tempo de guerra. De um lado, os simpatizantes da Ação Integralista faziam sua "guerra psicológica", com propaganda nazista e antiamericana; a presença de soldados americanos em Val-de-Cans era vista como invasão e ingerência à soberania brasileira. Com isso, fomentava-se a discórdia e a desconfiança. Do outro lado, as autoridades brasileiras tratavam de preparar a população para os ataques. A Defesa Civil simulava os preparativos de um ataque.

A sirene da "Folha" soava, as lojas fechavam, carros apitavam, as pessoas procuravam locais mais seguros para se abrigarem e os aviões americanos vindos das Antilhas faziam voos rasantes sobre a cidade, dando uma pálida ideia do que seria um ataque aéreo, o que, felizmente, nunca aconteceu.

Talvez pelo fato de os aviões nazistas não possuírem autonomia de voo que permitisse, a partir da África, atacar Belém ou outra cidade brasileira, e retornar às bases africanas.

Com a declaração de guerra do Brasil, o aeroporto de Val-de-Cans transformou-se num alvo militar sujeito a ser destruído. Por aqui havia a informação de que simpatizantes nazistas poderiam tentar destruir esta base. Em Belém, já haviam sido presos elementos alienígenas a serviço do Eixo, como um motorista japonês da Companhia Souza Cruz, que era, na verdade, capitão da Força Aérea japonesa.

No Brasil, conseguiu-se identificar quase trezentos mil adeptos do Nazifascismo em ação no país. Agentes em potencial abrigavam-se sob suas malfadadas ações contra sua própria terra natal, o Brasil. Deste modo, desconfiava-se de todos.

Preocupados com a segurança da base de Val-de-Cans, os americanos mandaram buscar peças de artilharia antiaérea, as metralhadoras ponto 50, pretendendo eles mesmos fazer a segurança do aeroporto, o que não foi aceito pelo governo brasileiro. O general comandante da 8ª R.M., Zenóbio da Costa, determinou que os americanos treinassem os brasileiros para manusearem as novas armas de defesa, ficando assim o "34" com esta tarefa.

Diariamente, cento e cinquenta homens eram escalados para o treinamento com as metralhadoras, bem como para serviço nos trinta postos estrategicamente espalhados pela área do campo de aviação. Estes postos compunham-se de trincheiras para defesa antiaérea, com 1,50m x 3,50 m, onde ficava localizada uma peça de artilharia e sua guarnição de cinco elementos: um sargento, um cabo e três soldados.

O sargento comandante era também o reserva do soldado atirador; o cabo tinha a função de subcomandante, sendo também reserva da esquadra de remuniciamento; dos soldados, um era atirador e os outros, 1º e 2º remuniciadores, respectivamente. Localizada em seu posto de defesa, essa guarnição de cinco homens dava serviço de 24 horas, inclusive dormindo no local. Somente as refeições vinham do alojamento e eram entregues às 7h, 11h, 17h e 19 h, ocasião em que era realizada a revista dos postos pelo oficial comandante destes, o tenente Nélio Lobato, que no futuro seria prefeito de Belém. Este tenente, muitas vezes procedia a "incertas" noturnas tentando surpreender os sentinelas que porventura estivessem dormindo em seus postos, o que era motivo para alguns dias de xadrez.

Durante o período de permanência do 34º B.C. em Val-de-Cans, por umas duas ou três vezes foi acionado o sistema de defesa. Por conta dos combates aéreos na África, aviões aliados retornavam avariados e algumas vezes perseguidos por aviões alemães. Mesmo se sabendo da falta de autonomia das aeronaves nazistas, a defesa era alertada e, sob a orientação dos oficiais americanos, ficava-se a postos, preparados para o ataque (ou defesa).

Os americanos mostravam aos soldados brasileiros os distintivos dos aviões americanos e diziam: "Este, passa!" Já para os aviões nazistas, diziam que, se localizados, deveriam ser derrubados com a artilharia antiaérea: "Este, derruba!".

Quando eu e os outros quatro paraenses nos engajamos no "34", a turma de recrutas de lá já tinha três meses de treinamento. O capitão Rosalvo, comandante da Terceira Companhia, determinou que participássemos dos treinamentos normais. Caso não estivéssemos em condições, não juraríamos à bandeira. O período de mobilização era de seis meses, nós já perdêramos três. Ficamos à disposição de um sargento e um cabo que nos dariam atenção especial para que recuperássemos o tempo perdido. Inicialmente, o sargento Mufato tratou da "Ordem Unida". Para mim isto não era novidade. Candidato a lobinho, já havia aprendido. Como éramos cinco, dependia dos outros passarmos para as lições posteriores.

O toque de alvorada era dado às 5 h. Entretanto, desde às 4 estávamos acordados, pois era a hora em que os aviões americanos decolavam rumo ao Nordeste e de lá seguiam para a África. Por um ponto era bom, porque os cozinheiros faziam o café mais cedo. O almoço era servido às 11 h, o jantar às 17 e um lanche às 19. Às 22 h, tocava o recolher. Um triste e inesquecível toque de corneta a marcar o silêncio da escura noite.

Nossas refeições eram feitas ao ar livre, embaixo de árvores, fora do quartel. Adiante, havia um pequeno riacho, possivelmente onde hoje se localiza a fábrica da Cerpasa, em que lavávamos nossas marmitas e onde enchíamos os cantis para bebermos à noite.

Impossível exigir qualidade das refeições.

Vivíamos tempos difíceis, de racionamento, provocado pelos obstáculos ao transporte para Belém. Na época, não havia comunicação rodoviária com o centro-sul; dependíamos somente do transporte aéreo e do marítimo, ambos então, perigosos naqueles tempos de guerra. Além disso, cozinhar para quatrocentos homens não era tarefa fácil; e quartel nunca foi tido como restaurante. Por isso, "inesquecível" era o lanche das 19 h. Pelo seu grau de dureza, o pão era chamado de "granada". Jogado contra a parede, voltava feito borracha!

Às 8 h havia a formatura geral e iniciavam-se os serviços e treinamentos. Para umas Companhias, educação física bem puxada; para outras, "ordem unida"; para outras mais, mais maneabilidade em combate, que consistia em cavar buracos em forma de "W" com a profundidade de 1 metro. A única ferramenta era uma pá, que mais parecia um brinquedo, mas, segundo o oficial instrutor, com aquela ferramenta era que o soldado, num combate, deveria cavar para se proteger contra as balas inimigas.

O equipamento usado por nós, do exército brasileiro, era totalmente obsoleto. Datava de 1918 e tinha origem alemã A escola de formação era francesa e também desatualizada em relação às novas tecnologias empregadas tanto pelos alemães quanto pelos ingleses, italianos e americanos.

Para suprir as necessidades de energia elétrica da área do aquartelamento havia uma usina termoelétrica movida à lenha. Diariamente, dez homens eram escalados para cortar lenha, da mata próxima, para

abastecer a usina. Quando chegava a noite, acionada a caldeira, esta dava sinal de partida... e dez minutos após, parava. Logo serviu de gozação. Lembrávamos de uma música de carnaval que falava de uma situação em que "de dia falta água, de noite falta luz"

Ao redor da usina havia uma piscina que não poderia ser usada pelos soldados, sob pena de punição. Isto levou muita gente à cadeia. Chegávamos de Icoaraci à noite. Sem água para tomar banho, arriscava-se um mergulho naquela água refrescante. Quando pegos, íamos nos "refrescar" no xilindró, além das anotações no boletim pela indisciplina. A rotina era seguida sem grandes modificações. Nós cinco incrementávamos nossos treinamentos para que pudéssemos nos equiparar aos demais e compensar o período anterior à nossa admissão.

Assim foi até o dia 15 de agosto de 1942, quando soubemos do torpedeamento do *Baependi*.

O navio, comandado pelo capitão João S. Silva, saíra de Salvador com duzentos e trinta e três passageiros e setenta e três tripulantes, com destino a Maceió. Dentre seus ocupantes, cento e vinte e quatro militares pertencentes ao 1º Grupo de Artilharia de Dorso. Eram 19h10 quando o capitão Harro Schacht determinou o ataque levando à morte cinquenta e cinco tripulantes e duzentos e quinze passageiros. O *Baependi* foi torpedeado a 20 milhas da foz do rio Real, ao limite sul de Aracaju. O navio, um dos melhores e mais confortáveis navios de passageiros da época, viajava com todas as luzes acesas — sinal de navio neutro — e estava em águas territoriais brasileiras.

Isto demonstrava a quanto chegava o atrevimento dos alemães em atacar um navio tão próximo da costa brasileira. Este acontecimento revoltou a todos no quartel devido à perda dos elementos da Bateria de Dorso, além dos civis.

A ação alemã não ficou por aí. Durante os dias 15, 16 e 17 do mesmo mês, os nazistas, invadindo águas brasileiras, afundariam mais quatro navios:

*Araraquara*, próximo de Aracaju, onde morreram sessenta e seis tripulantes e sessenta e cinco passageiros; *Aníbal Benevolo*, afundado a 7 milhas da costa de Sergipe, com sessenta e sete tripulantes e oitenta e três passageiros mortos; *Itagibe*, atingido a 9 milhas da costa da Bahia, morrendo dez tripulantes e vinte e seis passageiros; *Arara*, também próximo da costa baiana, perdendo vinte tripulantes; Jacira, que foi afundado ainda no litoral baiano, sem vítimas fatais.

O afundamento destes navios levou o governo brasileiro a tomar medidas mais consistentes para o combate a essas atrocidades. Um comando único aliado foi adotado para as operações estratégicas na área do Nordeste, com a Marinha brasileira passando a fazer parte do mesmo.

A Força Naval do Nordeste, sob o comando do almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, foi incorporada à 4ª Esquadra da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, sob o comando do almirante Jonas Howard Jugram. O brigadeiro Eduardo Gomes ficou no comando das Zonas Aéreas do Norte e do

Nordeste, encarregadas do patrulhamento do litoral brasileiro, com a tarefa de proteger os navios mercantes aliados.

A rotina do quartel modificou-se completamente depois desses lamentáveis episódios. A vigilância foi redobrada em torno de Val-de-Cans, devido ao aeroporto e ao terminal de Miramar, dada a existência de explosivos ali.

Os sucessivos torpedeamentos resultaram em grande reação por parte da população. Das praças, liderados por estudantes, saíam em passeata exigindo providências contra as covardes agressões. As manifestações estenderam-se contra estabelecimentos comerciais e residências de elementos de origem japonesa, alemã e italiana que viviam na cidade.

A turba enfurecida e indisciplinada se aproveitava da situação para destruir os bens destes imigrantes. Procurava desta forma vingar os irmãos brasileiros covardemente torpedeados e mortos pelos submarinos inimigos.

Enfim, após o torpedeamento de diversos navios e forçado pelas manifestações populares, a 22 de agosto de 1942, o Brasil declara guerra às forças do Eixo. Recrudescem as hostilidades contra os de nacionalidades agora inimigas. Seus bens são confiscados e os proprietários, presos. A rotina do quartel passa a ser de máxima segurança. Os soldados são proibidos de sair. Passar o dia no quartel era uma coisa, o dia todo era demais.

O 25 de agosto de 1942 foi o dia da minha prova de fogo como militar. Exatamente no Dia do Soldado, naquele dia houve uma ordem para deslocar todo o batalhão para Belém, só ficando no quartel os recrutas com menos experiência. O sargenteante esqueceu a minha condição de mais novo no quartel e sem experiência com armas e me escalou para a guarda.

Geralmente essa guarda era feita por elementos conhecedores do manejo das armas. Eu estava com apenas 15 dias de atividades. Já tinha observado montar e desmontar metralhadoras, soldados usarem fuzis em demonstração de "apresentar armas", "ombro-armas", etc., mas ainda não tinha visto "carregar" e "' descarregar", ou seja, colocar o pente de balas no F.O.

Quando vi meu número na escala de serviço falei ao sargento, mas ele me disse que não tinha elementos para me substituir, pois o batalhão já tinha saído, e nada poderia fazer. Disse mais, que se admirava de eu ainda não saber usar as armas. Como não podia fazer nada, fiquei quieto; já aprendera no quartel que "praça antiga não se enrasca" e eu, apesar do pouco tempo de treinamento, pelo esforço e interesse, já me achava "praça antiga".

Fiquei então no quadro da guarda do quartel observando todos os movimentos dos soldados quando usavam o fuzil. Quando chegou a minha vez, o meu quarto de serviço, que seria de 2 horas por oito de folga, eram 21 h. O cabo da guarda colocou em forma os elementos que iam ser substituídos. Pensei que ia ficar num ponto de menor perigo. Acontece que fui levado para sentinela avançada entre o portão das Armas e a estrada de Icoaraci, ou seja, a mais de 100 metros da entrada do portão.

Quem tentasse se aproximar do portão teria que passar primeiro por mim. A ordem era para que ninguém passasse. Quem desobedecesse, seria passível de ser atirado. E agora? Como é que eu ia me sair dessa!?

Chegou a hora da substituição. O guarda era informado das ordens que deveria executar. Nesta hora, era feita a colocação do pente de balas no fuzil. Como já estávamos sós, eu e o outro a quem eu iria substituir, fiz-lhe a observação de que não sabia realizar a tal colocação. O cearense ficou frio: como é que eu não sabia? Respondi que só tinha 15 dias de caserna. Pedi-lhe que me mostrasse como era feito; bastaria fazer umas três vezes que eu aprenderia. O praça foi amigo, atendeu meu pedido, repetindo o movimento com o fuzil por três vezes, dizendo-me: "Lembra-te que és uma sentinela avançada!" Aquelas palavras martelaram a minha cabeça. Comecei a rezar para que as duas horas passassem sem alterações. Graças a Deus, tudo decorreu em paz.

No dia seguinte, procurei o praça cearense para agradecer. Era da 2º Companhia e se chamava Ferreira. Ficamos amigos e tudo o que sabia me ensinava. Ferreira esteve na Itália, tendo voltado depois para Belém, morrendo miseravelmente na rua, como que a demonstrar o descaso de todos, autoridades e povo, para com aqueles seus verdadeiros e esquecidos heróis.

Durante o meu primeiro mês no quartel do 34º B.C. não saí de lá. Acreditava que tinha que recuperar o tempo perdido necessário à minha formação militar. Todo tempo era pouco. Eu precisava estar apto para fazer o juramento à bandeira, juntamente com os demais recrutas. Além disso, queria me sentir capacitado para servir a minha Pátria! Então, haja a treinar, exercitar com armamentos, estudar regulamentos, aprender o significado dos toques de clarim, das sirenes, etc., além do vocabulário próprio do quartel.

Aprender com os mais velhos, os mais experientes, o significado da guerra e suas implicações para a nossa vida e para o nosso futuro. Era o longo e árduo aprendizado da guerra, cujos prazos de término e consequências eram imprevisíveis naquele momento.

O futuro era uma incógnita.

Sair do quartel e tentar chegar a Belém significava vir a pé para a cidade. Os caminhões que transportavam os operários do campo de aviação eram proibidos de transportar soldados.

Estes, que oficialmente só podiam andar fardados, quando possível saíam com a roupa comum escondida sob o uniforme ou embrulhada, o que aumentava a chance de conseguir carona nos caminhões ou nos raros veículos que trafegavam naquela área militar. Algumas vezes, os soldados para chegarem mais rápido ao quartel, punham toras no meio da estrada, obrigando os carros a pararem, ocasião em que saíam do mato onde estavam escondidos e forçavam os ocupantes do carro a dar carona.

Certa feita, ao usarem o truque da barricada, foram surpreendidos pelo ocupante do carro que parara. Era o general Zenóbio da Costa, que vinha para o quartel numa inspeção de surpresa. A carona foi dada. No quartel, o general mandou botar a tropa em forma e foi anotando as coisas que achava irregular, principalmente em relação ao fardamento. Resultado: toda a tropa pegou trinta dias de detenção. Menos eu, que faltara ao serviço naquele dia.

Quando estávamos em Belém, geralmente na volta da folga, após ter gasto energia e o nosso parco dinheirinho nas pensões alegres da zona do meretrício, tínhamos que ir para a praça Brasil de onde saiam, de madrugada, os primeiros caminhões para Val-de-Cans.

A escuridão nos protegia e acabávamos por conseguir embarcar, juntamente com os operários, o que nos poupava da longa caminhada até o quartel, além de evitar as possíveis punições pela "aventura."

A vida no quartel não era nada fácil. Ao lado das atividades militares, as atividades "civis" também eram dureza. A falta de condições era total. Apesar de contar com uma usina de força, como esta não funcionava, não havia água encanada. Os banhos eram tomados num riacho próximo. Até para satisfazemos nossas necessidades fisiológicas era complicado: se quiséssemos utilizar as instalações sanitárias do Eunice Weaver, tínhamos que carregar um balde com água, do riacho ao alojamento, isto é, uns 500 metros, num desfile ridículo ante a todos. A outra opção era "fazer o serviço" pelo

mato, indo depois direto para o igarapé. Enquanto isso, no alojamento dos americanos tudo funcionava às mil maravilhas.

Para mim, tudo valia a pena, em função dos meus objetivos e do meu ideal. Em pouco tempo eu já me sentia perfeitamente integrado ao grupo inicial dos 400 recrutas.

A partir de novembro de 1942, o 34º B.C. passaria a receber reservistas de 1ª categoria para cursos de cabo e sargento, além de novos recrutas, o que perfaria um total de 800 homens que seriam devidamente preparados para qualquer atividade militar: o **Contingente da Amazônia**.

Em 27 de setembro de 1942, o mercante *Osório*, comandado pelo capitão Almiro Galdino de Carvalho, levava trinta e nove tripulantes.

Viajava escoltado pelo contratorpedeiro americano *Rose* quando foi torpedeado pelo submarino alemão *U-514*, comandado pelo capitão Hans Jurger Auffermann, às proximidades de Salinas, morrendo cinco tripulantes no local, inclusive o capitão. Este ataque, tão próximo a Belém, aumentava o temor de ações semelhantes dirigidas à base de Val-de-Cans e à cidade em si.

O mercante *Lajes* fazia parte do mesmo comboio do *Osório*, sob a proteção do *Rose*. A eficácia da "proteção" logo se fez sentir quando, poucas horas após o ataque ao *Osório*, os comandados do capitão Osvaldo S. Silva, no *Lajes*, sentiram o impacto dos torpedos alemães. Na empreitada, três dos quarenta e nove tripulantes morreram. Os sobreviventes foram resgatados por uma pequena embarcação que navegava pela área e levados para a ilha do Mosqueiro.

Com quarenta tripulantes comandados pelo capitão Américo Moura Neves, o navio *Antonico* foi atingido pelo submarino *U-516*, sob as ordens do capitão Gerard Wiebe, quando estava a 15 milhas do Pará. Dezesseis tripulantes morreram, inclusive o capitão. Os náufragos escaparam sob o fogo intenso das metralhadoras nazistas. Era o dia 28 de setembro de 1942.

Distante do Brasil, viajando para Durban, na África do Sul, o navio *Porto Alegre*, comandado pelo capitão José Francisco P. Medeiros, foi atacado pelo submarino *U-504*, sob o comando do capitão Fritz Poske, em 3 de novembro de 1942. Levava 47 tripulantes, dos quais um não conseguiu se salvar nas baleeiras.

Estes foram os primeiros navios brasileiros a serem torpedeados após a declaração de guerra do Brasil às forças do Eixo.

No dia 19 de novembro de 1942, Dia da Bandeira, estava eu de serviço, na posição de atirador, no campo de aviação, quando chegou uma viatura do quartel procurando pelo "771".

Apresentei-me ao oficial e este perguntou-me se eu não sabia que tinha que jurar bandeira. Calei-me. O oficial pediu então ao sargento para que aquele atirador fosse substituído, pois teria que treinar o juramento para a solenidade às 10 h. Verifiquei então que só disporia de duas horas de treino.

No quartel e na Terceira Companhia, além de nós cinco paraenses, havia mais de cem homens na mesma situação. O sargento comandante da

peça de artilharia onde eu estava não aceitava a minha condição de recruta. Ele achava que eu tinha tarimba de "praça antiga". Para mim era um elogio. Além do mais, no mês seguinte, passaria de um soldo de 21 mil-réis (21 contos) para 120 mil-réis. Uma fortuna!

Então, naquele 19 de novembro, no pátio do quartel, perante as autoridades civis e militares convidadas, foi feito o juramento à bandeira da 1ª turma de recrutas do 34º B.C. Neste dia o almoço foi reforçado, tendo como sobremesa um baita pedaço de pão com goiabada, com direito à repetição!

Quando houve o acordo entre o Brasil e os Estados Unidos para a construção de uma base aeronaval em Belém, o aeroporto que a cidade contava, na época, situava-se atrás do Instituto Lauro Sodré, dando para a atual Avenida Pedro Álvares Cabral. Ali ficava instalado o 7º Corpo de Aviação do Exército. A pista tinha 500 metros. Para os aviões militares de então, *Stearman* e *Fairchild*, que atingiam uma velocidade de 180 Km/h, era o suficiente.

A comissão mista Brasil-U.S.A. logo condenou o aeroporto devido à sua localização, partindo para um levantamento da cidade, à procura de um local mais adequado para a base, em vista da utilização de hidroaviões *Catalina*.

Os hidroportos que havia estavam localizados, o da Panair na Marechal Hermes, onde hoje situa-se a usina de beneficiamento e armazenagem de trigo da Ocrim, e o de uma companhia alemã, a Condor, onde hoje é a Praça Princesa Isabel, na Condor, que tem este nome devido a tal companhia de aviação. Nenhum dos dois portos foi aprovado pela comissão. Aí, chegou-se a Val-de-Cans. Localizado a 18 quilômetros aproximadamente de Belém era o local ideal. A pista de pouso ficaria a uns 400 metros da baía de Guajará, onde os *Catalina* amerissavam e, depois, com as rodas, chegavam à pista.

Por esta razão, para atender a instalação de uma unidade militar brasileira, no caso o 34º B.C., que cuidaria da segurança da base de Val-de-Cans, foi pedido por empréstimo o Educandário Eunice Weaver, que ficava naquela área, inaugurado pela própria, uma benemérita nos serviços assistenciais aos hansenianos, por volta de 1940, e cuja função na ocasião era acolher os filhos de hansenianos internados no leprosário.

Apesar de bem construído, o Educandário não tinha infraestrutura para funcionar como quartel. Era um colégio, apenas. Havia o problema da falta de luz, não solucionado com a usina à lenha, que só funcionava durante 15 minutos, e que, por tabela, levava à falta de água, entre outras coisas.

Os banheiros e sanitários eram em número de quatro apenas, para cerca de oitocentos homens. Assim, somente os oficiais, sargentos e cabos podiam fazer uso das instalações sanitárias. Os soldados tinham que se virar nas matas da orla da baía, a uns 400 metros de distância do quartel, fato que servia para eles aproveitarem e dali rumarem para Icoaraci.

Em Icoaraci, as famílias viviam sobressaltadas pela presença dos militares. Além do medo de uma invasão à base e da proximidade desta, os soldados eram tidos como sinônimo de confusão, graças à "colaboração" de alguns, como o "Pólvora seca", já nosso conhecido. Deste modo, éramos obrigados a procurar, na vila, locais mais afastados, para os lados do matadouro do Maguari. Por lá, nas pequenas gafieiras de chão batido, era que encontrávamos as mulheres que não tinham medo dos soldados do "34".

E assim, sem água de dia, sem luz à noite e sem muita opção de companhia feminina, aquelas corajosas mariposas nos proporcionavam horas de carinho, diversão e alivio das tensões, sem nada cobrar.

Também elas teriam pouca chance para isso: o salário de recruta era de 21 mil-réis, praça mobilizado; reservistas ganhavam 120 mil. Com este dinheiro, o máximo que o recruta fazia era sair um dia e, no dia seguinte, voltar liso. Reuníamos então, três ou quatro casais, comprávamos uma garrafa de cachaça, e íamos tomar banho de lama na praia do Cruzeiro. Para Outeiro, dependíamos de canoa e podia ser arriscado não conseguir condução de volta.

Depois de adaptado à rotina do quartel, um dia formou-se um pelotão com cinquenta homens, entre soldados, cabos e sargentos, que foram levados ao aquartelamento dos americanos. Tratava-se de aprender a manejar as metralhadoras ponto 25 e ponto 50. Falando um português bem fluente, alguns oficiais ensinavam-nos a montar e desmontar tais armas, que apesar de grandes eram de fácil desmontagem, por possuírem menos peças: somente cinco. As nossas, além de antigas, tinham dez peças.

As armas americanas diferenciavam-se das nossas, de origem alemã, também pela capacidade de tiro. Enquanto as nossas disparavam entre 15 e 50 tiros, as americanas, utilizando fitas, eram capazes de disparar 500 tiros, cuja eficácia dependeria muito do municiador: a cada dez tiros, uma bala luminosa indicava a direção em que estava sendo lançada.

Após a "aula" de metralhadoras fomos aprender a construir trincheiras para defesa antiaérea. Os americanos orientavam e os trabalhadores brasileiros construíam locais de 3,50m x 1,50m, que eram equipados com as peças de artilharia onde tiraríamos serviço de 24 horas por 48 de descanso. Destas 48 horas, na verdade, só aproveitávamos 24, pois o restante era gasto no ir-e-vir, pelas distâncias e as dificuldades de transporte. Nestas folgas, ou visitávamos os parentes em Belém, ou fazíamos nossas farrinhas, já comentadas.

Tendo prestado o juramento à bandeira com apenas três meses de caserna passara a mobilizado, situação militar normalmente adquirida pelo recruta após o curso de formação que durava seis meses. Penso que, devido à situação em que nos encontrávamos, foi resumido este período.

Quanto aos americanos, estes não manifestavam muita confiança na eficiência do soldado brasileiro como segurança do campo de aviação. Mas como o governo brasileiro não permitiu que o campo fosse guarnecido pelos gringos, estes instituíram um sistema paralelo de fiscalização, durante as 12 horas em que os aviões em trânsito para a África permaneciam em Belém.

No horário de 16h às 4h da manhã, enquanto era feito o serviço de revisão e manutenção, ao lado de cada avião ficava um soldado americano com uma pistola 45 de sentinela.

Os soldados do "34" tomavam conta do campo de aviação e os americanos dos seus aviões. Como as peças de artilharia ficavam em pontos estratégicos, eles tinham sempre que passar por onde estas estavam quando se dirigiam a Belém em seus jipes. E lógico, aproveitavam para tirar suas

conclusões: "Tudo bem? Vamos a Belém". "Não se esqueçam do cigarro"... E logo ganhávamos uma carteira de *Pall Mall* ou *Camel*.

Muitas vezes, altas horas da madrugada, quando retornavam ao quartel, vinham bem devagar, davam sinal de luz, identificavam-se e passavam para seus alojamentos. Para nós isto parecia mais fiscalização para com o nosso serviço de sentinela do que propriamente cautela.

Depois da declaração de guerra houve várias transferências para o “34" de soldados promovidos a cabo, como Fernando, Orlando e Araújo; a sargentos, como Freitas e Vinícius, além de soldados, como Sampaio, Sauma e Rocha Pereira. Eram mais paraenses a servir naquela corporação, juntando-se aos cinco iniciais, embora todos estivéssemos integrados ao espírito de equipe e união que havia no quartel. Com os americanos era diferente. Apesar de alguns contatos e alguma amizade, eles eram de pouca conversa, reforçado pela barreira da língua, que aos troncos e barrancos íamos, de parte a parte driblando, fazendo-nos entender.

Em determinada ocasião, Elmar, um americano com quem já havia conversado várias vezes a respeito de armas, sempre que me encontrava batia um bom papo sobre os costumes do nosso país. Ele se admirava da ausência de discriminação racial entre os soldados brasileiros. Comentava sua surpresa em ver um negro comandando brancos, tendo em vista que este não era graduado. Eu dizia ao americano que, para nós, "antiguidade era posto". Ele replicava dizendo que na América os negros tinham unidades próprias, não se misturando aos brancos. Meu contra-argumento era de que, no Brasil, não tínhamos tempo para esse tipo de discussão ou separação.

Em Belém, os americanos tinham locais separados para sua diversão. Eram os chamados "U.S.O.", casas arranjadas pelas próprias autoridades americanas, onde era proibida a entrada de brasileiros. Ali os gringos divertiam-se com as brasileiras "namoradeiras", que na briga do dólar contra o mil-réis, já sabíamos quem venceria. Isto, às vezes, causava algum mal-estar entre os brasileiros, que achavam haver uma certa manipulação e discriminação em sua própria terra.

Os simpatizantes das ideias integralistas aproveitavam para dizer que os americanos já haviam até tomado conta da cidade. Até a zona do meretrício sofria influência da situação. Nas pensões de primeira categoria da General Gurjão, ambientes mais refinados como a *pensão da Anita*, o *Corredor Polonês* e o *Hollywood*, entre outros, o predomínio era dos gringos e seus dólares. A nós, da turma do mil-réis, restavam as pensões mais simples da 1º de março, Riachuelo e Padre Prudêncio.

Além dos "U.S.O.”, que consistiam em locais adaptados, com bar, salão de dança e outras coisas mais, de uso exclusivo dos militares americanos, havia outros estabelecimentos onde ocorria a confraternização entre brasileiros e americanos, sem briga, com muita bebida e mulheres. Um destes era o Liberto Esporte Clube, agremiação de nome sui-generis, que ficava na Padre Eutíquio com a praça Batista Campos. Ali, democraticamente, disputávamos as garotas sem constrangimento, numa peleja onde a lábia brasileira ombreava com a força do dólar.

Certa vez, John, um sargento americano, recebeu uma missão um tanto difícil: teria que conseguir uma visita para alguém a uma peça ponto 50 que ficava na cabeceira da pista. Eu estava de atirador na referida peça, eram

16h30 e acabavam de chegar vários aviões americanos: bombardeiros, caças e aviões de transporte.

John aproximou-se após saltar do jipe a uns 200 metros, fazendo um sinal para que eu fosse até ele. Atendi. Ao chegar perto cumprimentei-o com uma continência, pois ele era um sargento. Disse-me, então, o americano: "Tony, está ali, naquele jipe, uma senhora que gostaria de ver como vocês, soldados brasileiros, se comportam em suas posições de combate, aqui em Val-de-Cans".

Eu disse ao americano que primeiro teria que comunicar ao sargento comandante da peça e solicitar-lhe esta permissão.

Pedi 10 minutos e voltei à peça para falar com o meu superior. "Uma mulher?! É bem a mulher do comandante", disse-me o sargento. "Diga ao sargento John que pode vir". Em seguida, ordenou ao cabo que colocasse toda a guarnição em formação.

Voltei ao sargento americano e dei-lhe o sinal de que havia sido permitida a visita. O jipe se aproximou da peça, a tal senhora permaneceu no carro, de onde saltou um major acompanhado do sargento, que fazia às vezes de intérprete, perguntando para nós em português o que o major desejava saber e traduzindo para o inglês, de modo que o oficial americano entendesse.

O americano queria saber o tempo de duração do nosso serviço na peça, se as acomodações eram boas; pediu para ver a trincheira - aquele espaço de 3,50m x 1,50m com três mantas estiradas naquele chão úmido. "Vocês dormem somente nesta manta, sem colchão?!" Sim. "Está tudo bem com vocês?" Ótimo. "Parabéns! Vocês são uns abnegados. Viva o país de vocês!" Por último, informou-se de que o serviço de sentinela era realizado sempre por duas pessoas: o atirador e o municiador.

Após examinar tudo, o major agradeceu a atenção e voltou ao jipe, onde permanecia a senhora, que parecia ouvir com bastante atenção o diálogo entre os dois militares. Então, a referida mulher saltou do carro e em inglês agradeceu a acolhida e a deferência, partindo os americanos logo após.

A visita estranha e inesperada rendeu comentários e interrogações. Aquela senhora deveria ser a mãe do major a querer saber onde o filho estava lutando, com certeza. As risadas espocavam pela trincheira.

Dias depois, o Boletim do quartel publicava um elogio à Companhia de Metralhadoras antiaérea pela eficiência com que os soldados brasileiros faziam a segurança do campo de aviação e a cada um dos elementos que compunham as peças de metralhadora. A esposa do presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Sra. Eleanor Roosevelt, fazia questão de agradecer a amabilidade recebida por parte dos militares brasileiros a quando da sua visita às peças de artilharia que protegiam o campo de aviação e os americanos em Val-de-Cans!

No quartel, depois da leitura do Boletim, nós, os elementos da peça, comentávamos: "Como é, sargento, a mulher era mulher do presidente americano e não mãe do major". E acrescentávamos que tínhamos escapado

de uma punição por não termos reconhecido a 1ª dama da nação americana. Ou será que ela estava fiscalizando as tropas aliadas em nome do marido? E tratamos de sair o mais rápido possível do quartel, pois era a nossa folga de 48 horas.

Era comum os soldados saírem do quartel tão logo deixavam o serviço; poderíamos aproveitar para dormir, só levantando para as refeições. Acontece que um jargão militar ensina que "soldado de folga no quartel só quer duas coisas: serviço ou xadrez". Por isso, muitas vezes, os praças dispensados do serviço no quartel por estarem à disposição da vigilância e da segurança do campo de aviação, eram obrigados a tirar serviço quando faltavam elementos escalados para tal função.

Assim, muitos praças, quando largavam do serviço nas peças, passavam rapidamente no quartel para deixarem suas armas e equipamentos, pegavam suas coisas, rumavam para o maravilhoso banheiro improvisado à beira do igarapé, a 300 metros do quartel, tomavam seu banho, trocavam de roupa e, ao invés de retornarem para o alojamento, seguiam direto para Icoaraci ou Belém, conforme a disposição.

Era melhor que dormir no quartel, arriscado a tirar o serviço dos faltosos, ou se meter em alguma outra confusão.

Enquanto assistíamos ao torpedeamento dos nossos navios por parte dos nazifascistas, treinávamos com vistas à guerra e até nos divertíamos nas horas vagas, o conflito mundial prosseguia em seu mar de fogo e sangue nos campos da Europa e da África.

De outubro de 1942 a maio de 1943, as forças aliadas anglo-americanas lançam-se em uma grande empreitada na África, na operação "Autorcha". Rommel é derrotado, as tropas invadem os territórios franceses no norte da África, onde estavam sediadas as tropas italianas, libertando o Egito.

Em junho de 1943, os americanos desembarcam na Sicília, provocando a queda de Mussolini, em 24 de julho, e a capitulação da Itália, em 3 de outubro. A essa altura os "invencíveis" alemães começam a sentir a força da resistência dos povos que desejavam a liberdade.

Em 22 de novembro de 1942, o navio brasileiro *Apalóide*, comandado pelo capitão José Santos Silva, após sair de Belém rumo as Antilhas, é torpedeado pelo submarino alemão *U-163*, sob o comando do capitão Kurt Eduard Engelman, morrendo cinco dos cinquenta e sete tripulantes. Este foi o último navio brasileiro destruído no ano de 1942.

Em 1943, com a oficialização da 1ª Companhia de Artilharia Antiaérea, sob o comando do capitão Janary Gentil Nunes, e a transferência do 26º B.C. de Nazaré para a atual avenida Almirante Barroso, o 34º B.C. vem para Belém, ocupando o antigo local em que estivera o 26, no largo de Nazaré.

No Brasil, em março de 1943, o presidente Getúlio Vargas aprova uma proposta do ministério da Guerra para a preparação de um Corpo Expedicionário, com o intuito de colaborar com as forças aliadas em operações de guerra, conforme o acertado entre Getúlio e Roosevelt, em reunião ocorrida em Maceió, em janeiro, e que contou com a presença do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra.

Nesta reunião foi sondada a possibilidade do envio de tropas brasileiras para ocuparem as ilhas dos Açores, da Madeira e do Sol, onde havia posições estratégicas, liberando os Estados Unidos desta tarefa. Para Roosevelt isto era viável, baseado na amizade Brasil-Portugal, ao que Vargas replicou dizendo que as tropas iriam se os americanos enviassem material adequado para a tarefa.

Ainda em janeiro, após a reunião de Maceió, o ministro Leitão da Cunha vai à África, como representante brasileiro, para contato com autoridades francesas, que ocupavam territórios ao norte, e conferencia também com americanos ali atuando.

No mesmo mês, o brigadeiro Eduardo Gomes, comandante das bases aéreas do Nordeste, segue para a África em viagem de observação.

Na cidade de Ujuba, sede do 5º Exército americano, o brigadeiro trava contato com os chefes militares americanos em campo de batalha. O fato interessante é que o general Mark Clark, comandante do 5º Exército, afirma que gostaria de ter tropas brasileiras na África e que estas poderiam ficar ao

longo da fronteira com o Marrocos espanhol. Para ele, isto seria facilitado pelas boas relações de amizade existentes entre espanhóis e brasileiros.

Pelo acordo firmado com os americanos em Maceió, o Brasil se comprometia a enviar ao front um Corpo Expedicionário constituído de três Divisões, perfazendo um total de 75 a 100 mil homens. Dessas Divisões, uma seria oriunda do Centro, outra do Norte, tendo assim a Amazônia que prepará-la, e outra mais saindo do Sul do país.

Em 9 de agosto de 1943 era criada a FEB (Força Expedicionária Brasileira), através da portaria ministerial nº 4744, publicada em Boletim Reservado do dia 13 do mesmo mês, e constituída, inicialmente, de uma Divisão de Infantaria Expedicionária e órgãos não-divisionários.

Em Belém, como o 34º B.C. era uma unidade militar preparada para a guerra, esta ficou logo à disposição da FEB, alojada que estava no antigo quartel do 26º B.C., na praça Justo Chermont, por trás da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

Em Val-de-Cans ficaria a Iª Companhia Independente de Metralhadoras, composta por vários elementos que tinham pertencido ao 34º B.C., para dar continuação à antiga função desempenhada por este, que era a de proteger a Base Aeronaval de Val-de-Cans, principalmente em relação ao seu campo de pouso, devido às atividades dos aviões americanos em sua escalada para a África. Contudo, agora, os novos defensores de Val-de-Cans viram aumentada a sua responsabilidade naquela área, uma vez que além daquele setor, sua atuação estendeu-se também até o então território do Amapá, sem contar que por aqui, o alcance de suas atividades passou a abranger o município de Igarapé-Açu, onde se localizava umas das inúmeras torres dos conhecidos *Blimps*, dirigíveis norte-americanos utilizados na cobertura dos comboios aliados.

Durante 12 meses os elementos do 34º B.C. tiveram um treinamento de guerra para a guerra, razão por que estavam preparados para embarcar. Entretanto, agora instalados em Belém, os 800 homens seriam submetidos a novas modalidades de treinamentos, tais como: marchas forçadas de 20 a 24Km, bivaques (área ou modalidade de estacionamento em que a tropa só dispõe de abrigos naturais, especialmente árvores), acampamentos, treinamentos com canhões anti-carro de 37mm, manobras noturnas, patrulhas de reconhecimento nas áreas do Entroncamento e Marituba, etc.

Com o 34º B.C. em Belém havia algumas vantagens; a principal era estar na cidade, o que antes pouco acontecia, devido à distância e a dificuldade de transporte de Val-de-Cans para Belém.

Decorriam os preparativos para a transferência da nossa unidade para Belém, quando a 18 de fevereiro de 1943 o mercante *Brasilóide*, com quarenta e seis tripulantes e quatro passageiros, foi torpedeado pelo submarino *U-518*, comandado pelo capitão Friederich W. Wissemann. Felizmente, os comandados do capitão Eurico G. Souza conseguiram se salvar. O navio fora confundido com o mercante *Midosi*, do Lóide Brasileiro, que trazia munição dos

Estados Unidos para o Brasil. Esta foi a desculpa dada pelo comandante alemão aos náufragos. Os quinta-colunistas eram eficientes, mas, às vezes, cometiam enganos.

No dia 2 de março de 1943, foi a vez do navio *Afonso Pena*. O capitão Euclides A. Basilio navegava na costa africana, próximo ao cabo da Boa Esperança, quando foi atingido pelo submarino *Barbarigo*, comandado pelo capitão Roberto Rigoli. Dos cento e cinquenta e três passageiros e oitenta e nove tripulantes pereceram trinta e três e noventa e dois, respectivamente.

Em 7 de maio de 1943, Túnis é libertada pelas tropas aliadas. Termina o domínio nazista no norte da África. O poderoso *Afrika Korps,* do marechal Erwin Von Rommel, que iniciara seu desembarque na África, em 12 de fevereiro de 1941, é derrotado definitivamente a 12 de maio de 1943.

Após três meses de trégua nos ataques a navios brasileiros, em 30 de junho de 1943 o pequeno cargueiro *Tutóia*, comandado pelo capitão Acácio A. Faria, é torpedeado no Mar das Antilhas pelo submarino alemão *U-153*, comandado pelo capitão Friederich Guggemberger. O *Tutóia* levava trinta e sete tripulantes, dos quais sete morreram no ataque.

Transferido para Belém, na praça Justo Chermont, a vida agora era melhor que na verdadeira zona de guerra que era a base de Val-de-Cans. Apesar de o quartel ser velho e precisar de reparos e limpeza — que acabaram sendo feitas por nós — a nova "casa" do 34º B.C. oferecia condições melhores do que o Educandário Eunice Weaver. Só o fato de haver banheiros e sanitários, com água e tudo, e podermos usá-los, já era uma coisa e tanto.

A rotina em Nazaré era mais ou menos como a de Val-de-Cans: alvorada às 5 h, porém sem o barulho dos aviões americanos em direção a África, hasteamento da bandeira às 8 h, seguida de formatura, troca de serviço e educação física na praça; para mostrar aos cidadãos que éramos disciplinados, ordem unida e maneabilidade nos pavilhões da praça.

Como havia a suspeita da presença de informantes alemães na cidade, por várias vezes tínhamos que realizar patrulhas noturnas com o intuito de descobrir esses elementos em locais suspeitos. À noite, a cidade era precária em iluminação, o que poderia ajudar a encontrar locais onde porventura estivessem se processando transmissões clandestinas de rádio informando posições de navios ou relacionadas à possíveis tentativas de invasão.

Isto, aos poucos, foi alterando a rotina do quartel. A ação dos espiões alemães era cada vez mais atenciosa, haja vista as informações sobre navios saídos do porto de Belém. Por isso, cada dia ficava de prontidão no quartel uma companhia de 150 homens armados com balas reais e que dormiam com todos os seus equipamentos, pois a qualquer momento poderiam ser acionados para entrarem em ação.

Havia ocasião em que todo o batalhão ficava de prontidão, armado até os dentes, pronto para qualquer eventualidade. Com isso, suspendiam-se as nossas folgas e, consequentemente, os nossos passeios à zona do meretrício, no bairro do Comércio.

Para os que se arriscavam a contrariar as ordens havia de prontidão no Q.G. da 8ª Região, na praça da Bandeira, uma guarnição composta de cinquenta homens, cuja função era a de policiar a área do Comércio, a zona do meretrício e o cais do porto. Todo militar que fosse encontrado na rua após às 22 h era recolhido ao seu quartel, permanecendo preso por 30 dias.

Os mais afoitos, ao fugirem do quartel, tinham que se livrar também dessas patrulhas mistas comandadas por um oficial do Exército e três sargentos: um do Exército, um da Marinha e um da Aeronáutica. Os soldados, então, procuravam os subúrbios mais afastados, como o Jurunas, onde ficava a sede do "União e Firmeza"; a Cremação, na sede do "20 de Março", atual "Norte Brasileiro"; em São Brás, no "Fortaleza", que ficava por trás do mercado, e o "Paraíso", no início da Tito Franco, hoje Almirante Barroso. Geralmente nesses locais podíamos nos divertir, apesar de fardados; as patrulhas não "pensavam" em nos encontrar. Como era guerra, tudo era aceito com a maior naturalidade e até esportividade.

No início de agosto de 1943, o esquema de prontidão tornou-se mais rígido e mais frequente. Não podíamos sair do quartel em nenhum momento, passando o dia e a noite no local; nem mesmo os oficiais podiam se ausentar. A princípio, julgamos ser marcação para com os soldados, mas depois dessa com os oficiais...

Não dava para disfarçar: alguma coisa estava acontecendo ou por acontecer. Após às 18 h, os oficiais saíam do quartel em grupos de três e depois retornavam. Nada transpirava para os praças. Curioso, tentei, por meio da confiança em mim depositada pelo tenente Alésio, arrancar deste qualquer informação. Após relutar um pouco, o tenente me segredou que se suspeitava da existência de informantes agindo às proximidades do quartel; era preciso vigiar os prédios altos de onde poderiam estar sendo emitidos sinais luminosos.

Eu disse a ele: "Tenente, prédio alto por aqui só a igreja de Nazaré!". Ele replicou dizendo: "Não são italianos?I" A resposta deixou-me apreensivo: nem a igreja da nossa santa padroeira era respeitada ou estava fora de suspeita?!

Com o objetivo de colaborar na formação da Força Expedicionária, estiveram no Brasil vários oficiais americanos orientando e dando instrução aos nossos soldados, assim como vários oficiais brasileiros foram realizar estágios nos Estados Unidos, a fim de familiarizarem-se com os armamentos americanos.

A atuação do soldado brasileiro no exterior dependeria das suas condições físicas, biológicas e psicológicas para uma guerra fora do continente. Por isso, seria necessária a convocação de muitos elementos, voluntários ou não, para que se pudesse fazer uma adequada seleção de pessoal. Aí é que se iria conhecer verdadeiramente os jovens que na hora protestavam, aos brados, contra os ataques à soberania brasileira, na base do "Queremos justiça para os nossos patrícios da Marinha Mercante, covardemente mortos pelos torpedos nazistas! Exigimos que o Brasil declare guerra ao Eixo! Deem-nos armas! Queremos vingar nossos irmãos brasileiros!!"

Da grande turba que lotava as ruas e praças em passeatas e discursos inflamados, somente uns vinte teriam a coragem de se apresentarem para o alistamento. Os outros, quando convocados, com medo de embarcarem, tratariam de arranjar dispensa. Simulariam doenças, arranjariam atestados falsos, diriam ser "arrimo de família", etc. Eles se apavoravam com a simples ideia de vestir uma farda verde-oliva e ter de lutar de verdade no exterior.

Como diz o antigo ditado: "Falar é fácil, agir é que são elas!"

O ano de 1943 marcou a reação das forças aliadas contra os componentes do Eixo. Ao longo de todo ano, as vitórias e conquistas aliadas vão restringindo cada vez mais as ações inimigas, o que culminaria com a derrota final de 1945.

Após a conferência de Casablanca entre Churchill e Roosevelt, em janeiro de 1943, os russos rompem o cerco de Leningrado, com a capitulação ocorrendo a 31 de janeiro. Este fato determinaria o início da reação aliada. Os acontecimentos que ocorrem posteriormente serão fundamentais para o destino da guerra e do mundo.

Em Belém, ouvia-se pelo rádio as notícias da guerra. Os aliados bombardeiam Berlim em 1º, 27 e 29 de março.

Em maio, acontece outra conferência entre Churchill e Roosevelt, agora em Washington, entre 11 e 25 de maio.

Em 10 de julho, os aliados invadem a Sicília e bombardeiam Roma. Por quatro dias seguidos: 24, 27 e 29 de julho e 2 de agosto, a aviação aliada bombardeia Hamburgo.

Na Itália, Mussolini é deposto e preso, com o marechal Badoglio assumindo o poder. Os aliados desembarcam na Calábria; a Itália capitula em 13 de setembro, mas Roma ainda é ocupada pelos alemães.

Em 10 de setembro, Mussolini é libertado pelo coronel alemão Otto Skozerny e proclama em Salo a República Social Italiana. O governo pró-aliado da Itália declara guerra à Alemanha em 13 de setembro.

Os exércitos americano e inglês encontram-se na Itália; bombardeio aliado a Nápoles em 16 de setembro.

Em 6 de novembro, o Exército Vermelho liberta Kiev. Bombardeio aliado a Berlim em 22, 23 e 26 de novembro. Conferência de Teerã, entre Churchill, Roosevelt e Stalin, nos dias 28 de novembro e 1º de dezembro.

Novo bombardeio aliado a Berlim em 2, 16, 23 e 29 de dezembro. O general Eisenhower é nomeado comandante supremo das forças de invasão aliadas na Europa.

Em 5 de agosto de 1943 soou o alarme geral no quartel do 34º B.C., às 2 h da manhã. Todo o batalhão entrou em forma e foi equipado para combate. Eu era atirador de F.M., arma com um pente de quinze tiros, e fui equipado com 1500 balas, isto é, 100 pentes. Rumamos em direção a Miramar.

O 34º B.C. ficou posicionado nas imediações dos estaleiros da então S.N.A.P.P., hoje ENASA-CDP, e da atual Base Naval de Val-de-Cans.

Éramos comandados pelo maior Túlio Beleza; nada sabíamos do que estava acontecendo, apenas cumpríamos ordens e preparavam-nos para um combate.

Da posição em que eu estava fiquei imaginando o que estaria acontecendo ali, uns 1000 metros mais adiante. Será que estão tentando tomar a base dos aliados? Como será que está a 1ª Companhia de Metralhadoras, que lá ficou em substituição ao "34"?...

Em seguida, soubemos que o 26º B.C., sob o comando do coronel Henrique Teixeira Lott, partira do seu quartel na Almirante Barroso, penetrando em direção a Val-de-Cans, pelo ramal que ligava então o quartel ao que hoje se conhece como Pratinha-Tapanã.

Estava assim o campo de aviação protegido por um cinturão: à esquerda, do Terminal de Miramar até à entrada do aeroporto, o 34º B.C.; a direita, o 26º B.C.

A operação mobilizaria 2.500 homens, tendo em vista os extremos pontos de defesa – o forte do Castelo e Mosqueiro –, com suas unidades de artilharia, bateria da costa e artilharia móvel, desta fazendo parte o tenente Jarbas Passarinho.

Precisamente às 6 h da manhã, fomos alertados pelo barulho de aviões que rumavam em direção à baía de Guajará. Eram três ou quatro aviões brasileiros que partiam de sua pista na 1ª Zona Aérea, comandados por Serra de Menezes, para dar cobertura à operação de combate.

Segundo comentários da época, um ataque a Val-de-Cans era possível, tendo em vista a importância daquele local, o que colocava em evidência as atividades dos quinta-colunistas a serviço do Eixo, que no Brasil eram estimados em cerca de 300 mil. De acordo com as informações, esses elementos tinham contato com navios-corsários e submarinos, que estavam orientados para operações de desembarque. Falava-se que, dos doze submarinos em ação em águas brasileiras, quatro estariam no norte do Brasil, haja vista o torpedeamento de navios mercantes próximo a Salinas e Mosqueiro.

Permanecemos até às 12 h no local. Da posição em que estávamos não sabíamos nada do que ocorria em mar aberto, a partir de quinze milhas. Nossa posição de combate era somente para efeito de deter o desembarque de tropas inimigas.

Dias depois desta manobra, viemos a saber do afundamento de um submarino alemão, o *U-590*, que tinha como comandante o capitão Werner Kruer, que no dia 4 de julho de 1943 afundara o *Pelotaslóide*, comandado pelo capitão Jony Pereira Máximo, às proximidades de Salinas após o mercante ter deixado o prático da barra naquela cidade. O navio brasileiro levava quarenta e dois tripulantes, tendo morrido cinco destes. Depois de torpedeado, o *Pelotaslóide* ainda tentou chegar a Bragança, onde até hoje pode ser vista a sua carcaça em frente aquele município.

O 35º B.C., comandado pelo coronel Pires Camargo, que operava na segurança da área bragantina, procurou vasculhar todo o setor sob sua jurisdição, visando a sustar possíveis desembarques de tropas a serviço do Nazifascismo.

A Marinha de Guerra, através do 4º D.N. foi acionada, e suas unidades baseadas em Belém, os navios *Mário Alves* e *Amapá*, deslocaram-se para a costa do Pará e do Amapá, recolhendo os sobreviventes do submarino alemão.

Entre os náufragos um italiano que já havia visitado várias vezes o porto de Belém e conhecia bem a entrada do canal de acesso ao Rio Pará, que conduz ao nosso porto!! Depois desta operação e seus desdobramentos, ficou mais do que provado o valor estratégico da Base de Val-de-Cans.

A mobilização de agosto de 1943 não foi a única, apesar de ter sido em razão de uma ameaça real. Fazendo parte do nosso adestramento para a guerra, mobilizações semelhantes foram realizadas diversas vezes.

À medida que o tempo passava, com o recrudescimento das ações de guerra, incluindo-se os ataques a navios em nossas águas territoriais, era cada vez mais iminente o Brasil ter que participar diretamente da guerra. Por isso, nossas atividades se intensificavam, os exercícios tornavam-se mais rigorosos. Era preciso estar preparado. A qualquer hora, poderíamos ser chamados para viajar para o Rio de Janeiro e de lá para o teatro de operações.

Assim sendo, o 34º B.C. incrementava sua movimentação. Eram marchas de 12 a 24 quilômetros em direção ao furo do Maguari, ao longo da estrada de Bragança, para Marituba, Benevides e Ananindeua. O objetivo era manter ativo fisicamente aquele efetivo de 800 homens, que teria depois como subcomandante o capitão Albuquerque Maranhão, transferido do 26º B.C. para o nosso 34º B.C.

O capitão Maranhão era um militar muito exigente, ríspido nos seus modos e com fama de grande disciplinador. O motivo da sua transferência para o 34º B.C. foi este: o conceito que os componentes da nossa corporação gozavam na cidade era o pior possível. Isto talvez se devesse ao fato da unidade congregar elementos oriundos de vários estados e que, em aqui chegando, sentiam a falta da família, estranhavam a cidade, às vezes tinham sido convocados a contragosto, etc., com tudo isto influindo no comportamento geral da turma.

Do "currículo recente" do capitão Maranhão constava a expulsão de cinquenta elementos do 26º B.C. por indisciplina.

Tínhamos que ficar de olho no nosso novo subcomandante e comandante da Companhia de metralhadoras. Homem temido, nada lhe escapava ao conhecimento. Assim, sob às ordens do "nosso" capitão, éramos submetidos a vários tipos de exercícios forçados, no largo de Nazaré, a demonstrar aos que passavam nos bondes com destino ao Comércio ou São Brás, pelas avenidas Nazaré ou Generalíssimo, que aqueles militares eram disciplinados.

Preocupados com as medidas disciplinadoras do capitão Maranhão, nem sempre sabíamos logo o que acontecia no resto do país.

Em 31 de julho de 1943, o navio marcante *Bajé* é torpedeado pelo submarino alemão *U-155*, comandado pelo capitão August Maus. O navio brasileiro saíra de Recife, comandado pelo capitão Arthur Monteiro Guimarães, e levava cento e sete tripulantes e vinte e sete passageiros. No ataque morreram vinte tripulantes e oito passageiros.

No dia 26 de setembro foi a vez no *Itapagé*. Não muito distante do porto de Santos foi atingido pelos torpedos do submarino *U-161*, sob o comando do capitão Albrecht A. Achilles. O navio brasileiro era comandado pelo capitão Antônio da Barra, levava trinta e seis passageiros e setenta tripulantes, dos quais, quatro passageiros e dezoito tripulantes vieram a falecer.

A situação do Pará tornava-se cada vez mais crítica em relação ao abastecimento, pois dependia da navegação para tal, e os portos estavam sujeitos à sabotagem. Deste modo, nas nossas manobras de adestramento, os locais visados eram sempre as áreas costeiras.

Para o general Zacarias de Assumpção, da 8ª R.M., as manobras deveriam alcançar as cercanias de Belém, Ananindeua e Benevides, visando a proteção de Icoaraci e Mosqueiro, além de Igarapé-Açu, pela proximidade de Salinas e Bragança, onde havia uma unidade militar, o 35º BC.

Saíamos do quartel às 7 h da manhã e só regressávamos à noite. Às vezes, eram 8, 12 e até 24 quilômetros de marcha. Quase sempre tínhamos que improvisar refeições, comendo frutas silvestres ou comprando alguma coisa nas pequenas mercearias que encontrávamos porventura nos alto-horários. Diziam-nos que tudo isto fazia parte dos treinamentos.

Numa das manobras semanais fizemos Igarapé-Açu-Maracanã.

O batalhão deslocou-se de Belém de trem e de lá seguiu a pé para Maracanã. Saímos de Belém às 7 h da manhã de uma segunda-feira. De Belém a Igarapé-Açu eram 120 quilômetros a bordo dos velhos maria fumaça da extinta Estrada de Ferro de Bragança, só parando para abastecer de água a máquina. Isto significava paradas a cada 2 horas, quando aproveitávamos para nos embrenhar nas matas, a fim de satisfazermos as nossas necessidades fisiológicas.

O trem que nos levara até Igarapé-Açu era misto, quer dizer transportava tanto passageiros quanto carga. Os oficiais e sargentos iam nos vagões de passageiros e nós, os praças, nos de carga. Chegamos a Igarapé-Açu às 16 h. Sem almoçar, desembarcamos e pensamos que íamos ficar na cidade. Ilusão.

Todo o batalhão em forma, recebemos ordens para marchar até Maracanã. Reclamamos aos sargentos e estes diziam: "Isto faz parte da guerra!" Como eles estavam na mesma situação que nós, juntamente com os oficiais, tentamos nos convencer e prosseguimos na jornada.

Após marcharmos uns 10 quilômetros, já bem distante da cidade, foi-nos ordenado uma parada para acampar fora da estrada, uns 60 metros para dentro das capoeiras do local. No acampamento, cansados da viagem e com fome, procuramos alguma coisa para comer. Só havia aquilo que sempre o praça levava de reserva: bolachas. Depois, foi providenciada a dormida sobre as mantas que faziam parte do equipamento. Estas nos serviram de cama, colchão e lençol.

No dia seguinte, terça-feira, após o café, às 8 h, seguimos viagem em direção a Maracanã. Quando já havíamos caminhado uns 14 quilômetros, veio a orientação para entrarmos mato adentro e localizar a orla do município. Em grupos de combate, deveríamos detectar pontos que pudessem servir para desembarque de tropas. Naquela área de mais de 5 quilômetros de extensão, foi organizado o acampamento. A tropa foi distribuída em vários grupos,

formando um cinturão em tomo da margem do rio. Esta parada significava que o batalhão estava pronto, em posição de combate.

Às 12 h foi servido o almoço; a cozinha ambulante seguia com a tropa. O dia todo e a noite foram organizados exercícios de reconhecimento, onde, conforme a posição, ficava localizada uma peça de metralhadora *Hothkiss* e um grupo de combate composto por quinze elementos. Cada companhia era responsável por uma área de 150 metros, como ponto de vigilância e segurança.

No amanhecer da quarta-feira, tivemos a informação que o inimigo tinha cortado as linhas de abastecimento. Passamos a achar que aquela "guerra" era injusta: passar fome por mais 24 horas!?

Na quinta-feira, soubemos da presença, na área, do general Zacarias de Assumpção, comandante da 8ª R.M., que estava inspecionando as manobras. Depois da visita e revista recebemos ordens para nos dirigirmos ao rancho, que ficava mais 5 quilômetros adiante.

A satisfação de saber que íamos comer levou-nos a ficar alegres e bem-dispostos. Terminara aquela "guerra". Precisamente às 14 h chegamos onde estava localizada a cozinha. Alguns comeram bastante, outros não tiveram nem coragem para isso.

Às 17 h recebemos ordens para nos deslocarmos de volta a Igarapé Açu. Seriam mais 24 quilômetros de marcha. O entusiasmo de voltar à cidade nos encorajava. Às 2 h da manhã, 9 horas depois, chegamos à estação de Igarapé-Açu, onde o trem nos esperava para trazer-nos de volta a Belém. Cansados, tratamos de dormir.

Acordamos às 7 h, numa parada já próximo de Belém, onde foi servido um café. Às 11 da manhã chegávamos ao quartel. Depois da entrega do material, o capitão Maranhão, orgulhoso com o elogio que recebera do comandante da Região pela atuação do batalhão nas manobras, dispensou toda a Companhia de metralhadoras por 48 horas. A partir daí sua opinião mudou em relação ao conceito disciplinar dos seus soldados. Ele que tinha a fama de expulsar, punir, passou a dispensar as faltas que os sargentos enviavam em relação aos subordinados.

Quando mais tarde o capitão Maranhão assumiu o sub-rogando do batalhão, fez questão de promover uma demonstração pública da disciplina dos seus comandados: organizou uma marcha pela cidade, saindo do quartel, em Nazaré, indo à praça da República e voltando, contornando duas vezes as duas praças, perfazendo um total de 8 quilômetros, numa demonstração de ordem unida, com o batalhão todo equipado para manobras.

Recebeu novo elogio da 8a R.M., agora extensivo a todos os elementos da unidade, pelo garbo e disciplina apresentados durante o desfile. Isto serviu também para melhorar o conceito dos praças junto às moças da cidade, ajudando a afastar a fama que tínhamos de indisciplinados.

Uma companhia de metralhadoras é a base de um batalhão. Na companhia geralmente estão os praças mais antigos, oriundos das companhias de fuzileiros, cuja função é o manejo de armas mais complexas. Enquanto na companhia de fuzileiros utilizam-se apenas fuzis, fuzis-metralhadoras e granadas, na de metralhadoras conta-se também, além das metralhadoras, com seção de morteiros e de canhões anti-carro, de 37 mm.

Os soldados mineiros, oriundos do 11º R.I., de São João del Rei, num total de setenta, pertenciam à Companhia de Metralhadoras e também ao Pelotão Especial. Além desta especialização militar, os mineiros tinham outras atividades fora da rotina militar: eram soldados operários, cozinheiros, eletricistas, encanadores e encarregados do rancho. Também nos esportes destacavam-se, sendo geralmente premiados nas disputas de futebol, vôlei, basquete e bola militar.

Pois, esses mineiros, aquando do desfile de sete de setembro, observaram que no 26º B.C. havia um carneiro que era mantido como mascote da Corporação. Logo vieram a questionar por que o 34º B.C. não possuía também o seu. Como obtiveram resposta negativa por parte do comando, com seu espírito brincalhão e despachados que eram, trataram de dar o seu jeito.

Um dia, apareceu em nosso quartel, sabe-se lá por obra de quem, um carneiro que ninguém sabia a procedência. Escondido foi ficando tornando-se cria da casa e nosso mascote, apesar das marradas que dava em nosso comandante, quando este estava inspecionando as companhias. O carneiro ganhou até um nome — Bito — e fama. Era uma espécie de advogado de defesa dos praças, anulando as “partes” que o sargenteante dava dos soldados.

As queixas eram deixadas sobre a mesa do comandante para que o mesmo as assinasse. Pela manhã, o ordenança era avisado da existência das queixas e acionava o carneiro para entrar na sala do comando. Como Bito gostava de comer papel, as partes eram devidamente "despachadas" digestivamente pelo carneiro.

Muitas vezes, o carneiro nem chegava a comer os papéis; a coisa era resolvida diretamente pelos ordenanças. Mas o carneiro é que levava a culpa. Quando os sargentos iam reclamar das partes ao capitão, este respondia que não havia encontrado nada sobre a mesa, e não adiantaria dar nova parte, pois já havia passado o prazo para isso.

Bito tornou-se famoso. Devidamente adestrado, dava marradas em quem corria à sua frente. Deste modo, quando estávamos em exercícios, aqueles que iam ficando para trás, eram sutilmente "estimulados" pelo animal.

Certa vez, após um desfile militar, na hora de voltar aos quartéis, Bito perdeu-se da sua turma, confundiu-se e, por brincadeira ou não, foi parar no quartel do 26° B.C. Ali, sentiu a diferença de tratamento: não podia entrar nos gabinetes, refeitório, etc., e começou a dar marradas indistintamente.

Descoberta a confusão, telefonaram do 26° para o comandante do 34°, a fim de que este mandasse buscar o carneiro, que estava dando alteração no quartel. Ocorre que um dos ordenanças do nosso comandante chamava-se Carneiro. Estava armada a confusão. "Como? O Carneiro é um soldado disciplinado!... Ah!, sim. É o Bito!... Já vamos mandar buscá-lo!"

Enquanto desfrutávamos destas horas de lazer e distração, lá fora as coisas iam acontecendo, nos envolvendo também, direta ou indiretamente. Após a vinda de oficiais americanos ao Brasil, quando da formação da FEB, em dezembro de 1943, uma comissão militar brasileira embarcou para a Itália, a fim de acertar a participação do Brasil junto às tropas aliadas.

O general Mascarenhas de Moraes chefiava a delegação e fez um relatório acerca das características geográficas e climatológicas daquele país. Eram regiões montanhosas, que no inverno apresentavam baixíssimas temperaturas, além da neve — que só conhecíamos através do cinema. A partir dessas observações, o general apresentou uma série de sugestões, nas quais se incluíam roupas e equipamentos adequados para o frio, e também treinamento de adaptação a áreas de luta.

Ao mesmo tempo em que na Rússia termina o cerco alemão a Leningrado, a 14 de fevereiro de 1944, no Brasil, a tropa da FEB aquartelada na Vila Militar, no Rio de Janeiro, continuava adestrando seus soldados visando ao embarque para a guerra. Treinava-se operação de embarque, tendo sido construída uma plataforma ferroviária e outros modelos que simulavam amuradas e tombadilhos.

Nos bastidores decidia-se o destino das tropas brasileiras: o Alto Comando aliado queria enviá-las para Oran, na África.

Os simpatizantes no nazismo diziam que os americanos já eram donos do Brasil; que as tropas não deveriam embarcar para a África, e sim ficar no Brasil e lutar contra a ditadura que havia. Era uma luta surda, de informações.

Os treinamentos na Vila Militar eram realizados no mais absoluto sigilo. Todo cuidado era pouco, por conta das tentativas de sabotagem. A vigilância ao redor do CRP (Centro de Recompletamento de Pessoal) era redobrada. 15 mil homens estavam em adestramento. A área ficava isolada 3 quilômetros de qualquer via de acesso.

Em março de 1944 a Força Aérea aliada bombardeia Roma nos dias 3, 10 e 14, e a Alemanha invade a Hungria a 19. No Rio de Janeiro, a FEB faz seu primeiro desfile para a população, com a apresentação das unidades de infantaria 1º, 6º e 11º R.I., sob o comando do general Zenóbio da Costa.

Em 24 de maio realiza-se o segundo e último desfile da FEB antes do embarque, já sob o comando do general Mascarenhas de Moraes. Neste desfile apresenta-se toda a Divisão e até a parte motorizada.

A partir de junho a FEB aguarda a ordem de embarque. No dia 3, o general De Gaulle cria o Governo Provisório da República Francesa, sediado em Argel; no dia 4, Roma é libertada pelos aliados; dia 7, acontece o Dia D: o desembarque na Normandia das forças aliadas comandadas pelo general

Dwight Eisenhower; no dia 12, a Alemanha lança as primeiras bombas V-I contra Londres. No fim do mês, chega ao Rio de Janeiro o navio americano *General Mann*, empregado no transporte de tropas.

Por razões de segurança, com a finalidade de despistar os agentes nazistas, que poderiam passar informações aos submarinos, o embarque foi cercado do maior cuidado. A Divisão foi subdividida por três grupamentos táticos. O 2º grupamento fazia parte do 1º Escalão de embarque. Neste grupo estava o 6º R.I. Divididos, os grupamentos saíram em direções opostas como exercício de rotina. Na volta, o 2º Grupamento dirigiu-se para o cais e embarcou no *General Mann*.

No dia 2 de julho de 1944, o navio americano inicia sua viagem com 5.075 homens comandados pelo general Mascarenhas de Moraes. Ajudava no comando o general Zenóbio da Costa. Do efetivo, 295 eram oficiais e o restante, sargentos, cabos e praças. Na escolta, seguiram os navios da Marinha brasileira *Marcilio Dias*, *Mariz de Barros* e *Greenhalgh*, todos contratorpedeiros.

Já navegando, os brasileiros que pensavam estar seguindo para a África, recebem uma ordem secreta do general Kroner para rumarem em direção à Itália. A decisão fora do presidente Roosevelt, que via a necessidade de aumentar o efetivo aliado em terras italianas, devido à invasão da França, ocorrida a 7 de junho.

Assim, a FEB que saíra daqui para operar na África, onde realizaria treinamento de 90 dias para adaptação aos novos equipamentos, vê de uma hora para outra seus planos serem completamente modificados, e chega ao porto de Nápoles no dia 16 de julho de 1944.

A partir da chegada do 1º Escalão no acampamento de Agnano, nos arredores de Nápoles, os febianos começaram a sentir o efeito do clima adverso, em função da inadequação do seu uniforme. Transferidos para Bagnoli, ao iniciarem os treinamentos, surgem as deficiências físicas. Em 30 dias vários soldados tiveram que ser internados nos hospitais, principalmente devido à nevralgia, ocasionada pelo frio e agravada pelo estado de conservação dos dentes, e que resultava na extração dos mesmos.

Em razão destes problemas, uma comissão médica foi organizada para detectar tais deficiências. Após a chegada do 2º e 3º Escalões, foi enviado para o Brasil um relatório no qual constava uma relação de 17 exames, que seriam eliminatórios para efeito de aprovação junto ao efetivo da FEB. O general Mascarenhas de Moraes havia advertido em seu relatório que o clima na Itália era rigoroso para os brasileiros, mas não lhe deram atenção.

Em 20 de agosto de 1944, Hitler sofre um atentado a bomba. Os alemães prendem o marechal Pétain em Vichy. Em 25 de agosto, Paris é libertada pelas tropas aliadas; instala-se o governo provisório do general De Gaulle; o general Mark Clark passa em revista a tropa brasileira em Tarquinia, em comemoração ao Dia do Soldado.

A 22 de setembro de 1944, partem do Rio de janeiro o 2º e 3º Escalões, também com destino ao porto de Nápoles. O 2º Escalão, comandado pelo general Oswaldo Cordeiro de Farias, com compunha-se de 5.133 homens, sendo 356 oficiais. Viajou no navio-transporte americano *General Mann*, escoltado pelo cruzador brasileiro *Rio Grande do Sul* e pelos navios americanos *Memphis* (cruzador) e *Triumpher Cannon* (destróier). Chega à Itália a 6 de outubro, juntamente com o 3º Escalão. Este era composto de 5.234 homens, sendo 316 oficiais e levando ainda 5 correspondentes de guerra (jornalistas brasileiros). Comandava-o o general Olympio Falconieri da Cunha, tendo viajado a bordo do navio-transporte *General Meighs*, sob a guarda dos mesmos navios que escoltaram o 2º Escalão.

Por ter sido a primeira a chegar ao acampamento, a tropa do 6º R.I., que fazia parte do 2º Escalão, começou os treinamentos, oferecendo aos demais soldados brasileiros a oportunidade destes conhecerem os novos equipamentos com que iam lidar, além de ajudá-los na adaptação ao clima italiano.

No dia 11 de setembro, foi organizado o Destacamento FEB, com membros do 1º Escalão e a participação de tanques americanos, sendo denominado de TASK FORCE 45 e comandada pelo general Zenóbio da Costa.

Dia 13 de setembro, a FEB recebe sua primeira missão: por ordem do comando do 4º Corpo do Exército norte-americano, os brasileiros teriam de substituir soldados americanos do 2º Batalhão do 730º Regimento de Infantaria, a partir das 19 h do dia 15.

Em 16 de setembro, um batalhão do 6º R.I., comandado pelo capitão Ernani Ayrosa da Silva, inicia marcha à frente do rio Serchio, entre

Pietrassante e Luca, ao norte de Pisa. Esta manobra inicial culminaria na conquista de Camaiore, a primeira vitória brasileira na frente italiana.

Em outubro de 1944, chega a Belém uma comissão médica, composta por americanos e brasileiros, cuja função era a triagem em todas as unidades militares da 8ª Região Militar já de acordo com as novas exigências do Serviço Médico aliado e baseadas nas condições climáticas italianas. A finalidade era a formação do Contingente da Amazônia. Seriam 17 exames obrigatórios e eliminatórios. Bastaria ficar reprovado em um para ser desligado da tropa.

O 34º B.C., veterano da área de Val-de-Cans, pela sua condição de tropa preparada e adestrada para combate à disposição da FEB, foi a primeira unidade a se apresentar no Hospital Militar do Exército, na praça Brasil, para a realização dos exames médicos. Era a primeira vez que víamos uma farda da FEB: na equipe médica havia três oficiais que pertenciam ao quadro do 1ª D.I.E. da FEB.

O primeiro exame era o dentário. Qualquer deficiência, ausência de dentes ou cárie, o candidato era sumariamente eliminado, não passando para as etapas seguintes.

O resultado foi desastroso. Dos 800 homens do 34º B.C., somente 150 foram considerados aptos. Em vista disso, as outras unidades militares foram chamadas para submeterem-se aos exames. Era a oportunidade de cada unidade da 8ª R.M. fornecer elementos para a FEB. Até de Brasiléia, no Acre, então município do Amazonas, vieram soldados para a seleção.

Após os exames de todas as corporações, o número de homens em condições ainda era insuficiente para a formação de um contingente. Partiu-se então para a convocação de reservistas. Mesmo essa providência não deu para suprir a deficiência de pessoal. Assim, foram sendo convocadas classes de reservistas cada vez mais antigas. Da classe sorteada para servir naquela ocasião, que era a de 1923, chegou-se até a de 1914.

Foram mais de 5.000 homens examinados para poder selecionar um total de 786. Formava-se assim o Contingente da Amazônia, cuja participação na guerra haveria de contribuir para elevar o nome dos brasileiros – particularmente dos amazônidas – nos cenários nacional e internacional.

Episódios interessantes cercaram a formação do Contingente da Amazônia. Todo esse cuidado na seleção dos elementos que o construiriam veio a demonstrar o quão despreparados estávamos, física e materialmente, para a guerra. Mas, como parece ser a sina dos brasileiros a de superar as adversidades e partir com determinação em busca de um objetivo, eis então formado o contingente que levava o nome de nossa região, tão esquecida e que faria parte do 5º Escalão, a última leva de brasileiros que iria lutar na Itália.

Dos 786 elementos escolhidos, os de maior graduação eram dois suboficiais. Dentre os civis, reservistas das classes de voluntários oriundos inclusive dos Tiros-de-guerra. De um Tiro-de-guerra, o 173, que funcionava à noite na Escola Prática de Comércio, com um curso de Formação de Reservista, eram Lélio Pacheco de Oliveira e Antônio Comaru Leal. Ambos nascidos em 1927, eram também alunos regulares da referida Escola de Comércio. Filhos de famílias amigas, desde criança formavam juntos nas traquinagens, criados que foram no mesmo bairro da Cidade Velha. Assim, cresceram amigos e concluíram juntos, também, o curso que lhes tornaria reservistas de 2º categoria. O Tiro de Guerra fornecia apenas orientação teórica sobre a vida militar, não dando adestramento prático nenhum.

Ao saberem da convocação de voluntários para a formação de um contingente que embarcaria para lutar na Itália, ambos se apresentaram na 28ª C.R. com o mesmo propósito. Menores de idade, com 17 anos apenas, evidentemente tiveram seus pedidos de inscrição negados. Incontinenti, partiram em direção ao Quartel General da 8ª R.M. e pediram uma audiência ao general Zacarias de Assumpção, comandante da mesma.

Ao general, Lélio e Comaru pediram que, apesar de serem reservistas de 2ª categoria, oriundos de um Tiro de Guerra, lhes fosse dada a oportunidade de lutar pelo Brasil contra o Nazifascismo, visto que, como estudantes, sempre participaram das passeatas de desagravo e sempre exigiram que o nosso país reagisse às agressões.

Diante do general Assumpção, com seus quase 1,75m de altura, aqueles voluntários franzinos, que poderiam ter, no máximo, 1,65m, mais pareciam duas crianças. Nesta época, na Itália já se encontravam o 1º, 2º e 3º escalões, perfazendo um total de 15.000 homens, ou seja, o 1º, o 6º e o 11º regimentos de Infantaria e 4 grupos de artilharia.

Já àquela altura, o general tinha conhecimento das atividades das tropas brasileiras em solo italiano, que sob o comando do general Zenóbio da Costa, entravam em ação no vale do rio Serchio, enfrentando condições adversas, as montanhas, a chuva e o frio. Tudo bem diferente do norte do Brasil.

Consciente de toda a situação, o general Assumpção fez questão de dizer àqueles jovens voluntários que o contingente que estava sendo preparado para embarcar passava por um rigorosíssimo exame médico, e que por conta das condições dos campos de batalha, somente os reservistas de 1ª

categoria poderiam participar, dada a responsabilidade dos objetivos militares do Exército contra tropas inimigas bem treinadas.

Em resposta à explanação do general comandante, Lélio e Comaru pediram uma chance para mostrar que estavam preparados, assim como qualquer outro reservista de 1ª categoria; queriam autorização para submeterem-se a tão famosa inspeção médica.

Após examinar os documentos dos dois insistentes voluntários, Assumpção olhou-os firmemente, cumprimentou-os pela atitude patriótica, e em seguida mandou chamar o oficial chefe do Serviço Médico, ordenando que os dois quase-garotos fossem examinados rigorosamente, de acordo com as exigências da FEB para a inclusão no Contingente da Amazônia.

Exames realizados, Lélio e Comaru aprovados, por ordem do general Assumpção, foram incluídos no 34º B.C.

Assim, a 10 de dezembro de 1944, o nosso batalhão veria entrar em seu quartel aqueles dois novatos, que pela idade e estatura foram logo considerados mascotes da turma.

Antônio Comaru Leal nascido a 3 de janeiro de 1927, e Lélio Pacheco de Oliveira, nascido em 14 de junho de 1927, foram os brasileiros mais jovens a lutar na Itália, tendo Comaru participado da heroica tomada de Montese.

Se Lélio e Comaru foram os voluntários mais jovens da FEB, o Contingente da Amazônia também deu um dos mais velhos para a luta contra o Nazifascismo. Se não era o mais velho de todos, pelo menos no posto de cabo deveria ser. Seu nome: Piruncy Gomes de Castro, reservista voluntário do contingente.

Piruncy pertencia à classe de 1910. Sua incorporação foi um pouco difícil, uma vez que a convocação foi até à classe de 1914. Além disso, devido à sua condição de ex-aluno da Escola Militar, tinha por direito, em caso de convocação, ao posto de segundo-sargento. Ocorre que não havia vaga para esta patente no grupo convocado. Para demonstrar sua coragem e destemor, na esperança de provar num campo de batalha o valor combativo do amazônida, Piruncy aceitou, resignado, embarcar como cabo, única chance que havia. Nesta condição participou da campanha da FEB na Itália enobrecendo sua terra natal, Belém.

Outros paraenses que se destacaram foram Eliezer Araújo Potiguara e Dermeval Alves Barriga.

Potiguara era Guarda Civil de 1ª classe e já havia sido voluntário aos 17 anos, quando pertenceu ao Esquadrão de Cavalaria da Polícia Militar do Estado, transferindo-se um ano depois para o Batalhão de Infantaria e de lá para a Guarda Civil, que também fazia parte da milícia paraense.

Já estava com dois anos de serviço quando foi convocado para o Exército. Na Itália, transferido para o 6º R.I., teve atuação junto com todo o Regimento, nos dias que antecederam a tomada de Fornovo, até a total rendição dos alemães que ali estavam, cujas divisões foram aprisionadas pelas tropas brasileiras.

Dermeval Alves Barriga foi outro paraense que teve participação destacada. Ferido na cabeça por um estilhaço de granada na tomada de Montese, em 14 de abril de 1945, foi condecorado com a Medalha de Sangue do Brasil.

Apesar do relatório do marechal Mascarenhas de Moraes sobre as condições climáticas e ambientais da Itália, o Alto Comando aliado não levou em consideração os fatos relacionados por aquele militar.

As atenções estavam voltadas para o deslocamento das 7 divisões (3 francesas e 4 americanas) mobilizadas para a operação de desembarque na Normandia — o Dia D. Por esta razão, com o desfalque de mais de 300.000 homens retirados da Itália para a invasão da França, os aliados ficaram com apenas 800.000 homens contra 1,2 milhões de nazifascistas (800.000 nazistas e 400.000 fascistas). Era importante restabelecer o equilíbrio de forças na área.

Para se evitar os problemas ocorridos com os três primeiros escalões brasileiros enviados à Itália, a seleção de saúde para os novos soldados tornou-se mais rígida, deixando de fora muita gente.

Conforme já referimos, só para formar o Contingente da Amazônia com 786 homens. Mais de 5.000 foram examinados. O próprio 34º B.C., que era uma unidade que vinha se preparando havia mais de um ano para a guerra, dos seus 800 homens, apenas 150 foram considerados aptos. Para aumentar seu efetivo, teve que convocar mais 200 reservistas, perfazendo um total de 350 homens à disposição da FEB.

A 23 de novembro de 1944, parte do Rio de Janeiro, a bordo do *General Meighs*, o 4º Escalão da FEB, com 3.722 homens, dos quais 280 oficiais, sob o comando do general Mário Travassos.

A escolta foi feita pelos navios *Omaha* (cruzador) e *Marcílio Dias* e *Rio Grande do Sul* (contratorpedeiros). A chegada a Nápoles dá-se a 7 de dezembro. Faltava o Contingente da Amazônia embarcar de Belém para o Rio de Janeiro e de lá para a Itália, fazendo parte do 5º Escalão.

Enquanto não chegava o momento do nosso embarque, a FEB já estava com 15.000 homens em ação na Itália, adquirindo experiência de maneira dramática devido ao clima.

Numa primeira fase, de 13 de setembro a 4 de novembro de 1944, a função dos brasileiros foi a de substituir soldados americanos que havia muito estavam numa região às proximidades dos Apeninos, numa planície que ligava o litoral do Mar Tirreno e o vale do Serchio.

Sem tradição militar, os pracinhas da FEB começaram a manter contato com o inimigo através de patrulhas. Tanto que já a 15 de setembro as tropas brasileiras tinham ocupado suas posições sem a reação dos nazistas. Estes preocupavam-se, então, apenas em reorganizar suas defesas. Embalados pela situação, os elementos do 6º R.I. obtiveram suas primeiras vitórias: sem muita dificuldade ocuparam Monte Comunale, Il Monte Massaroza e Bozzano.

Em seguida marcham para Camaiore, Monte Prano, Monte Valinau e Monte Queto, provocando um desequilíbrio na linha de defesa nazista. Mais adiante penetram em uma região montanhosa, o que dificultava as manobras, e chegam às cidades de Luca, Borgo, Mozzano e Bagni de Luca.

No período de 30 de setembro a 12 de outubro, os brasileiros estão em atividade na região de Fornovolasco. As chuvas copiosas naquela região complicam ainda mais o rigor do inverno, dificultando as manobras. No dia 4 de outubro, os febianos dirigem-se para Fornaci, Chivizzano e Oesteria, ocupando Fornaci e Coreglia Autelminelli, onde os alemães deixam para trás uma fábrica de munições e acessórios para aviões.

Em 11 de outubro, sem grande reação do inimigo, a FEB continua sua marcha para a cidade de Galicano, onde começa a reação dos nazistas. A região era acidentada, montanhosa. Os nazistas entrincheirados no alto daquelas montanhas facilmente atingiam com morteiros e metralhadoras as tropas brasileiras.

Acabava o período de avanço brasileiro sem resistência alemã. Os insucessos começariam a aparecer. Com a defesa reforçada em Castelnuovo, os nazistas garantem a estrada para La Spazia, importante posição às margens do Mar Tirreno.

Mesmo com estes reveses iniciais e sob chuva constante, os brasileiros continuam sua marcha, ocupando Pradescello, Pian de los Rios, Coelo e San Chirico.

Às 3 h da madrugada do dia 31 de outubro, inicia-se violento contra-ataque dos nazistas, que tendo recebido reforços, investem contra as nossas tropas em várias frentes.

Seus ataques são rápidos e fulminantes, aproveitando o cansaço e a inexperiência dos nossos pracinhas. Na frente de Serchio, em menos de 60 dias de atuação, a FEB contabilizou 13 mortos, dentre estes o 1º paraense, o soldado Agostinho da Silva Monteiro, morto em combate no dia 31 de outubro. Além dos mortos, havia ainda 81 feridos e 215 acidentados.

Novembro é marcado pelas tentativas de tomar Monte Castelo. Dia 24, um primeiro ataque resultou infrutífero. No dia seguinte, com o 3º Batalhão do 6º R.I. e o Esquadrão de Reconhecimento colocados à disposição do TASK FORCE, dá-se nova tentativa.

A posição brasileira era difícil. Situados no alto, os alemães dominavam facilmente a área. Qualquer movimento embaixo era logo percebido pelos nazistas. Com 977 metros de altura, Monte Castelo ocupava uma posição estratégica. E numa área onde a FEB tinha a responsabilidade de defender. Em 29 de novembro acontece novo ataque brasileiro. Resultado: 157 baixas no 1º R.I. e 28 no 6º R.I. Morre o 2º paraense, o sargento Sebastião da Costa Chaves, a 6 de dezembro.

O terceiro ataque, no dia 12 de dezembro, tem início sob forte chuva e intenso nevoeiro, prejudicando a ação da artilharia. A infantaria enfrentaria então, além dos nazistas, a chuva, a lama e o nevoeiro.

Devido ao mau tempo, a tenaz resistência dos alemães, instalados em posição vantajosa e a incapacidade dos tanques americanos em movimentar-se na lama e tentar destruir as posições inimigas, o general Zenóbio da Costa dá por encerrado mais este ataque.

Resultado: mais 140 mortes, entre as quais os 17 de Abetaia. Estes brasileiros foram inicialmente dados como desertores, visto que não constavam entre os mortos e feridos. Quarenta dias mais tarde seus corpos foram encontrados conservados pela neve. Estavam a 200 metros de Monte Castelo.

Esses acontecimentos aumentavam o clima de insatisfação nossa em Belém. Também, a expectativa de embarque mexia com os nervos de todos.

O embarque do Contingente da Amazônia tinha que ser cercado de toda a cautela, diante dos acontecimentos ocorridos na costa do Pará e litoral do Nordeste: os torpedeamentos. Nossa rota até o Rio de Janeiro era bastante perigosa. Não havia segurança para um embarque de tropas sem o risco de acontecer o mesmo que com o *Baependi*, por exemplo, que transportava, além dos tripulantes, 124 militares da Artilharia de Dorso.

Belém não dispunha de infraestrutura naval para a proteção a um embarque de tropas. No porto, era difícil a chegada de navios mercantes. Só quando havia comboio na rota de Trinidad-Nova York é que a 4ª Esquadra americana dava cobertura para os mercantes que se dirigiam para o norte do Brasil.

Além disso, sabíamos que os alemães tinham espiões agindo na cidade e que informavam aos submarinos o movimento dos navios no porto. Nossa contraespionagem não havia logrado êxito nas suas buscas, à procura de agentes nazistas.

Durante todo o ano de 1944, as unidades da 8ª Região Militar vasculharam a área do litoral, procurando descobrir a base de informações desses espiões. Belém, àquela época, não tinha edifícios; os pontos mais altos eram as torres das igrejas. Havia também grandes áreas isoladas que margeavam nossa baía de Guajará. De Belém a Salinas, passando por Icoaraci, Mosqueiro, Vigia, Marapanim, Maracanã, tudo era possível quanto a abrigar espiões inimigos. Não podíamos esquecer que os navios *Osório*, *Lajes*, *Antonico* e *Pelotaslóide* haviam saído de Belém quando foram torpedeados. Tudo tinha de ser pensado se quiséssemos chegar a salvo no Rio de Janeiro.

Em 6 de novembro de 1944, os últimos soldados alemães retiram-se da Grécia; no dia seguinte, Roosevelt é reeleito presidente dos Estados Unidos. Dia 24 de novembro, a aviação americana bombardeia Tóquio; inicia-se a reconquista das Filipinas.

Em Belém intensificavam-se os treinamentos de embarque. Após o toque de reunir, o Contingente teria, no máximo, dez minutos para apanhar seus pertences (equipamento e maleta de viagem) e, em forma, de acordo com seu grupamento, apanhar o caminhão no portão principal do quartel, que se dirigiria ao cais do porto. A viagem de ida-e-volta do caminhão deveria demorar, no máximo, também, dez minutos.

Por vários dias foram realizados os treinos. À medida que os dias passavam diminuía o tempo gasto nas manobras. Inicialmente gastava-se trinta minutos; mais tarde, chegou-se à cinco minutos para estar em forma, com a viagem sendo feita em quinze minutos, ida-e-volta.

Era fundamental esse tempo, para dificultar as ações de espionagem e informação. Alguns elementos no quartel julgavam que os treinamentos eram uma forma de manterem os soldados e reservistas na corporação. Havia chamada três a quatro vezes por dia. Por isso, a turma que gostava de "furar" o expediente tinha que permanecer mais tempo, com receio de faltar ao embarque.

Um dia aconteceu de eu estar ausente; tinha fugido para outras manobras. Já fazia três dias que estava no quartel e procurei um jeito de escapulir. No portão das armas quem ficava agora era o oficial de dia.

O soldado sentinela era figura decorativa; os quartos de hora eram tirados pelo sargento e pelo cabo da guarda. Às 12 h era o horário de saída dos soldados adidos que aguardavam transferência para outras unidades — mais ou menos, uns trinta. Diariamente, naquele horário, eles entravam em forma e, em seguida, tomavam a direção do portão das armas.

O oficial de dia era o tenente Iran Loureiro, um oficial da reserva um tanto liberal quanto aos regulamentos, daí eu resolver tentar. Se fosse reconhecido, tentaria me livrar da cadeia (poderia pegar uns oito dias). O grupamento se preparou para sair e eu no meio deles. Tenho certeza que o tenente me viu e fez vista grossa. Do quartel rumei para a casa de parentes e amigos, e somente ao cair da tarde é que procurei me aproximar das cercanias do quartel e arranjar um jeito de entrar sem ser denunciado.

Eram 18 h. Sempre nesse horário a Pará Eletric (atual Celpa) costumava dar um apito para marcar a hora e acender as luzes. Fracas, mas acendiam-se. Achei que deveria esperar um pouco mais e lá pelas 20 h voltar ao quartel.

Precisamente às 18h30, as luzes da cidade apagaram-se. De repente, vi pessoas correndo em direção ao largo de Nazaré. Pensei: "Será que chegou a hora do embarque e eu estou fora? Tenho que chegar o mais rápido possível!" Quando cheguei no largo, próximo do quartel, já havia uma multidão. Caminhões chegando, cordões de isolamento impedindo que as pessoas falassem com os soldados, um rebuliço total.

Fui forçando a passagem até chegar ao cordão de isolamento. Deparei-me com o capitão Maranhão que pergunta o que eu estava fazendo fora do quartel. Não tive tempo de responder; procurei passar por baixo da corda, e em desabalada carreira entrei no portão das armas, rumando em direção ao alojamento, a fim de apanhar minha maleta e meu equipamento.

Na corrida, verifiquei que o Contingente já estava em forma no campo, com os oficiais Athayde e Iran procedendo à chamada.

No alojamento constatei que o meu armário estava aberto — havia sido arrombado. Perguntei ao plantão da hora quem fizera aquilo. "Quem esteve aqui e arrombou o teu armário foram os tenentes Iran e Athayde. Eles queriam saber onde era o teu armário para levar tua maleta". Fiquei pensando: não posso nem dizer que estava no quartel.

Corri para a formação e apresentei-me ao tenente Athayde, que estava no comando. Depois da apresentação, o tenente Iran disse ao tenente Athayde: "Não te disse que ele não faltaria ao embarque?" O tenente Athayde me disse então que procurasse na formação, que no meu lugar estava a maleta.

Era o dia 20 de dezembro de 1944. Rumamos para o cais. Finalmente chegara o dia do embarque do Contingente da Amazônia.

Durante a viagem até o porto a agitação era total a bordo dos caminhões. Até estes parece haverem sido apanhados de surpresa, pois muitos estavam ainda sujos de lama das manobras anteriores. Mas a ordem era efetuar o deslocamento o mais rápido possível. Muitos reclamavam, principalmente os reservistas, das condições do transporte. Alegavam que não era justo embarcarem para a guerra e não terem nem direito a uma condução melhor. Para os voluntários, estava tudo bem; diziam que era uma emergência e pronto.

Às 19 h, o 34º B.C já estava todo nos armazéns 2 e 3 do cais. Às 21h30, toda a área do embarque estava isolada por tropas federais, só sendo permitida a passagem de pessoas credenciadas. Não se podia ir além do atual prédio da ENASA – CDP.

Por volta das 22 h, chegou o general Assumpção e um grupo de senhoras da sociedade, que iriam prestar suas homenagens aos "pracinhas", dando a cada um uma medalha e uma estampa de N.S. de Nazaré, por ocasião do embarque da tropa para bordo dos dois navios da Companhia Costeira, cada um com capacidade para 300 passageiros.

Às 22h30, o general Assumpção, após inspecionar o embarque, veio pessoalmente desejar uma feliz viagem para aqueles bravos amazônidas que iriam ser incorporados a 1ª D.I.E. – FEB, no Rio de Janeiro. O general trazia, o que mais tarde iríamos saber, instruções secretas com relação ao embarque. Tudo acontecia na mais completa escuridão. Temia-se a ação dos informantes nazistas. Com certeza, eles dariam o nome dos navios e seu horário de saída do cais do porto.

Em torno de 23h30, atraca ao lado e por trás dos navios onde estava a tropa, um terceiro navio, pequeno, com menor capacidade, e que viera de Manaus com os elementos oriundos da fronteira e do 27º B.C. Seu nome: *Cuiabá*. Nesta manobra estratégica seria jogada a grande cartada, tanto para o sucesso do embarque quanto para a possível prisão dos informantes nazistas.

A bordo dos navios, estranhamente recebíamos a orientação de passarmos para o navio que havia chegado a pouco e que estava numa posição como se não tivesse condições para atracar. O brado dos parentes e amigos no cais era a única coisa que varava a escuridão, contrapondo-se ao nosso silêncio.

Apesar de sabermos o quanto as pessoas torciam e rezavam para que retornássemos todos, sãos e salvos, sabíamos também que, entre aqueles à beira do cais, estavam adeptos do nazismo, os quinta-colunistas brasileiros, que a serviço de Hitler só esperavam a ocasião ideal para revelar nossa saída, informando aos submarinos em operação na costa do Pará e Amapá. Depois, era só aguardar a notícia do torpedeamento.

Já era tarde. Cansado pelo dia agitado tratei de procurar um lugar onde me agasalhar. Lembro-me que ficava no corredor, perto da cozinha. Naquele chão estreito e superlotado procurei deitar com a cabeça protegida contra algum pé que pudesse machucá-la.

Logo dormi. Pela manhã, acordei com o baque de um pé no meu corpo. Eram mais ou menos 6 h. Levantei-me e fui para o tombadilho. Já não estávamos em Belém e sim, em frente ao Mosqueiro, sob a proteção da Artilharia da Costa.

Aos poucos foi aumentando o número de soldados que olhavam para a ilha. Quantos não estariam lembrando de outros dias passados naquelas praias... Então, como e quando saímos de Belém?

O mestre de bordo me disse que, aproveitando a preamar, aos oito minutos do dia 21, com as máquinas desligadas, totalmente no escuro, o *Cuiabá* desatracou, iniciando sua viagem ao sabor da maré vazante, que ajudava impulsionando-o para fora do cais. Em terra, continuava a vigília dos amigos – e dos inimigos, quem sabe.

Quando amanheceu, os dois "Ita" ainda permaneciam atracados, para a surpresa e espanto de todos. Afinal, não era neles que o Contingente iria embarcar? Deste modo, qual teria sido o navio ou navios que levara a tropa? À que horas teria acontecido a partida?

Com o relaxamento da segurança, as pessoas aproximavam-se do cais. Desapontados, eles que tinham passado a noite toda na esperança de presenciarem o embarque, logo começaram a sair.

Enquanto isso, o pessoal da contraespionagem colocava-se em vários pontos considerados estratégicos, onde poderiam flagrar o espião, ou espiões, que havia muito burlavam a vigilância dos nossos agentes.

No local onde hoje ficam localizados a Receita Federal, a subestação da Celpa e a Praça Kennedy, existia, na época, um matagal fechado, que ia da Av. Presidente Vargas até a Av. Assis de Vasconcelos; à frente, toda a Marechal Hermes até a Praça Magalhães.

Chegara o momento em que o informante teria que dizer aos nazistas que o navio, ou navios, já haviam saído do porto. Para surpresa dos agentes os sinais do radiotransmissor vinham de apenas 300 metros do cais, de dentro do matagal. Eram 9 horas da manhã do dia 21, quando os agentes brasileiros prenderam o espião alemão.

A figura daquele ancião deixou a todos, pasmos. Sujo, maltrapilho, sem documentos, perambulava diariamente por aquela área como pedinte, vivendo da caridade pública. Quantas vezes fora visto fazendo o trajeto entre o Colégio Santo Antônio e a Igreja das Mercês, onde às vezes até dormia ao relento, inspirando compaixão. Mas, não havia dúvida: era ele quem manipulava o transmissor. Por trás daquele homem digno de piedade existia um informante eficiente à causa nazista. Fora ele o responsável pelo afundamento dos navios nas costas do Pará. E quase que consegue informar o nome do navio que levaria o Contingente da Amazônia. Por pouco o *Cuiabá* e seus ocupantes não foram mais uma das vítimas daquele perigoso espião.

O *Cuiabá*, tendo saído a salvo de Belém, graças a inteligente manobra de despistamento, às 7h30 já havia passado por Mosqueiro e Salinas, onde cruzou com o navio mercante *Osvaldo Cruz*, que se dirigia com destino a

Belém. Nesta ocasião, pudemos avaliar as nossas chances de chegar ao Rio de Janeiro. O *Osvaldo Cruz* tinha proteção armada na proa e na popa: dois canhões e duas metralhadoras que davam para garantir a viagem. E nós? Não tínhamos nada de armamentos! Um navio levando uma tropa pronta para a guerra e nenhum equipamento de defesa, uma metralhadora sequer! Um navio que mal dava para 300 pessoas, transportando quase 1000. E desarmado!

A Noção de segurança indiretamente dada pelo *Osvaldo Cruz* reacendeu nosso temor quanto ao sucesso da viagem. Era mais fácil tudo dar errado do que o contrário. Afinal, o *Cuiabá* era um navio pequeno, inadequado para transportar tanta gente, desarmado e sem comboio nenhum. Ou era uma imprudência, ou uma estratégia perfeita. Havia o receio de pânico e revolta a bordo.

Os componentes do Contingente tinham vindo dos mais variados locais, de todas as unidades da 8ª R.M.: Companhia de Fronteira do Acre, 4ª Companhia do Amapá, com o 27º B.C. Do Pará, o 26º e o 34º B.C., a 1ª Companhia de Metralhadoras antiaérea de Val-de-Cans, o 35º B.C de Bragança, a 1ª Bateria Independente de Artilharia Auto Móvel e 1ª Bateria Independente de Artilharia da Costa, do Mosqueiro. Isto gerava uma série de opiniões, as mais variadas.

Sabíamos do perigo daquela rota, infestada de submarinos alemães. Por tudo isso, parados em frente a Salinas, pensávamos na possibilidade de não ser aquele o navio que realmente nos levaria ao Rio. Na certa, viriam outros para nos levar em segurança.

Ledo engano. A viagem iria prosseguir no *Cuiabá*, mesmo. Quando ainda estávamos em frente a Salinas, vimos alguns navios brasileiros e norte-americanos. Eram destroieres, fragatas e corvetas da Força Tarefa do Nordeste, comandada pelo almirante amazônida Carlos Alfredo Soares Dutra, que juntamente com navios da 4ª Esquadra americana, faziam o patrulhamento da rota Trinidad-Natal-Dakar. Tomamos novo alento, acreditando que iríamos ser comboiados.

Os navios vasculharam a área onde estávamos. Era precaução. Não se sabia se o agente alemão tinha conseguido passar informações aos submarinos.

Os navios vasculharam a área e prosseguiram viagem. Nosso navio continuava sozinho, arrastando-se a uma velocidade de apenas 9 nós. Os navios da Força Tarefa e da 4ª Esquadra atingiam a velocidade de 15 a 20 nós. Com isto, nossa viagem demoraria 12 dias.

No navio havia pouco espaço para nossa locomoção. Apenas a proa e a popa eram liberadas e ficavam ao ar livre. O mestre de bordo, Sr. Mário, transitava pelo navio de uma extremidade à outra. Todas as vezes que ele aparecia eu procurava lhe falar. Era um homem experiente, com 10 anos de serviço no *Cuiabá*. Começaram então minhas perguntas. O navio tinha capacidade para toda aquela gente? "Tudo depende da natureza: as ondas, as chuvas". E os submarinos? "Tudo depende de Deus". Este navio só viaja no Brasil? "A partir de 1939. Antes, ele fazia rota internacional. Devido à sua pouca velocidade, não pôde fazer parte de comboios. Por isso, foi transferido para fazer a rota Amazonas-Rio Grande do Sul, via Costeira".

La no alto surge um *Blimp* (dirigível da Marinha americana), que a partir daquele momento seria nosso anjo. E por que a escolta naval não continuou a nos dar proteção? "É que a missão dela era patrulhar a rota entre Trinidad e

Natal. O que fizera fora apenas limpar a área por onde o *Cuiabá* teria de passar e que estava dentro do seu setor de atuação".

Ao amanhecer do dia 22 encontrávamo-nos no meio de um poderoso comboio de mais ou menos 30 navios, entre mercantes e de escolta. Entre eles, um perigo maior: três petroleiros, algo que os submarinos mais procuravam. Naquele momento tive a primeira grande preocupação conosco e com o comboio em si, embora este estivesse fortemente escoltado por força aeronaval. O mestre de bordo, ao meu lado, me diz que aquele comboio era da rota Trinidad-Nova York.

Entre às 7 e às 9 h da manhã, o *Cuiabá* já se encontrava outra vez sozinho em pleno oceano Atlântico. O poderoso comboio havia seguido viagem e desaparecido. Somente o *Blimp* mantinha-se em sua posição de anjo vigilante e protetor. Eu observava o dirigível e pensava como aquela pequena máquina poderia ser um elemento de proteção. E por que o navio estava navegando sozinho? Onde estavam os outros navios?

O mestre de bordo estava na popa contemplando o dirigível. Aproximei-me dele e fiz-lhe as mesmas perguntas que já me fizera. Ele me respondeu que o *Blimp* tinha um dispositivo de localização de submarinos a uma distância de 12 horas e que estava orientando o *Cuiabá* para este navegar cada vez mais afastado da costa, entre 3.000 a 4.000 milhas, procurando fazer uma rota completamente distante da área do Nordeste, onde havia maior possibilidade de ação dos submarinos. Perguntei ao mestre se o dirigível tinha armamento para o caso de aparecer um submarino. Ele me disse que, neste caso, o *Blimp* avisaria as Bases Navais que ficavam ao longo da costa, ou seja, Fortaleza e Natal.

No dia 23 de dezembro, lá estava o *Cuiabá* outra vez sozinho, apenas protegido pelo *Blimp*. Era como se dizia: só sol, mar e *Cuiabá*. Assim viajamos. Em determinadas ocasiões estávamos entre comboios; outras, completamente sós, em virtude da velocidade do nosso navio. Com três dias de viagem, tudo parecia normal a bordo, todo mundo conformado com o desconforto.

Afinal era uma situação de emergência. O mestre sempre recomendava que devíamos evitar peso nas laterais do navio, para o mesmo não adernar. O espírito de corpo começava a funcionar. Tinha que haver cooperação. Tínhamos que completar a viagem. A Itália estava muito longe.

As horas de ócio distraíamos observando os golfinhos como que a escoltarem o navio. "Sr. Mário, esses golfinhos não têm medo de tubarão?". "Que nada, os tubarões é que têm medo". Minha bagagem, como a de todos, era pouca coisa: uma pequena maleta de couro, modelo muito usado na época. Servia de travesseiro e proteção contra pesadas e esbarrões à noite, quando dormíamos.

No dia 24, resolveram fazer a chamada nominal dos componentes de cada batalhão. Era hora do almoço. Cada comandante verificava se o seu pelotão estava completo. Estávamos numa área mais ou menos perigosa, onde a frota de submarinos torpedeara mais de 20 navios brasileiros, entre o

Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, local de travessia do oceano em direção a Dakar.

A chamada deveria ser feita sem muito barulho, para não chamar atenção de possíveis submarinos na área. Entre os componentes do Contingente estava o soldado Pedro Pereira da Conceição, oriundo da 4ª Companhia de Fronteira do Amapá. Conceição tinha um problema nas cordas vocais, o que lhe conferia uma voz rouquenha, estridulosa, sendo logo "batizado" pela turma de "Pato Rouco". Começada a chamada, quando chega a vez do Conceição responder seu nome de guerra, ouve-se um "CONCEEIIÇÃÃOO"!!, bastante forte e demorado, o que fez seus superiores pensarem que ele estava se exibindo. O grito podia ser ouvido por todo o navio. Será que não era audível fora deste? E os submarinos?

Por volta das 16 h, um alarme geral com a orientação para apanharmos os salva-vidas. Olhei para cima e não vi o *Blimp*. Na carreira para apanhar o salva-vidas, acabei pegando dois, por achar que eram muito pequenos. A notícia que corria a bordo era que se tratava de um treinamento. Com o mestre de bordo procurei saber se, no caso de o navio afundar, para onde deveria nadar, pois só se via céu e mar. Ele me disse que, neste caso, deveria nadar em direção à direita do rumo do navio. Notando o Sr. Mário um tanto nervoso, perguntei se havia algo de anormal. Ele ficou calado.

De repente, surgem vários navios de guerra. Uns seis ou sete, entre fragatas, contratorpedeiros e lança-minas. Todos realizando manobras ao redor do *Cuiabá*, lançando bombas de profundidade. Uma verdadeira operação pente-fino. Apesar da ordem de não se acenderem luzes a bordo, depois de passado o perigo fomos avisados de que haveria uma missa, com a presença da imagem de N.S. de Nazaré, juntamente com o vigário da igreja, às 18 h. Contritos, assistimos à missa agradecendo a salvação de nossas vidas, pois para alguns, para não haver pânico, tudo não passara de um treinamento; para outros, fora mesmo uma tentativa de torpedeamento. A área em que estávamos era onde tinha havido o maior número de torpedeamentos, entre a Bahia e o Espírito Santo.

Já ao anoitecer terminou a missa, sendo as luzes logo apagadas para não comprometer a segurança da escolta. Todos assistiram à missa, menos o Conceição. Por causa do seu "grito de guerra", foi recolhido à prisão de bordo.

A partir do dia 25, todos os dias pela manhã, tínhamos missa, onde agradecíamos a proteção de N.S. de Nazaré. Nosso protetor aéreo, o *Blimp*, aparecia às 7 h e às 18 h se afastava rumo à sua base no Nordeste. Com estas medidas de segurança tínhamos a certeza de que chegaríamos ao Centro de Recompletamento da FEB no Rio de Janeiro.

Cada dia que passava íamos tomando conhecimento da situação da nossa viagem. Na cabine de comando, só víamos o piloto e capitão Vaz, que com seu grupamento de combate policiava todo o navio. Não podíamos atracar em nenhum porto, a não ser no Rio de Janeiro. Os mantimentos estavam escasseando, por isso deveria haver economia a bordo. O caso mais sério era em relação à água: uma metralhadora apontada para a torneira nos advertia de que não deveríamos nos aproximar dali. Tudo isto gerava descontentamento e inquietação no seio da tropa.

Amanhecemos o dia 28 novamente parados em alto mar. Às 9 h nem sinal do *Blimp*. O que teria acontecido? Nossa atenção foi atraída para um dos lados do navio. Aproximei-me para ver o que era: um tubarão rondava o navio. Procurei o mestre de bordo para saber a razão porque estávamos parados. O Sr. Mário não queria falar, mas com certeza não deveria ser por causa do tubarão. Lembrei-me do Dia de Natal; será que teríamos de novo "treinamento" com salva-vidas? "Talvez", respondeu o mestre.

Um tubarão rondando o navio deve estar com fome. Cadê os golfinhos? Agora é que eu queria ver se era verdade aquela história de que os tubarões têm medo deles. O mestre me diz que os golfinhos deveriam estar bem longe, pois o tubarão estava muito calmo, como se estivesse esperando comida.

Quanto tempo ficaríamos parados? Aquele tubarão não era uma boa companhia. A área onde estávamos, ao sul de Sergipe, limite com a Bahia, era conhecida como Cemitério dos Marítimos, devido ao número de torpedeamentos. Entre 15 e 17 de agosto de 1942, cinco navios foram torpedeados, com numerosos mortos. Sem saber o que acontecia, ficamos horas parados. Só o tubarão se movimentava, como se aguardasse algo.

A espera gerava tensão. Pensamentos mil vinham à mente. Será que estavam aguardando reforço de abastecimento para o navio continuar viajando? Será que estavam tentando livrar a rota dos perigos? Apesar da apreensão de todos, não havia pânico. Muita gente estava incomodada por causa dos enjoos. Isto diminuía o movimento no navio.

Por volta das 13 h apareceram dois navios mercantes. As máquinas do *Cuiabá* voltaram a funcionar, procurando acompanhar os dois navios. Súbito, barulho de aviões. Eram *Catalinas* da FAB em missão de patrulhamento, dando cobertura à navegação. A viagem reiniciava e a tensão diminuída.

Dia 29 de dezembro amanhecemos novamente sozinhos. Por causa da nossa baixa velocidade, ou talvez devido às rotas diferentes, os dois navios haviam desaparecido. Estávamos parados outra vez, agora, próximo de terra; podíamos avistar uns montes. Onde estamos? "Vitória, Espírito Santo", me responde o mestre. O *Blimp* não estava em seu posto. Apreensão outra vez.

Inesperadamente o capitão Vaz dirige-se à tropa. Através do comando de cada grupamento faz chegar a todos que aqueles que quisessem escrever para os seus familiares que o fizessem pois, dentro de duas ou três horas, viria uma lancha apanhar a correspondência e traria alguns mantimentos.

A movimentação foi geral. Todos procuravam um lugar onde pudessem escrever. Afinal, desde o dia 20 que viajávamos e sem condições de mandar notícias para casa.

Cartas escritas, cartas entregues para a devida censura e nada de lancha. Havia mais de três horas esperávamos. Por volta das 12 h, as máquinas deram sinal de partida. Será que vamos para o porto? Já era tempo de sentir um pouco a terra.

Nove dias só de mar, céu, sol, golfinhos, tubarões, escoltas aérea e naval, e perigo. Merecíamos uma folga. Barulho de aviões. Era a FAB em seu patrulhamento. O que estaria acontecendo? O navio estava indo em direção ao oceano. Cadê o *Blimp*? Nossa esperança de pisar em terra esvaneceu-se.

A viagem continuava. As cartas foram um truque para manter todo mundo ocupado, sem se aperceber do que ocorria ao redor. Logo apareceram três navios mercantes que se juntaram a nós.

Cadê a escolta? O perigo aumentava. Procurei o mestre para novas perguntas. Agora, mais calmo ele disse: "Estamos protegidos pela aviação até nossa chegada ao Rio de Janeiro". Que aviões? perguntei. "Eles estão fazendo a sua ronda duas vezes por dia na rota dos navios. Agora poderemos viajar sem susto. Não há mais perigo".

Nos dias 30 e 31 navegamos sem grandes alterações. Na rotina, a missa matinal. Cada vez mais perto estava o Rio de Janeiro. Teríamos uma passagem de ano diferente: em pleno mar. O ano que se iniciava trazia uma certeza: a de que cumpriríamos nossa missão de lutar pela democracia.

Com quase doze dias de viagem, às 0h30 do dia 2 de janeiro de 1945, o mestre de bordo me disse que já estávamos em águas da baía de Guanabara. A expectativa tomou conta de mim, que ansiava conhecer a tão famosa "Cidade Maravilhosa". Além disso, depois de tanto céu e mar e sustos passados, chegar à terra era uma satisfação, uma espécie de renascer.

Em vez de dormir fiquei na amurada, na proa, esperando para ver a entrada da cidade. Resisti até às 3 h, quando dormi na posição em que me encontrava. Não queria perder nada. O Rio de Janeiro era famoso. Eu já havia visto alguns postais da cidade. Às 6 da manhã fui despertado pela guarda do pessoal. Já estávamos chegando. Olhei para o lado direito e o que vi foram morros. Parecia uma paisagem lunar.

Tocaram a chamada para o café, mas eu não queria perder nada da chegada. Esperei mais meia hora e continuavam as montanhas. Cadê a cidade que não aparece? Após o café voltei à minha posição na proa. Nada de cidade. Será que era outro boato como aquele da Vitória?

Não estávamos sozinhos. Fazíamos parte de um grande comboio, com mais de trinta navios, entre estes, três navios com tropas: o nosso e mais dois do Nordeste, que traziam gente da Bahia, Pernambuco e Ceará, perfazendo um total de 1.800 homens. Nossa escolta era feita por aviões *Lockheed*, *Hudson*, *Ventura* e *Consolitaded*.

Por volta das 9 h já estava cansado de esperar. De repente, o navio faz uma manobra para a direita e surge, ao longe, Copacabana, com seus edifícios e sua praia. Era tudo muito emocionante para mim, saído de uma cidade pequena como Belém na época.

Nova manobra e nova paisagem: os morros e suas casas. Aquelas casas pareciam penduradas! Como poderia haver possibilidade de moradia naquela posição?! Eram muitas as impressões. O navio ainda afastado do cais permitia que observássemos várias coisas: o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, o mirante Dona Marta. Era o Rio de Janeiro que finalmente chegara.

Como eram três navios com tropas, tivemos que aguardar vaga para atracar. Isto levou a manhã inteira e parte da tarde. Por volta das 18 h surgem no cais uns trens "maria fumaça". Ao mesmo tempo que lembrei dos nossos observei uma diferença: nosso cais não oferecia esta conexão navio-trem. Desembarcamos e fomos direto para as composições ferroviárias.

Cerca de 21 h saímos do cais em direção à Vila Militar, perto de Bangu, onde já estava aquartelada a tropa com mais de 6.500 homens. A viagem ainda não terminara. O trem parecia aquele em que fomos para as manobras em Igarapé-Açu.

Já na Vila Militar tivemos que aguardar a chamada e a distribuição dos números e das unidades em que ficaríamos lotados. Lá pela meia-noite recebi meu número — 5.636 — e fui lotado na 6ª Companhia do 8º Batalhão. Tudo isso somente com o café da manhã. Foi o dia todo com fome. Já estávamos no dia 2 de janeiro.

Na minha Companhia, com 150 homens, do Contingente da Amazônia só estávamos eu e o sargento Luiz Pedro de Souza, que era da Companhia de Fronteira de Brasiléia, Acre. Os demais componentes do Contingente foram distribuídos por diferentes unidades. Assim, seria difícil encontrar os antigos companheiros. Os novos eram gaúchos, paranaenses, sergipanos e pernambucanos.

Conduzido ao alojamento percebi que havia pouco espaço para muita gente. Pela primeira vez vi um "pentaliche". Procurei deitar no 4º beliche. Cansado, depois de tantas noites mal dormidas e com risco de sobrevivência, procurei dormir. Às 5 h despertei com o toque de alvorada. Levantei e fui atrás do banheiro. Nova decepção: tudo improvisado, com muita gente para poucas dependências.

O ambiente na Vila Militar fazia lembrar os tempos do 34º BC em Val-de-Cans. A refeição era feita em pé, com a cozinha ao ar livre. Eu pensava: se aqui é assim, como não será na guerra?

Aquele primeiro dia de Vila Militar, no Centro de Recompletamento de Pessoal da FEB, estava sendo extremamente monótono, desconfortável e cansativo. Saí do alojamento e fui andar um pouco pela área do CRP, para ver se localizava algum antigo companheiro. Andei a manhã toda. Cheguei a contatar com alguns que estavam em treinamento nas plataformas ferroviárias e pórticos assemelhando amuradas e tombadilhos de navios.

De volta à minha Companhia, na hora do almoço, procurei estudar o terreno para tentar chegar à cidade propriamente dita. Eu não conhecia nada. Chegara de "maria fumaça" do cais, direto para Bangu. Logo, para ir à cidade, teria que ser de trem. Mas como iria?

Passei o resto da tarde andando, procurando fazer amigos no alojamento. Perguntei ao sargento comandante do meu grupamento quais eram as minhas obrigações. O sargento me disse que no dia seguinte era folga da companhia; eu poderia aproveitar para ir conhecer a Cidade Maravilhosa.

Tomei o café da manhã, no dia 4 de janeiro e, com a autorização verbal do sargento, procurei testar a minha capacidade de praça antiga. Dirigi-me à estação de trens da Central. Na hora, não sabia que direção tomar para a cidade. Mas ali era uma parada para várias unidades militares, entre a Vila Militar e a estação de Deodoro.

Eu estudava o terreno, pois além de ir, teria de saber voltar para minha Companhia. Entretanto, não queria perder a oportunidade de conhecer o Rio. Como fazer? Eu não conhecia nada. Nesta ocasião, por pura sorte, encontrei dois oficiais paraenses: os tenentes Nélio Lobato e Epitácio Cardoso de Brito. Nélio ia fazer engenharia; Epitácio já estava incorporado

Aproveitei e perguntei-lhes como poderia chegar à estação da Central do Brasil, no centro da cidade. Orientado, tomei o trem e segui viagem. Como fora informado pelos dois paraenses que o fim da linha era na Central, não haveria problema.

Cheguei à Central, saí da estação e me deparei com o imponente prédio do Ministério da Guerra, em frente. Do outro lado da avenida, a Presidente Vargas, o Campo de Santana, uma grande área arborizada. Fiquei rondando por ali. Caso não me sentisse seguro, no sentido de saber onde estava, voltaria logo.

Rondava quadra por quadra, observava detalhes, olhava as pessoas. Surge um conhecido. Era um dos mineiros que fez parte do 34º B.C. Havia sido licenciado e estava residindo no Rio de Janeiro.

Batemos um longo papo e ele me levou até onde morava, numa vila de quartos não muito longe dali. Procurei saber como poderia chegar ao edifício do jornal *A Noite*, onde sabia trabalhava uma paraense minha aparentada, a professora Eugênia. O mineiro, solícito, levou-me ao ponto do bonde que tinha como destino a praça Mauá, onde ficava o jornal. A volta seria fácil, eram apenas quatro quadras.

Apanhei o bonde e em pouco tempo estava na praça. Em frente ao edifício de *A Noite* fiquei observando o movimento. O prédio era um dos mais altos do Rio naquele tempo, e eu nunca havia entrado num edifício.

Em Belém não havia edifícios; o mais alto da nossa cidade era o Grande Hotel, com quatro andares. Eu, apesar de frequentar seu terrace, nunca apanhara o elevador. Fiquei pensando em como chegaria ao 12º andar, onde trabalhava Eugênia, que prestava serviços para a revista argentina *La Nacion* — era meu único contato naquela cidade grande.

Lembrando do ditado que "praça antiga não se enrasca", resolvi apanhar o elevador. Enquanto o elevador subia ia observando as pessoas dizerem ao ascensorista onde queriam ficar. O homem parecia conhecer todo mundo, tal a familiaridade com que se dirigia a todos.

Então, perguntei a ele se conhecia a professora Eugênia.

Respondeu-me que sim e que ela trabalhava no 12º andar, confirmando a informação que eu tinha. Mas já havia passado o andar. Então, só na volta. Fui até o último andar, onde funcionava o auditório da Rádio Nacional, e no retorno fiquei no 12º.

Eugenia ainda não chegara; fiquei esperando por ela. Curiosos por verem alguém fardado naquele setor, me perguntavam se eu não tinha medo da guerra. Não sei, só vendo, eu respondi. "Mas os alemães estão derrotando os brasileiros em Monte Castelo!" Bem, fui voluntário para o Exército. Somente quando chegar na Itália é que poderei responder a sua pergunta. Era um argentino encarregado do escritório de representação da revista.

Às 11 h Eugenia chegou. Ao me ver ali ficou espantada. "O que estás fazendo aqui, Antônio? E com a farda da FEB? Vais para a Itália?!" Disse-lhe que estava esperando para viajar.

Conversamos um pouco, perguntei pelos outros parentes e ela me disse que eu poderia ir à casa de Mimi, outra irmã dela que morava na Aldeia Campista, já que ela, Eugenia, só chegaria em casa à noite. Não perdi tempo, perguntei qual era a condução, o endereço e para lá me dirigi.

Ao descer, o ascensorista me disse ser filho de paraense e que seu pai trabalhava no jardim que ficava no térreo do edifício. Fui ao jardim e localizei o pai do rapaz. Depois das apresentações, fiquei de voltar outro dia. Rumei para a Aldeia Campista.

Outra surpresa na casa de Mimi. Eu não via aquelas pessoas havia quase dez anos. Almocei por lá e à tarde retornei ao centro da cidade. Às 17 h estava de novo na praça Mauá. Ali havia muitos bares frequentados por americanos e marinheiros em geral. Como "arranhava" alguma coisa de inglês, aproveitei para testar meus conhecimentos. Sentado num bar vi passar quatro elementos da minha nova Companhia. Levantei e perguntei a eles aonde iam. "Vamos à Casa do Combatente." Curioso, acompanhei-os para saber o endereço e o que era a tal Casa.

Era uma cantina onde se recebia um lanche e uma carteira de cigarros. Tomei nota para voltar outro dia. Aproximadamente às 20 h retornei à estação da Central do Brasil para apanhar o trem de volta à Vila Militar. O dia de descobertas transcorrera sem contratempos.

Na manhã do dia seguinte, 5 de janeiro, procurei o sargento que disse que eu iria entrar de serviço de sentinela avançada em torno do campo onde ficava localizado o Centro de Recompletamento. Era uma área completamente deserta e, pelo fato de lá estarem 6.500 homens, havia o perigo de ataques terroristas ao acampamento. Todo cuidado era pouco.

Passei o dia de serviço, com folgas a cada 4 horas, quando aproveitava para travar novos contatos, pois meus antigos companheiros estavam dispersos.

Nos dias 6, 7 e 8 a Companhia efetivou vários treinamentos no campo: exercícios de tiro amarrado, rastejamento, transposição de obstáculos, embarque e desembarque. Na Itália, as atividades continuavam sob inverno fortíssimo, com a temperatura chegando a 15 graus negativos. Por aqui, o calor do verão carioca fazia-nos pensar em como poderíamos suportar essa grande diferença climática.

Enquanto não embarcava o 5º Escalão, a Vila Militar vivia uma expectativa devido ao fracasso da FEB na tentativa de conquista de Monte Castelo em 24, 25 e 29 de novembro de 1944. A aviação americana não apoiou as investidas brasileiras e a artilharia inglesa suspendeu o fogo, o que possibilitou o ataque inimigo, ocasionando 190 mortes do lado brasileiro. O 5º Exército achava que a ofensiva tinha de ser retomada antes do inverno.

O dia escolhido para o ataque, 12 de dezembro, encontra a região atingida por pesadas chuvas, transformando-a em um imenso lamaçal. Com tudo isso, a FEB partiu para o ataque, sem artilharia e sem aviação de apoio. O nevoeiro talvez permitisse o deslocamento da tropa sem ser percebida. Às 6 h, quando o 3º Batalhão do 1º R.I. deveria lançar-se à frente, os americanos dão início a um bombardeio sobre Belvedere, denunciando a ofensiva, permitindo a reação inimiga e, consequentemente, frustrando o ataque. Mais uma infrutífera investida brasileira.

Em fins de janeiro de 1945, corriam boatos sobre substituição no comando da FEB, por conta do fracasso em Monte Castelo. A FEB se justificava botando a culpa no mau tempo, no pouco tempo para colocação da tropa na base de partida e na imprevista reação dos nazistas. O comando americano queria uma resposta, se a FEB teria ou não capacidade de combate. Os brasileiros pedem um prazo para responder. Os americanos dão 12 horas.

De acordo com o comando da FEB esta era responsável pela guarnição de 20 quilômetros de frente, tendo ordem para atacar num setor de 2 quilômetros dessa frente. Assim, não tinha condições de lutar numa área continuando a guarnecer o restante da frente. Para o comando brasileiro a demonstração de capacidade de combate estaria subordinada a missões adequadas.

O exemplo do dia 12 de dezembro não demonstrava incapacidade, mas impossibilidade de combate. A FEB chegara à Itália em 16 de julho, sem nenhum treinamento. Foi incorporada ao 4º Corpo, recebeu treinamento de trinta dias, entrando em ação em setembro de 1944. Sua primeira missão foi a de substituir veteranas tropas americanas.

Os combates reais foram a verdadeira preparação da tropa brasileira. Frisava o comando brasileiro que os americanos, para entrarem em ação, tiveram um treinamento de um ano nos Estados Unidos e mais três meses na linha de frente. A FEB, por culpa do Comando aliado, não tivera condições de treinamento na Itália. Deste modo, cabia ao Comando aliado julgar se os brasileiros estavam ou não em condições de entrar em combate.

Enquanto se discutia as condições dos brasileiros, na direção de Bolonha, o 5º Exército tinha uma Divisão de 15.000 homens reduzida para 8.000. Ainda no mesmo dia 12 de dezembro, os nazistas contra-atacaram em Camaione e Viareggio, fazendo duas Divisões recuarem mais de cinco quilômetros.

Verificado haver uma grande reação nazista, o Comando aliado preferiu resolver o assunto com os brasileiros pedindo a estes que, dentro de suas possibilidades, mantivessem as posições já ocupadas.

Ao lado dos boatos, de notícias desencontradas e de fracassos na frente italiana, falava-se também em muitas deserções. O clima era propício para os agentes nazistas no Brasil. A propaganda nazista era forte entre nós. Perguntava-se por que lutar na Itália contra uma ditadura e se no Brasil o governo também era ditatorial? Por que deixar o Brasil se os americanos tomam conta de todos os pontos estratégicos? Por que lutar na Itália, se os brasileiros estão sendo derrotados...

Dia 21 de janeiro de 1945 estive de serviço o dia todo.

Aproveitei para conhecer melhor meus novos companheiros. Eram gaúchos, catarinenses, paranaenses, de fala encrencada, com muitos falando somente alemão entre eles, como os catarinenses. Eu julgava, a princípio, que fossem mercenários alemães a serviço da FEB. Os gaúchos eram mais alegres e comunicativos. Gostavam de uma briga como poucos. Bastava chegarem num local e haver uma confusão, que logo estavam no meio. Talvez significasse uma forma de exercício.

Na manhã do dia 22, aproveitando a folga de 72 horas após cada serviço de 24 horas, saí em direção à parada do trem, para continuar meu "roteiro turístico" no Rio de Janeiro.

Ao chegar a uns 300 metros da plataforma observei uma aglomeração. Eram ciganas que estavam lendo as mãos dos pracinhas a FEB. Aproximei-me e fiquei observando. Uma das mulheres chamou logo a minha atenção por sua roupa diferente das demais e por não parecer estar interessada em clientes.

Ao notar minha presença, a tal cigana perguntou se eu não queria que ela lesse a minha mão, conhecer o meu destino. Respondi-lhe que não; o meu destino eu já sabia. A cigana olhou-me fixamente e disse-me: "Se quiseres, posso ler teu destino só olhando o teu rosto". Achei que era um desafio.

Afinal, dizia-se que a leitura era feita nas mãos. Ler no rosto? Como o que ela pedia não era muito, topei a parada.

"Tu não vais para a guerra!" Quis rir, achando que ia ser enganado. Lembrei-me das recomendações sobre informações. A cigana poderia ser uma agente nazista, pois eu estava esperando apenas o dia de embarcar. Procurei me acalmar e deixei-a continuar o seu trabalho.

A cigana me disse que eu iria fazer uma grande viagem conduzindo tropa, e que me via sendo condecorado. Disse também que eu ficaria muito doente, com risco de vida, mas que conseguiria sobreviver; que a minha batalha não seria na guerra. A guerra seria uma passagem sem importância na minha vida...

Quando ela acabou de falar, perguntei quanto era o serviço. "Tu não acreditaste? Então, pega esta linha que tenho na mão e dá quantos nós quiseres".

Dei uns vinte ou trinta nós bem dados e devolvi à cigana.

Ela recebeu a linha, colocou nas mãos, deu um sopro e devolveu-me: a linha não tinha nenhum nó! Paguei e segui meu caminho em direção à cidade, onde passei o dia e a noite quase toda.

Às duas horas da madrugada, estava de volta à Vila Militar. Ao chegar ao meu beliche, o plantão me disse: "És o 5.636? O sargento me disse para procurares falar com ele antes de ires para o rancho". Fiquei pensando "será que o sargento se enrolou por minha causa?"

De manhã cedo apresentei-me ao sargento. Ele me disse que evitasse tomar qualquer atitude na hora da formatura. Ouvi e em seguida dirigi-me ao rancho.

Notei que os elementos da Companhia estavam preocupados, mas nada comentavam. Será que chegara a hora do embarque e o pessoal estava com medo de viajar? Companhia em forma e chega o capitão comandante da mesma.

Dirige-se aos seus comandados, criticando o modo como alguns elementos se comportaram na hora do jantar, onde houve muita briga, ocasionando prisões, e que ele não admitia indisciplina...

Não deu outra, o pau cantou direto entre o capitão e alguns gaúchos. Foi preciso o oficial refugiar-se no alojamento, protegido pelos sargentos e alguns soldados, inclusive eu. As coisas foram resolvidas com a chegada da Tropa de Choque do Batalhão Escola, que prendeu vários elementos.

Mais tarde, o sargento Luiz Pedro de Souza contou-me que na hora do jantar houve um sério atrito entre os elementos da Companhia e os cozinheiros, necessitando a intervenção da Tropa de Choque. Com isso, a Companhia ficou sob ameaça de intervenção por parte do Comando do Batalhão.

Permaneci dois dias sem poder ausentar-me da Vila Militar.

No dia 23, saía a publicação da dissolução da Companhia. Eu estava fora da FEB! Lembrei-me da cigana e suas previsões. Procurei o sargento e disse-lhe que precisava sair pelo menos por umas duas horas.

O sargento Luiz Pedro sorriu ao ouvir a história da cigana: "Tens 24 horas para procurares a tua cigana e voltar aqui para te apresentares a tua nova unidade".

Com a dissolução da Companhia, os elementos que não estavam presos por envolvimento nos fatos que culminaram com essa decisão drástica do comando, foram transferidos para várias outras unidades na cidade. Eu teria que me apresentar ao Batalhão da Guarda Presidencial.

Autorizado, parti para a estação atrás da cigana e seu bando. Perguntei, procurei, e nada. Alguns moradores das redondezas me disseram que esse pessoal cigano não ficava muito tempo num mesmo local.

Fui até a paradas próximas à Vila Militar, como Bangu e Deodoro. Ninguém sabia informar nada, os ciganos haviam desaparecido. Retornei à Vila Militar e reapresentei-me ao sargento Souza, o qual informou-me que a condução iria levar cinquenta elementos da Companhia para o Batalhão da Guarda.

Perguntei-lhe se eu já podia me considerar fora da FEB. "Por enquanto, sim", respondeu. Eu deveria ficar no Batalhão da Guarda aguardando novas instruções, pois não estava incluído entre os indisciplinados.

Apresentei-me à minha nova unidade — a elite do Exército — em São Cristóvão. O Batalhão da Guarda Presidencial funcionava num prédio de três andares, numa área de 60m x 90m. A maioria dos seus componentes era oriunda de Santa Catarina. De novo um português arrastado para os meus ouvidos, demonstrando a forte influência da colonização alemã; eram todos filhos e netos de alemães.

O Batalhão da Guarda era muito bem equipado, com tudo dentro do regulamento. Dava gosto observar seu funcionamento. Ali, conheci um sargento encarregado da faxina, que por ser semianalfabeto, chamou minha atenção por seu posto em relação à escolaridade. Procurei saber mais a respeito. O tal sargento fizera parte da Guarda Presidencial de Getúlio Vargas quando houve o levante integralista de 1937, contra o Palácio do Catete, tendo saído gravemente ferido tentando defender a vida do presidente da República. Daí o seu prêmio.

O sargento era nordestino, com um forte sotaque regional. Não gostava de lembrar o ocorrido. Dizia que tinha perdido um grande amigo naquela noite. Lembrava da ordem do presidente de manter a posição até à morte. Foi o que ele fez até desmaiar, ferido. Quando despertou, estava no hospital e o presidente, vivo.

O Batalhão da Guarda Presidencial tinha um efetivo de 1.200 homens. Em sua função de guarda do presidente, revezava com os Dragões da Independência, regimento de Cavalaria Divisionário que funcionava num prédio maior, em frente ao do Batalhão da Guarda, e contava com um efetivo também de 1.200 homens.

Estava eu agora ainda mais afastado dos meus antigos companheiros do *Cuiabá*. Quantos teriam partido para a Itália? Quantos ficariam por lá?

No quartel, o cabo encarregado de embarque disse-me que depois do café poderia sair, devendo voltar para o almoço às 11 h e para o jantar às 17 h. Quanto ao serviço, poderia ficar despreocupado, pois só os catarinenses tiravam serviço de rotina. Eles eram treinados para isso.

Virei turista. Nos intervalos das refeições, que tinha de fazê-las no quartel, pois não tinha dinheiro para nada, procurava conhecer um pouco mais do Rio de Janeiro e suas maravilhas.

Assim, fui à Penha e subi seus degraus; à Paquetá, onde a praia da Moreninha era bastante frequentada. Andava muito por toda a cidade observando tudo, ajudando a passar o tempo, até ser novamente acionado no dia 8 de fevereiro de 1945. Nesta data, todos os elementos que estavam adidos receberam ordem de apanhar viaturas e serem levados para o cais do porto.

No cais, aquela monstruosidade de navio, o *General Meigs*, recebia as tropas que iriam compor o 5º Escalão. O local estava completamente lotado. Os soldados embarcando, calados, em fila indiana. Naquele momento, lembrei-me da cigana. E ela que disse que eu não iria para a guerra... O que é que eu estou fazendo aqui, pronto para embarcar?

E continuava a fila de embarque.

Conformado com a nova situação, procurava esquecer a cigana com suas previsões. Quando faltavam menos de 2.000 homens para o término do embarque veio uma ordem para que os últimos 1.000 homens deveriam se afastar da área, pois o navio só poderia levar 5.082 homens.

Fiquei naquela ansiedade: estaria entre esses últimos ou não? Embarcaria ou não? À minha frente, quinze praças. "A partir daqui, podem voltar! A lotação está completa!" Eu não embarcaria!

Com essa ordem de retirada, quatro médicos do Pará também sobraram. Dentre eles, os Drs. Pedro Tupinambá e Lucimar Ribeiro, que apesar de médicos, haviam sido convocados como simples soldados.

A situação era, no mínimo, inusitada: pela segunda vez tinha que pensar na cigana. Ela dissera que eu não iria para a guerra!

À medida que o navio se afastava meu pensamento relembrava a cena da estação do trem. Teria a cigana realmente lido o destino nas linhas do meu rosto? Voltei para o Batalhão da Guarda aguardando nova ordem de formação de mais um escalão para a Itália. A previsão era de três divisões, ou seja, 100.000 homens.

O *General Meigs* ao partir no dia 8 de fevereiro de 1945 para a Itália, não levava apenas mais 5.000 brasileiros para a guerra. Entre eles estavam os componentes do Contingente da Amazônia, que de Belém saíra a bordo do *Cuiabá*, em 20 de dezembro de 1944.

Em terras italianas, amazônidas como Dermeval Barriga, Francisco Chagas de Oliveira, Acácio Moraes Macedo, João Universindo da Silva Lobo, Acyr Ferreira Rodrigues Pará, Francisco Sales de Carvalho, Eliezer Araújo Potiguara e Arnaldo Quintino Dória, entre outros, mostrariam a bravura dos nortistas.

Enquanto o *General Meigs* singrava os mares com destino a Nápoles, os acontecimentos da Segunda Guerra se sucediam, criando um clima de desfecho, que — torcia-se — não demorasse tanto. Entre 4 e 11 de fevereiro acontece a conferência de Ialta entre Roosevelt, Churchill e Stalin.

No dia 4, tropas aliadas libertam a Bélgica. Dia 13 é a vez de Budapeste ser libertada. Nos dias 13 e 14, bombardeios aliados destroem a cidade de Dresden, na Alemanha. No dia 19, os americanos desembarcam na ilha japonesa de Ivo Jima, no Pacífico. Na Itália, após o fracasso de 12 de dezembro de 1944, a FEB luta para manter suas posições, buscando uma oportunidade para chegar definitivamente a Monte Castelo.

Os nazistas não cediam. Alguns brasileiros mortos não puderam logo ser resgatados devido à deslealdade nazista. Os brasileiros travavam contato agora com a neve! Mas toda essa experiência traumática serviria para o ataque definitivo a 20 de fevereiro.

O general Mascarenhas de Moraes decide ele próprio comandar o novo ataque a Monte Castelo. Estudou detalhes e traçou estratégias: o 1º Grupo de Aviação de Caça, comandado pelo major Nero Moura, mostraria aos alemães o poder de fogo do *Senta a Pua*, destruindo a resistência nazista em Mazancava. Depois, era só iniciar verdadeiramente o ataque!

No dia 21 de fevereiro, às 5h30, o 1º R.I. com seus 1º e 3º Batalhões inicia a investida. Sob as ordens do general Zenóbio da Costa, paulatinamente, a infantaria conquista novas posições com o apoio da artilharia, que tinha à frente o general Cordeiro de Farias. Por volta das 16 h, Monte Castelo já havia sido atingido por milhares de granadas e bombas. Seu cume era um vulcão em erupção. Às 17h20, a defesa inimiga entra em colapso. Às 18 h, um pelotão do 1º Batalhão do 1º R.I. chega ao topo do "inconquistável" Monte Castelo.

Era a vitória da persistência, da coragem e da obstinação, elementos introduzidos na vocação combativa dos brasileiros, herança transmitida pela nossa formação racial.

Monte Castelo incorporava-se definitivamente à história militar do Brasil. Ali também ficaria o cabo paraense José Vieira da Conceição, morto durante o ataque.

A vitória em Monte Castelo fez crescer em importância o soldado brasileiro. Como reconhecimento ao feito dos nossos compatriotas, estiveram no Q.G. do general Mascarenhas de Moraes o general Mac Nunney, chefe das

forças americanas no teatro de operações do Mediterrâneo, juntamente com o general Critemberg, comandante do 4º Corpo do Exército Americano. Os americanos, em posição de sentido, felicitaram ardorosamente o comandante da FEB.

Dia 22 de fevereiro de 1945, chega a Nápoles o 5º Escalão da FEB. Com eles, meus antigos companheiros de *Cuiabá*: o Contingente da Amazônia! Agora, já eram 25.445 os brasileiros que tinham ido para a Itália.

Devido aos contratempos, na Itália o acordo para o envio de três divisões não foi respeitado pelo governo brasileiro. Na prática, permitia-se a operosidade de 15.000 homens em atividade de combate e 10.000 de reserva no Depósito de Recompletamento de Pessoal. Com a vitória em Monte Castelo, o governo brasileiro manda desativar o CRP no Rio de Janeiro. Assim, não haveria mais a possibilidade de embarque de tropas para a Europa.

Em princípios de março de 1945, eu estava no pátio do quartel do Batalhão da Guarda quando fui chamado pelo cabo de embarque:

— Você não quer ser licenciado?

— Quero, mas em Belém do Pará!

Estava sem receber nenhum dinheiro desde a partida de Belém, a 21 de dezembro de 1944. Não seria interessante ser licenciado no Rio de Janeiro, sem família, sem ninguém, onde tudo era mais difícil.

O cabo dirigiu-se ao Comando e depois de uma hora voltou a me procurar dizendo para que eu me preparasse para viajar com destino a Belém.

No dia seguinte, o cabo levou-me à presença do Comandante e apresentou-me. "Comandante, este é o elemento que temos para realizar aquela missão!" Missão?... Que missão seria aquela?...

Sem nada entender, em posição de sentido, mão na pala, apresentei-me: "Soldado Antônio Batista de Miranda, de Belém do Pará!"

O Comandante, à minha frente, seria o protagonista de mais uma peça a mim pregada pelo destino. Ou seria outra coisa? Sem sair da sua posição disse-me que, conforme as referências do cabo de embarque, eu seria o elemento que dispunha para realizar a missão de entregar 150 homens em Pernambuco, Maranhão e Pará. Como todos eram soldados, o comando poderia ser de outro soldado. Pelas informações obtidas sobre mim na Vila Militar, eu fora o escolhido.

Mais uma vez me veio à lembrança a cigana. Ela dissera que me via comandando uma tropa! E era o que ia acontecer: eu seria responsável pelo efetivo de uma companhia. Cento e cinquenta homens! Cada 50 ficariam, respectivamente, em Recife, São Luís e Belém.

Dia 15 de março de 1945, embarcava de volta para Belém pelo navio *Itanajé*. Fiz a entrega dos soldados no Recife e em São Luís e cheguei a Belém.

Em Belém, dos 50 soldados restantes da tropa, somente sete pertenciam ao 34º B.C. Os demais eram do 26º B.C., da 1ª Companhia de Metralhadoras antiaérea e da 4ª Companhia de Fronteira do Amapá.

Entreguei os soldados no Q.G. da 8ª Região Militar, na Praça da Bandeira, e fui mandado para o 34º B.C., que àquela altura já havia sido extinto. Era o dia 31 de março de 1945. O Boletim Regional dava meu licenciamento do Exército, transferido da FEB, Batalhão da Guarda e 34º B.C.

Com o licenciamento receberia os quatro meses de salários atrasados. Minha permanência no Exército chegara ao fim. O desejo de defender meu país em terras estrangeiras, na guerra contra o Nazifascismo, não pudera ser alcançado. Uma peça do destino?

Na Itália, a FEB conquista Castelnuovo, ocupando as localidades de Roncovecchio e Seneveglio, expulsando os nazistas. Os americanos tomam Colônia em 7 de março e Frankfurt a 27 do mesmo mês.

Agora eu era apenas mais um civil procurando trabalhar e estudar, sem descuidar do acompanhamento da guerra pelo rádio ou jornais.

Chegara o dia 14 de abril de 1945 — a tomada de Montese — quando ficou comprovado o valor da artilharia brasileira nos campos italianos.

Dia 29 foi a vez da FEB cercar e aprisionar uma Divisão inteira dos alemães fazendo mais de 20.000 prisioneiros, entre os quais dois generais: um alemão e um italiano.

Vez por outra eu pensava na cigana e nas suas previsões.

"Vais fazer uma longa viagem comandando tropas, mas não é para a guerra que irás... Vejo-te sendo condecorado... Ficarás muito doente, correndo perigo de vida... Tua luta será diferente..." Tudo isto martelava minha cabeça. Como poderia uma pessoa olhar num rosto e predizer o futuro?

E eu que fui voluntário, querendo ir para a guerra; que queria participar da luta contra os nazistas... Francamente! Eu pensara que a cigana era uma espiã querendo saber o dia do embarque!

Cigana...Componente de um povo errante... Seres astutos, ladinos. Leem a "buena dicha" nas palmas das mãos... Mas no rosto? Meu destino havia sido lido no rosto?... Restava-me acompanhar as notícias. Nada mais poderia fazer como luta verdadeira.

Depois de Monte Castelo, iniciou-se a conquista da região de La Serra, a 23 de fevereiro de 1945. Castelnuovo é conquistado a 5 de março. A FEB desloca-se para o vale do Panaro abandonando suas posições no vale do Reno. Deslocando seu quartel-general de Porreta Terme para Lizzano, em Belvedere, a FEB fica em condições de melhor atender o dispositivo que proporcionaria novas vitórias.

Depois de cinco dias de combate, Montese é conquistada a 18 de abril.

A tática empregada pelos brasileiros motivou o comentário do general Crittemberg: "Algumas unidades de infantaria norte-americanas deveriam aprender com os brasileiros como se conquista uma localidade". Era o reconhecimento de que o soldado brasileiro conquistara uma posição de participante do primeiro time, igual ou superior a qualquer participante da 2ª Guerra Mundial.

Paralelamente às ações brasileiras, os acontecimentos decisivos para o destino do mundo continuavam a se suceder na Europa.

Os aliados conquistam Hanover em 10 de abril de 1945. No dia 11 dá-se a libertação do campo de concentração de Buchenwald, onde milhares de judeus foram barbaramente sacrificados.

O presidente americano Roosevelt morre em 12 de abril, sendo substituído pelo vice Harry Truman. No dia 21, os soviéticos chegam aos subúrbios de Berlim.

Após a vitória de Montese a FEB reagrupou seu efetivo, passando a ações de patrulha em toda a frente italiana. Os batedores voltavam informando que os alemães estavam se retraindo.

De posse dessas informações, os brasileiros decidem marchar em direção a Panaro, empregando a infantaria da 1ª DIE e o 11° RI, que ocupam lugares importantes em Panaro, além do 1° e o 6° R.I., que chegam a Vignola. Utilizando blindados, criando embaraços à retaguarda nazista, as tropas brasileiras chegam ao fim do dia 20 de abril na estrada que ligava Bolonha ao oeste da Itália.

No início do dia 24, a infantaria da FEB parte para o ataque, com os nazistas sendo dominados, batendo em retirada.

Em sua marcha, a infantaria prossegue dia 25 rumo a Marano, local onde o Esquadrão de Reconhecimento já se encontrara com o inimigo.

A etapa seguinte era ocupar Vignola.

No desespero, os nazistas usavam todos os tipos de armadilhas, até minas, na tentativa de deter o avanço dos brasileiros. A marcha da FEB incluía a travessia do rio Pó, alcançar o rio Ádiga e ficar em posição de defesa do Passo de Brenner, nos Alpes austríacos, pois havia rumores que Hitler organizaria um movimento de resistência na Baviera.

A FEB recebeu orientação para dar prosseguimento à perseguição do inimigo. Para ganhar tempo transportou a infantaria via rodoviária. Com isso, tal unidade transforma-se em unidade autotransportada, o que fez o comando americano elogiar a iniciativa brasileira. Em poucas horas os soldados brasileiros estavam prontos para o combate de Collechio, que cai sob a ação brasileira em 27 de abril de 1945.

Tendo havido informações de que uma Divisão de infantaria alemã se dirigia à Alemanha para reforçar a resistência contra os russos, a FEB recebe ordens para se deslocar com todo o seu efetivo de mais de 12.000 homens e procurar cercar a Divisão alemã.

Depois do combate, com a Divisão alemã já cercada, por interferência do vigário de Fornovo, D. Alexandro Cavalli, é negociada a rendição dos nazistas, que ocorre em 29 de abril de 1945, tomando os brasileiros mais de 15.000 prisioneiros.

O fim de abril e início de maio apresenta ações definitivas para o desfecho do conflito mundial, que já ceifara tantas vidas.

Os franceses conquistam Stutgart em 22 de abril. Os soviéticos e norte-americanos encontram-se às margens do rio Elba, na Alemanha, no dia 25 de abril. Gênova é ocupada pelos aliados em 27 de abril.

Quando tentavam fugir para a Suíça, Mussolini e Clara Petacci são mortos por guerrilheiros em 28 de abril.

Americanos ocupam Munique e libertam o campo de concentração de Dachau. Milão e Vinese caem em 29 de abril.

Adolf Hitler suicida-se a 30 de abril; o almirante Karl Donitz assume o poder na Alemanha no dia 1º de maio de 1945. Berlim é ocupada por tropas aliadas a 2 de maio; dia 8 a Alemanha rende-se incondicionalmente.

A guerra estava terminada.

A quando do término da campanha em solo italiano, e com a assinatura da rendição das forças nazifascistas em 8 de maio de 1945 — o Dia da Vitória —, por sua atuação, pelos feitos heroicos contra Monte Castelo, Montese, Collecchio e Fornovo, recebendo por isto elogios do comando do 5º Exército Americano, estava a Força Expedicionária Brasileira cotada para permanecer como tropa de ocupação e no futuro servir de modelo para o Exército brasileiro, que ainda seguia a escola francesa dos idos da 1ª Guerra Mundial, isto é, 1918.

Tudo isto estava de acordo com as resoluções da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Datado de 9 de agosto de 1943, ratificada pela Portaria Ministerial no 4744, publicada no Boletim reservado do dia 13 do mesmo mês, e pela Recomendação nº 18, de 21 de agosto de 1943, a qual previa a organização de um Corpo Expedicionário a ser formado por três Divisões de infantaria.

Missão cumprida, novas ordens. O general Mascarenhas de Moraes envia ao presidente Getúlio Vargas o seguinte telegrama:

*Dr. Getúlio Vargas,*

*Com o encerramento dia 2 corrente Campanha do Teatro de Operações da Itália, com fulminante e integral vitória Armas aliadas, em cujo âmbito forças brasileiras tiveram desempenho à altura da confiança que lhes foi outorgada pela nação, sinto-me orgulhoso tê-las comandado em tão transcendente circunstância. Cumprida nossa árdua missão, estamos liberados para regressar pátria com consciência tranquila por tê-la bem servido, atraindo para seu nome gloriosa estima e respeito dos povos que amam a liberdade. Congratulo-me Vossência, chefe da nação brasileira, por nos ter proporcionado o excepcional ensejo de revelar mundo civilizado determinação dos nossos soldados em cumprir sagrados compromissos sua pátria.*

*General Mascarenhas de Moraes*

A 14 de julho de 1945, exatamente quando o 1º Escalão Expedicionário deixava a Itália de volta para o Brasil, as providências para a desmobilização e consequente extinção da F.E.B. foram tomadas pelo Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra. Por meio de simples portaria, ele determina a desmobilização desta Força do Exército Brasileiro, que tinha bravamente lutado e vencido as ditaduras nazifascistas. Era o receio de que ainda ecoavam as vozes dos nazistas, ao criticarem a ida da FEB para lutar contra ditaduras na Europa quando no Brasil o governo era também ditatorial.

E assim, aqueles heróis retornavam desmobilizados e desempregados, pois ao se reapresentarem nos antigos empregos, estes não existiam mais. O governo não tinha autoridade para obrigar os patrões a readmiti-los. Era o caos social para os que serviram à Pátria, desagravando nossa honra, brutalmente ofendida e ultrajada com o torpedeamento dos 32 navios mercantes brasileiros, deixando um trágico saldo de mais de 1.500 mortos.

O que estava acontecendo era que, decorridos, portanto, 60 dias do fim da guerra contra ditaduras, com o Brasil sob a ditadura Vargas desde 1930, o governo brasileiro, com as vitórias das Forças Aliadas, não teria mais condições de continuar. A democracia vencera a guerra e a Força Expedicionária Brasileira representava um perigo, podendo abalar os alicerces do governo discricionário de Vargas.

De acordo com a portaria ministerial, só permaneceriam nas fileiras do Exército os elementos do quadro da ativa. O próprio comandante, General Mascarenhas de Moraes, foi destituído pelo aviso nº 217-185, de 6 de junho de 1945. Entre os 25.445 expedicionários: 98% dos oficiais superiores pertenciam ao quadro ativo, bem como 97% dos capitães. Em compensação, 49% dos tenentes da tropa pertenciam à reserva, isto é, eram civis convocados para completarem os quadros da FEB.

Para uma unidade militar com 25.000 homens, esses elementos durante o período da campanha da Itália, tiveram contato com forças militares de governos democráticos, razão porque não haveria possibilidade de uma convivência com outra forma de governo. Eis porque, no dia 29 de outubro de 1945, a Ditadura Vargas chegava ao fim.

Com a desmobilização, vários elementos expedicionários sentiram na própria pele a desgraça de terem lutado e vencido a ditadura. Além do emprego, muitos perderam a família e amigos. Só restavam como companhia Diplomas e Medalhas de herói, alguns encontrados junto a cadáveres abandonados nas ruas do país (Sim, há relatos de ex-pracinhas que morreram como mendigos, abandonados na rua!).

Por esta razão, foi criado um grupo de voluntários ex-combatentes, para, dentro de suas possibilidades — alguns inclusive como legisladores elaborando leis que beneficiassem os nossos heróis —, ajudassem seus antigos companheiros, agora relegados ao infortúnio.

Parecia um contrassenso: enquanto os ex-combatentes sofriam com a sua nova realidade social, sem amparo por parte das nossas autoridades, os nazistas eram julgados com todo o conforto em Nuremberg e suas condenações juridicamente oficializadas.

Somente 43 anos depois, na Constituição de 1988, em seu artigo 53, é que foi aprovada uma pensão para os ex-combatentes, de acordo com a Lei 5.315, de 12 de setembro de 1967. Bem verdade que para ter direito a esta pensão, o ex-combatente não pode ter outra fonte de renda dos cofres da União.

Isto deveria ser um prêmio, sem discriminações. Mas para aqueles que ainda vivem, já com mais de 70 anos, representa de qualquer modo uma vitória dos legisladores para com seus heróis que ainda estão vivos.

O primeiro escalão da FEB retornou ao Brasil no dia 6 de julho de 1945; o último, a 3 de outubro do mesmo ano, perfazendo um total de 21.003 homens. Os 4.442 de diferença para os que viajaram para a Europa ficam por conta dos mortos (451), feridos e mutilados.

Em função da situação política do Brasil — a ditadura Vargas — a volta dos pracinhas gerou uma série de protestos, mas que logo foram abafados pela desmobilização da FEB. O grito por democracia não era bem "ouvido" em nosso país. A propaganda nazifascista ainda tinha eco entre nós, conseguindo muitos adeptos, apesar dos resultados na Europa.

A mudança brusca de vida para muitos participantes da FEB não foi de pronto bem assimilada. Alguns não conseguiam readaptar-se à vida civil, ocasionando vários problemas de ordem social; outros haviam largado seus empregos e não eram readmitidos.

Por tudo isso surge a ideia da criação de um órgão que pudesse proteger, ajudar e orientar o ex-combatente no seu caminho de reintegração à sociedade, lutando por seus direitos, não deixando morrer aquela chama de ideal cívico tão bem demonstrado nos campos de batalha italianos. Assim, congregando elementos da Marinha Mercante, Marinha de Guerra, Exército e Força Aérea, foi organizada a Associação dos Ex-combatentes do Brasil, em maio de 1946.

A luta para que o estado e a sociedade reconhecessem o papel dos ex-combatentes seria árdua. Era preciso atuar em várias frentes, como num campo de batalha. Alguns companheiros seguiram a carreira política e nesta condição pelejaram para a existência e o cumprimento de leis que pudessem beneficiar os participantes da guerra. Outros, dentro das suas possibilidades, passaram a lutar junto aos poderes públicos para aliviar as dificuldades daqueles que precisavam de uma assistência pessoal.

Este foi o meu trabalho no contexto da Associação dos Ex-Combatentes – Secção do Pará. Matriculado sob o número 88, desde 1950 tenho mantido este ritmo de cooperação ao lado dos meus companheiros de luta em favor da Democracia. Minha luta seria diferente, já previra a cigana.

Desde a fundação da Associação dos Ex-Combatentes, muitas foram as lutas internas. Havia ex-combatentes que professando ideais comunistas, pretendiam monopolizar a entidade de acordo com seus interesses político-partidários, esquecendo-se de que o lema da Associação é: LIBERDADE E DEMOCRACIA.

Por esta razão, durante a primeira administração da regional do Pará, muitos foram os ex-combatentes punidos aquando da exclusão do Partido Comunista da vida política brasileira. Na Associação dos Ex-Combatentes luta-se para que ali prevaleça somente a política do ex-combatente e seus direitos pela lei de guerra.

Como reconhecimento do meu trabalho pela categoria fui agraciado, em 5 de outubro de 1979, por indicação da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) de Belém, sob a presidência do coronel Raymundo Deuzuith

Oriente Genú, com a Medalha Marechal Mascarenhas de Morais, pelos serviços em prol dos veteranos da FEB.

Em 2 de maio de 1989, a direção da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção do Pará propôs a concessão do título de Sócio Benemérito a mim, por serviços prestados aos participantes da Segunda Guerra Mundial. Seriam as condecorações que previra a cigana? O tempo e o destino que o digam.

Nós, os ex-combatentes, continuamos lutando para vermos reconhecidos nossos direitos de brasileiros, que largando tudo pensaram num mundo mais justo para todos. À medida que o tempo passa, cada vez estamos menor número, mas o ideal persiste. As sementes foram lançadas. Resta torcer para que os duplamente sobreviventes, possam gozar um pouco das prováveis futuras benesses.

Hoje, atuo junto às escolas, aos dirigentes do setor educacional, em geral, para tornar um pouco mais conhecida esta passagem da nossa História — quase sempre relegada a um segundo plano em importância — principalmente no que se refere à participação dos paraenses em tão cruel conflito.

Nada me disse sobre isso a cigana...

# NOTA

Este trabalho não pretende ser um relato histórico da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Seria mais um. Existem tantos outros livros, mais completos, mais profundos, que podem ser manuseados com mais propriedade por quantos desejarem aprender o verdadeiro significado da luta dos pracinhas brasileiros.

De tais livros, tiramos muitas das informações aqui contidas e que complementam nosso relato, cuja função principal é falar um pouco sobre os paraenses, os nortistas, que também contribuíram para que o Brasil deixasse gravado seu nome eternamente nas páginas da História mundial.

A relação dos livros consultados segue adiante. Aos seus autores, nossas desculpas pela não citação direta dos mesmos no texto, o que poderia tornar a leitura mais enfadonha, e o nosso agradecimento pelo conhecimento de tais obras, sem as quais este trabalho não seria possível.

As prováveis críticas e eventuais elogios serão recebidas do mesmo modo, com a mesma humildade dos que tentam trabalhar em prol de uma causa que acham justa.

"Há, verdadeiramente, duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; em crer que se sabe reside a ignorância", nos ensina Hipócrates.

Belém, julho de 1992.

P.S.: Após a conclusão deste trabalho tivemos a informação que em novembro de 1942 teriam pernoitado na base de Val-de-Cans o general Girrol, comandante das tropas francesas na África, e o presidente americano Franklin Roosevelt. No dia seguinte, ambos teriam seguido para Natal—RN, acertando detalhes da operação conhecida como "Trampolim da Vitória". Como resultado deste encontro em Belém, em janeiro de 1943 reuniam-se em Natal-RN os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt. O assunto era o envio de tropas brasileiras para operações na África.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo, Editora Abril, Ano 1991.

ALMEIDA, Adhemar Rivemar de. **Montese:** marco glorioso de uma trajetória. Rio de Janeiro , Biblioteca do Exército, 1985.

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou.** RJ, Imago, 1987.

O EXPEDICIONÁRIO. (revista). Editora Ex-Combatente. Rio de Janeiro.

LIMA, Rui Moreira. **Senta a pua!** Rio de Janeiro, BIBLIEX, 1980.

LIMA Jr, Raul da Cruz. **Quebra-Canela:** a engenharia brasileira na campanha da Itália. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981.

LOPES, José Machado. **100 vezes responde a FEB.** RJ, Edição do Autor,1986.

MATTOS, Carlos de Meira. **O marechal Mascarenhas de Moraes e a sua época**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1983.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Memórias.** BIBLIEX, 1983.

PAES, Walter de Menezes. **Lenda Azul**: a atuação do 30 Batalhão do Regimento Sampaio na campanha da Itália. Rio de Janeiro, BIBLIEX, 1991.

RODRIGUES, José Agostinho. **Terceiro Batalhão**: O Lapa Azul. 2a ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército. 1985.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1989. 356 p.

SILVEIRA, Joel. **Todos erraram, inclusive a FEB**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo. 1989. 224 p.

# ICONOGRAFIA

Antônio Batista de Miranda, aos 20 anos, na Praça XV do, Rio de Janeiro,
em 20 de Janeiro de 1945, aguardando o embarque do 5º Escalão da FEB. (Acervo familiar)

Componentes do Contingente da Amazônia, a bordo do Navio Cuiabá,
em 22 de Dezembro de 1944, com destino à FEB no Rio de Janeiro/RJ.
A seta azul aponta o soldado Antônio Batista de Miranda
(Acervo familiar)

MINISTÉRIO DA GUERRA

(1) 8a. R. M. (1) 34º BATALHÃO DE CAÇADORES
(Corpo ou Formação de Serviço)

# CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1ª CATEGORIA

Nº 330917 (3)

*Certifico que o cidadão* * ANTÔNIO BATISTA DE MIRANDA * ,(1) *da classe de* 1923 , (1) *alistado no ano de* - (1) *pelo município de* - ,(1) *Estado* Pará , (1) *e incorporado no ano de* 1942 ,(1) *é considerado reservista de 1ª categoria.*

A) Identificação

*Filho de* Manoel Batista de Miranda (1)
*e de* Francisca Miranda de Oliveira (1)
*Natural de* { *Estado* Pará (1) / *Município* - (1) / *Cidade (lugar)* Castanhal (1)
*Data de nascimento* 17/X/923 (1)
*Vacinado?* Sim *Lê?* Sim *Escreve?* Sim (1)
*Profissões sucessivas como civil* Comerciário (1)
*Outras notas* Incorp. como voluntário e licenciado acôrdo Rádio Sr. Ministro n. 956-Y, de 14/XII/944, que dilatou Aviso n. 731, de 22/III/944.

*Côr* Parda clara (1)
*Cabelo* Cast. escuros (1)
*Olhos* Pretos (1)
*Altura* 1,64 (1)
*Nariz* Afilado (1)
*Rosto* Oval (1)
*Boca* Regular (1)
*Sinais particulares* não tem. (1)

Ou Impressão digital (polegar direito) (4)

Antônio Batista de Miranda
(Assinatura do reservista) (2)

B) Serviço ativo (1)

*Unidade onde serviu* 34º BATALHÃO DE CAÇADORES
*Tempo de serviço (incluído em* 20/VIII/942 *, excluído em* 31/III/945. *)*
*Especialidades* -
*Graduação* Soldado.

*(Ass.)* Nelson [illegible]
Cmte. do corpo ou chefe da formação de serviço

C) Mobilização

*Destino de mobilização* *Secção Mob. n.*
*Vai residir em* Belem - Pará - Arcipreste Manoel Teodoro, 415 (6)
(Cidade e, si possível, rua e número)

*Em caso de mobilização deverá apresentar-se* { *Cidade (lugar)* Belem - Pará (6) / *Centro de Mobilização n.* 28º C.R. (6) / *No* 01 *dia de mobilização.* (6)

(6) Belem - Pará, 31 de Março de 1945

*(Ass.)*
Chefe da Secção Mobilizadora n.

OBSERVAÇÕES:

A) Este certificado poderá ser substituido oportunamente pela caderneta correspondente.

B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, si aí não houver guarnição militar), afim de obter meio de transporte até o ~~lugar do Centro de Mobilização que lhe foi atribuido.~~ local de destino modificado pela Circular secreta nº 1182, de 26.XI.936, do E.M.E.

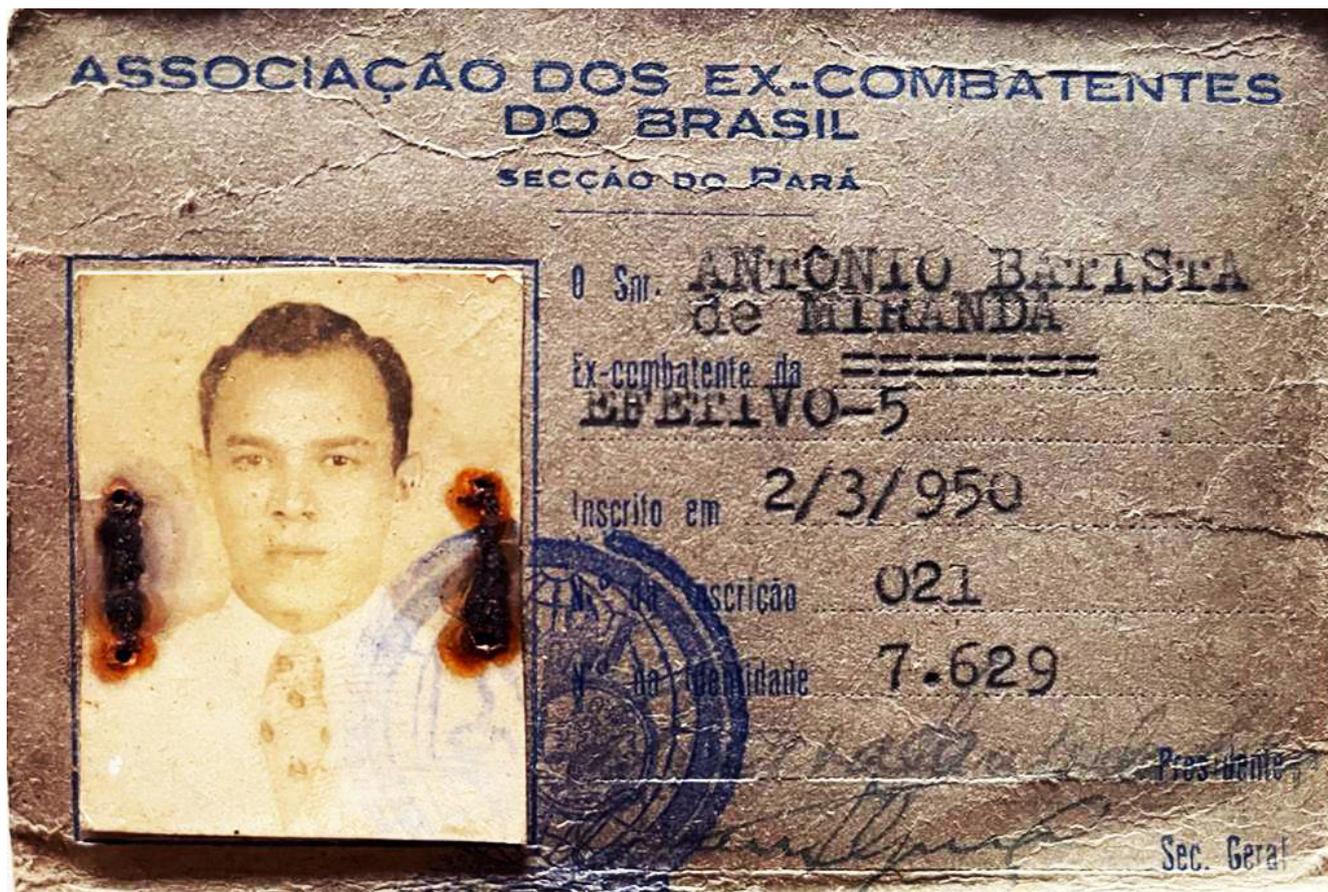
(1) Preenchido pelo corpo ou formação de serviço.
(2) Preenchido pelo reservista si souber ler e escrever.
(3) Número de ordem dado pela Diretoria de Recrutamento.
(4) Tomada na sede do corpo ou formação de serviço e autenticada com o respectivo carimbo.
(5) Preenchido pelo agente do correio local.
(6) Preenchido pelo chefe da Secção Mobilizadora.

Certificado de Reservista de 1º Categoria de Antônio Batista de Miranda.

(Acervo familiar)

Antônio Batista de Miranda, aos 70 anos, quando das comemorações dos 50 anos do Dia da Vitória da 2º Guerra Mundial em 8 de Maio de 1995. (Acervo familiar)

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES
DO BRASIL
SECÇÃO DO PARÁ

O Snr. ANTONIO BATISTA
de MIRANDA
Ex-combatente da
EFETIVO-5
Inscrito em 2/3/950
Nº de inscrição 021
Nº da identidade 7.629
Presidente
Sec. Geral

Carteira de Antônio Batista de Miranda de Membro Efetivo da
Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção Pará.
(Acervo familiar)

Desfile da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção Pará
nas comemorações do Dia da Vitória de 8 de Maio de 1965 em Belém.
Antônio Batista de Miranda porta a Bandeira do Estado do Pará.
(Acervo familiar)

CONSELHO NACIONAL
DA
ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL
(Filiada a Federação Mundial dos Ex-Combatentes)

Of.90/93 Rio de Janeiro, 29 de abril de 1993

Ilmo. Sr.
ANTONIO BATISTA DE MIRANDA
Travessa 14 de Abril nº 1716
BELEM - PA - CEP 66063 - 140

Prezado Senhor.

No momento em que estamos preparando as comemorações do 50º aniversário do término da 2a. Guerra Mundial, constitue para nos, que participamos deste grande conflito , uma imensa satisfação de constatatar que o esforço do BRASIL, na defesa da integridade e soberania do seu território e posteriormente, com a FEB e FAB, na ITÁLIA, participar da luta de conter os nazifascistas, tem na dedicação aos Ex-Combatentes, como V.S. BATISTA MIRANDA, um lídimo defensor dos nossos feitos naquele conflito.

A sua atividade destacada, escrevendo, compondo em sua arte de teatro, a divulgação do heroismo dos nossos soldados, marinheiros e aviadores, ou melhor, do povo brasileiro, merece essa atividade, todo o respeito e admiração.

Sua rica coletânea de recortes de diversos jornais de manifestação intelectual, na definição de uma memória histórica, na área amazônica, vem transmitindo à juventude os feitos da gloriosa ação dos Ex-Combatentes no resguardo das nossas tradições bélicas.

Está o Conselho, dando conhecimento do seu trabalho e a Medalha de Mérito dos Ex-Combatentes, que V.S. recebeu, define o nosso respeito e admiração.

Muito lamento que o Conselho não dispõe de meios para reproduzir o seu trabalho, de alto valor histórico e cultural, para distribuir às demais Associações filiadas. No entanto esta obra sera levada para consideração dos nossos Conselheiros e uma referência merecerá um espaço no nosso Boletim de divulgação.

Peço-lhe aceitar as minhas

SAUDAÇÕES EXPEDICIONÁRIAS

PLINIO PITALUGA - Gen. Ref.
Presidente

PP/JA

Palácio Duque de Caxias 12º andar Telefone 233-2715 CEP 20455 Rio de Janeiro RJ

Carta do General de Divisão Ref. Plínio Pitaluga, presidente do Conselho Nacional das Associações de Ex-Combatentes do Brasil ao autor (1993). (Acervo familiar)

## Relação dos componentes do Contingente da Amazônia

Acervo familiar

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

RELAÇÃO DAS PRAÇAS QUE COMPUZERAM O CONTINGENTE DA AMAZÔNIA COM DESTINO À FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB). 20/12/944

1º GRUPAMENTO

| Nº | Graduação | Nome | Unidade |
|---|---|---|---|
| 1 | 2º Sargento | NEWTON CARDOSO | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 2 | 3º Sargento | HUMBERTO GARCIA SOARES | " " " " " |
| 3 | " " | LAERTE HEMETÉRIO DOS SANTOS | 1ª Bia Mac |
| 4 | " " | TERTULIANO A. S. NETO | " " " |
| 5 | Cabo | ANTÔNIO FERREIRA LIMA NETO | " " " |
| 6 | " | EDSON DE CARVALHO NEVES | 27º B C |
| 7 | " | EXPEDITO JOSÉ BOTELHO | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 8 | " | FRANCISCO ARAUJO COSTA | 1ª Bia Au |
| 9 | " | GERALDO BRAGA DE ANDRADE SILVA | 1ª Bia Mac |
| 10 | " | EDSON DE CARVALHO NEVES | 27º B C |
| 11 | " | MANOEL DOMINGOS FERREIRA MARQUES | 1ª Bia Au |
| 12 | " | MANOEL MARTINS RAMOS NETO | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 13 | " | RAIMUNDO BARROSO ALVES | 1ª " " " " |
| 14 | " | RAIMUNDO GUEDES DE ARAUJO | 27º B C |
| 15 | " | SEBASTIÃO PEREIRA MELO | 35º B C |
| 16 | Soldado | ADALBERTO DE SOUZA LIMA | 1ª Bia Mac |
| 17 | " | ALBERTO BOTELHO DA CUNHA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 18 | " | ANTÔNIO ACÁCIO LOBATO | " " " " " |
| 19 | " | ANTÔNIO DAS CHAGAS | " " " " " |
| 20 | " | ARMANDO DA ROCHA CORDOVIL | 1ª Bia Mac |
| 21 | " | BENEDITO DA COSTA PIMENTEL | 1ª Bia Au |
| 22 | " | BENÍCIO MORAIS MACIEL | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 23 | " | CARLOS SÉRIO CAVALCANTE | " " " " " |
| 24 | " | CELINO JOSÉ DE CARVALHO | " " " " " |
| 25 | " | DOMINGOS DO ESPÍRITO SANTO | 1ª Bia Mac |
| 26 | " | DURVAL SOARES DA SILVA | 1ª Bia Mac |
| 27 | " | EDGAR GONÇALVES DE OLIVEIRA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 28 | " | ERBER VIANA MUNIZ | " " " " " |
| 29 | " | FLÁVIO REIS | " " " " " |
| 30 | " | FLÁVIO TEIXEIRA ESPÍNDOLA | " " " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

1º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

| Nº | Posto | Nome | Unidade |
|---|---|---|---|
| 31 - | Soldado | - FLÁVIO VILAR FERREIRA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 32 - | " | - FRANCISCO BARROS DA VEIGA | " " " " " |
| 33 - | " | -FRANCISCO COELHO GARCIA | " " " " " |
| 34 - | " | - FRANCISCO MARINHO MESQUITA | " " " " " |
| 35 - | " | - FRANCISCO SIMPLÍCIO DE MOURA | " " " " " |
| 36 - | " | - GABRIEL DOS SANTOS | 1ª Bia Mac |
| 37 - | " | - GENTIL BATISTA GALVÃO | 1ª Bia Mac |
| 38 - | " | - GUILHERME MAGALHÃES PIMENTEL | " " " |
| 39 - | " | - HEITOR CARLOS BARATA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 40 - | " | - HENRIQUE RAIMUNDO MENDES | " " " " " |
| 41 - | " | - HERNANI GUIMARÃES | " " " " " |
| 42 - | " | - HUMBERTO MARQUES DA SILVA | 8ª Bia C |
| 43 - | " | - ILDO PINHEIRO DA SILVA | 1ª Bia Au |
| 44 - | " | - IZIDORO GOMES DE ANDRADE | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 45 - | " | - JECI CASEMIRO DE ASSUNÇÃO | 1ª Bia Mac |
| 46 - | " | - JOÃO DE OLIVEIRA RODRIGUES | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 47 - | " | - JOÃO DO CARMO LIMA | " " " " " |
| 48 - | " | - JOÃO ÍTALO SARMANHO CASTRO MARQUES | " " " " " |
| 49 - | " | - JOEL DE LIMA PEREIRA DE CASTRO | " " " " " |
| 50 - | " | - JORGE CURTINHAS | 1ª Bia Mac |
| 51 - | " | - JOSÉ BARRETO | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 52 - | " | - JOSÉ BATISTA BARBOSA | " " " " " |
| 53 - | " | - JOSÉ BENTES DA ROCHA | 8ª Bia C |
| 54 - | " | - JOSÉ DAMASCENO | 1ª Bia Mac |
| 55 - | " | - JOSÉ MARIA DE BRITO FERNANDES | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 56 - | " | - JOSÉ PEREIRA DA SILVA JÚNIOR | 1ª Bia Au |
| 57 - | " | - JURANRIZ FARIAS DE OLIVEIRA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 58 - | " | - LAURO GUILHERME CAMILO DIAS | " " " " " |
| 59 - | " | - LAURO SALDANHA PEREIRA DA SILVA | " " " " " |
| 60 - | " | - LOURIVAL DA SILVA CASTRO | 1ª Bia Mac |
| 61 - | " | - LOURIVAL LOURENÇO DE MORAES | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 62 - | " | - LUIZ FORASTEIRO | 1ª Bia Mac |
| 63 - | " | - MANOEL BARROS DA ROCHA | " " " |

c o n t i n u a

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

1º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

64 - Soldado - MANOEL CORDEIRO SOARES 1ª Bia Mac
65 - " - MANOEL DIAS DE SOUZA 1ª Cia Mtr A Aé
66 - " - MANOEL LINO FERNANDES 1ª Bia Mac
67 - " - MANOEL SANTANA TRINDADE 1ª Cia Mtr A Aé
68 - " - MANOEL SOARES " " " " "
69 - " - MANOEL TIMÓTEO GOMES " " " " "
70 - " - MÁRIO CLÁUDIO VALMONT " " " " "
71 - " - MÁRIO VIANA DA SILVA 1ª Bia Mac
72 - " - MATEUS PINTO DOS SANTOS 1ª Bia Mac
73 - " - MAURÍCIO DE ARAUJO MARTINS 1ª Cia Mtr A Aé
74 - " - MOUZART ALCÂNTARA 1ª Bia Mac
75 - " - MILTON BRITO DA SILVA 1ª Bia Au
76 - " - NELSON SERRÃO DE CASTRO 1ª Cia Mtr A Aé
77 - " - NILO DOS SANTOS PIMENTEL " " " " "
78 - " - ODÍLIO RACHIDE MEKDEC 1ª Bia Mac
79 - " - OLEGÁRIO RODRIGES " " "
80 - " - ORLANDO LOURENÇO DA COSTA " " "
81 - " - OSCAR MANOEL DOS SANTOS 1ª Cia Mtr A Aé
82 - " - OSVALDO BAHIA DA SILVA " " " " "
83 - " - PAULO ANDRADE DE OLIVEIRA " " " " "
84 - " - PEDRO BATISTA DE SOUZA FILHO 1ª Bia Mac
85 - " - PEDRO FERNANDES SOBRINHO " " "
86 - " - PEDRO GERÔNIMO DE LIMA 1ª Bia Au
87 - " - PEDRO PINTO GOMES 1ª Cia Mtr A Aé
88 - " - RAIMUNDO CRUZ DA SILVA 1ª Bia Mac
89 - " - RAIMUNDO FERREIRA GOUVEIA PIMENTEL BELEZA 1ª Cia Mtr A Aé
90 - " - RAIMUNDO GOMES DA FROTA 1ª Bia Mac
91 - " - RAIMUNDO LISBOA DOS SANTOS " " "
92 - " - RICARDO DE SOUZA MARTINS 1ª Cia Mtr A Aé
93 - " - RICARDO FERNANDES FILHO " " " " "
94 - " - ROSINALDO MALHEIROS 1ª Bia Au
95 - " - RUI CHAVES GONÇALVES LEDO 1ª Cia Mtr A Aé
96 - " - SANDOVAL GOMES DOS SANTOS " " " " "
97 - " - SEBASTIÃO ASSUNÇÃO " " " " "

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

1º GRUPAMENTO - continuação - fls 4

| | | | |
|---|---|---|---|
| 98 - | Soldado | - SEBASTIÃO FERREIRA DA SILVA | 1ª Bia Mac |
| 99 - | " | - SEBASTIÃO SILVINO DE SOUZA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 100 - | " | - VALDEMAR SARMANHO | " " " " " |
| 101 - | " | - VENUTO COSTA FILHO | " " " " " |
| 102 - | " | - WILIAN DE CARVALHO | " " " " " |
| 103 - | " | - WILSON LUZIO DA ROCHA HENDELACK | " " " " " |
| 104 - | " | - WILSON TEIXEIRA LEITE | 1ª Bia Mac |
| 105 - | Reserv | - ALBERTO LUIZ DE SOUZA | 1ª Cia Mtr A Aé |
| 106 - | " | - ANTÔNIO GRAGÓRIO DA SILVA | " " " " " |
| 107 - | " | - FRANCISCO JOSÉ GONÇALVES | " " " " " |
| 108 - | " | - GILDO DOS SANTOS | " " " " " |
| 109 - | " | - JOAQUIM APINAJÉS DA CONCEIÇÃO | " " " " " |
| 110 - | " | - JOSÉ CORREA FERRÃO | " " " " " |
| 111 - | " | - LUIZ GONZAGA OLIVEIRA | " " " " " |
| 112 - | " | - RAIMUNDO MARTINS LOPES | " " " " " |
| 113 - | " | - SILVINO DOS SANTOS GOMES | 1ª Bia Au |
| 114 - | " | - TIMÓTEO FERREIRA | 1ª Cia Mtr A Aé |

***************************
***********************
*******************
***************
***********
*******
***
*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

## 2º GRUPAMENTO

| Nº | Posto | Nome | Unidade |
|---|---|---|---|
| 1 - | 2º Sargento | - LUIZ PEDRO DE SOUZA | Cia Fron Brasília |
| 2 - | 3º " | - GESNER MACIEL DE LEMOS | " " " |
| 3 - | Cabo | - ANTÔNIO DE OLIVEIRA PENA | 35º B C |
| 4 - | " | - HUGO BEZERRA BRANDT | " " " |
| 5 - | " | - JOSÉ RIBAMAR COSTA ARAUJO | 34º B C |
| 6 - | " | - JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA | Cont Q G |
| 7 - | " | - SANTÍDIO RODRIGUES VIEIRA | 35º B C |
| 8 - | Soldado | - ADEMAR DOS REIS SANTOS | 34º B C |
| 9 - | " | - AFONSO OSVALDO VIEIRA | " " " |
| 10 - | " | - ALFREDO FERREIRA DA SILVA | " " " |
| 11 - | " | - ALGEMIR PEREIRA PINHO | " "" |
| 12 - | " | - ÁLVARO MARCIANO DOS SANTOS | " " " |
| 13 - | " | - ANDRELINO RODRIGUES DOS SANTOS | " " " |
| 14 - | " | - ANTÔNIO BATISTA DE MIRANDA | " " " |
| 15 - | " | - ANTÔNIO PASCOAL DE LIMA | " " " |
| 16 - | " | - ANTÔNIO PEREIRA DE CARVALHO | " " " |
| 17 - | " | - AUGUSTO DAMASCENO SILVA | " " " |
| 18 - | " | - BENEDITO CORREA SIQUEIRA | " " " |
| 19 - | " | - BRASILINO DE ALCÂNTARA RABELO | " " " |
| 20 - | " | - DAMIÃO PEREIRA DOS SANTOS | " " " |
| 21 - | " | - DERMEVAL ALVES BARRIGA | " " " |
| 22 - | " | - DOMINGOS NEPOMUCENO DE MORAIS | " " " |
| 23 - | " | - EDUARDO JOSÉ FERREIRA | " " " |
| 24 - | " | - EDUARDO LOPES BRAGA | " " " |
| 25 - | " | - ESTANISLAU COSTA | " " " |
| 26 - | " | - ESTEVÃO FORTUNATO DA SILVA | " " " |
| 27 - | " | - EUJÁCIO RIBEIRO NOVAIS | " " " |
| 28 - | " | - FAUSTINO CARVALHO | " " " |
| 29 - | " | - FELIX PANTOJA DE ALFAIA | " " " |
| 30 - | " | - FLORÊNCIO ALMADA | " " " |
| 31 - | " | - FRANCISCO OLIVEIRA LIMA | " " " |
| 32 - | " | - GREGÓRIO ANTÔNIO DA CRUZ | " " " |
| 33 - | " | - JOÃO BRÍGIDO DA SILVA | " " " |
| 34 - | " | - JOÃO JOSÉ DA COSTA | " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

2º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

35 - Soldado - JOÃO LOPES ALHO 34º B C
36 - " - JOÃO MARQUES DE SENA " " "
37 - " - JOÃO PENA DE SOUZA " " "
38 - " - JOAQUIM MELO FERREIRA " " "
39 - " - JORGE PERREIRA DA SILVA " " "
40 - " - JOSÉ BASTOS SALES " " "
41 - " - JOSÉ CAVALCANTE VALENTE " " "
42 - " - JOSÉ DE FREITAS " " "
43 - " - JOSÉ PEDRO DE ALFAIA " " "
44 - " - LOURIVAL REIS 35º " "
45 - " - LUIZ GONZAGA DE MIRANDA " " "
46 - " - MANOEL CAMPELO DA SILVA " " "
47 - " - MANOEL DA LUZ BASTOS " " "
48 - " - MANOEL MACIEL " " "
49 - " - MANOEL MESSIAS GASPAR " " "
50 - " - MAXIMIANO DOS ANJOS " " "
51 - " - MAXIMIANO GONÇALVES " " "
52 - " - MOISÉS DE ALMEIDA BENSABÁ " " "
53 - " - MURILO LOPES MACHADO " " "
54 - " - NORBERTO DOS REIS " " "
55 - " - OLÍMPIO FERNANDES " " "
56 - " - ORLANDO VIEIRA DE MORAIS " " "
57 - " - OSVALDO CORREA VALENTE " " "
58 - " - OSVALDO LEÃO RODRIGUES " " "
59 - " - PATRÍCIO COSTA DE OLIVEIRA " " "
60 - " - PERCILIANO ESTUMANO DE FARIAS " " "
61 - " - RAIMUNDO AGOSTINHO RODRIGUES " " "
62 - " - RAIMUNDO CORREA DE MIRANDA " " "
63 - " - RAIMUNDO DA CRUZ COSTA " " "
64 - " - RAIMUNDO DA SILVA BRABO " " "
65 - " - RAIMUNDO FERREIRA " " "
66 - " - RAIMUNDO GONÇALVES DE SOUZA " " "
67 - " - RAIMUNDO MATEUS DA SILVA " " "

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

2 º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

| | | | |
|---|---|---|---|
| 68 - | Soldado | - RAIMUNDO NOGUEIRA DE SOUZA | 34º B C |
| 69 - | " | - RAIMUNDO NONATO DE OLIVEIRA | " " " |
| 70 - | " | - RAIMUNDO SILVA | " " " |
| 71 - | " | - RAIMUNDO VICENTE SALGADO | " " " |
| 72 - | " | - SALUSTIANO CARNEIRO BENTES | " " " |
| 73 - | " | - SÉRGIO DE FREITAS | " " " |
| 74 - | " | - SILVESTRE ANTÔNIO DA FONSECA | " " " |
| 75 - | " | - TORQUATO FURTADO LEÃO | " " " |
| 76 - | " | - UBALDO CARLOS DOS SANTOS | " " " |
| 77 - | " | - VALDEMAR MARQUES | " " " |
| 78 - | " | - VALDEMAR RIBEIRO | " " " |
| 79 - | Reserv | - AGOSTINHO DOS SANTOS | " " " |
| 80 - | " | - ALAÚR DA MOTA SILVEIRA | " " " |
| 81 - | " | - ARTUR PINHEIRO DA COSTA RAMOS | " " " |
| 82 - | " | - ANTÔNIO CUMARU LEAL | " " " |
| 83 - | " | - ANTÔNIO SUDÁRIO SOBRINHO | " " " |
| 84 - | " | - ANSELMO DA SILVA LOBATO | " " " |
| 85 - | " | - DOMINGOS NAZARÉ SANTOS | " " " |
| 86 - | " | - FRANCISCO ASSIS CAMARÃO | " " " |
| 87 - | " | - FRANCISCO XAVIER DA SILVA | " " " |
| 88 - | " | - FRANCISCO XAVIER DOS SANTOS | " " " |
| 89 - | " | - JOÃO DE JESUS CUNHA | " " " |
| 90 - | " | - JOÃO DE OLIVEIRA COSTA | " " " |
| 91 - | " | - JOÃO MARINHO CONTENTE | " " " |
| 92 - | " | - JOÃO PEDRO DA SILVA FILHO | " " " |
| 93 - | " | - JOÃO PEREIRA ROCHA | " " " |
| 94 - | " | - MOACIR GUIMARÃES MORAES | " " " |
| 95 - | " | - NEWTON MARTINS DA SILVA | " " " |
| 96 - | " | - OSCAR ALMEIDA | " " " |
| 97 - | " | - PETRONILIO LAURINDO | " " " |
| 98 - | " | - RAIMUNDO DOMINGOS TEREZO | " " " |
| 99 - | " | - RAIMUNDO GOMES DOS ANJOS | " " " |
| 100 - | " | - RAIMUNDO MARCELINO DE NOLASCO SOBRINHO | " " " |

* * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * *

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

3º GRUPAMENTO

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento | - RAYMUNDO DELZUITH ORIENTE GENÚ | 26º B C | |
| 2 - | Cabo | - BENTO WILSON DA COSTA | " " " | |
| 3 - | " | - EROSTÁCIO CORREA FILO-CREÃO | 34º " C | |
| 4 - | " | - MANOEL ALDENOR DA COSTA | 35º " " | |
| 5 - | " | - SEVERINO LIRA NEIVA | 26º B C | |
| 6 - | " | - SINVAL DE SOUZA E SILVA | 34º B C | |
| 7 - | " | - VERÍSSIMO DE ASSIS | 35º B C | |
| 8 - | Soldado | - ABEL LOPES PARINTINS | 26º B C | |
| 9 - | " | - ALCINDO DE SOUZA FARIAS | " " " | |
| 10 - | " | - ALFREDO CORREA BRAGA | " " " | |
| 11 - | " | - ANÍSIO APOLINÁRIO DO AMARAL | " " " | |
| 12 - | " | - ANTÔNIO DIAS | " " " | Fal 24/4 980 |
| 13 - | " | - ANTÔNIO TENÓRIO DE MIRANDA | " " " | |
| 14 - | " | - ARMANDO FERNANDES CARNICEIRO | " " " | |
| 15 - | " | - AUGUSTO ALVES RIBEIRO | " " " | |
| 16 - | " | - BENEDITO DINIZ COELHO | " " " | |
| 17 - | " | - BENEDITO VIEIRA | " " " | |
| 18 - | " | - BENTO PACHECO DA CRUZ | " " " | |
| 19 - | " | - CARLOS NOGUEIRA DA SILVA | " " " | |
| 20 - | " | - CARLOS PEREIRA LIMA | " " " | |
| 21 - | " | - CHILDERICO FLEXA DA SILVA | " " " | |
| 22 - | " | - CLÉO BERNARDO DE MACAMBIRA BRAGA | " " " | |
| 23 - | " | - DEMÉTRIO FERREIRA DA SILVA | " " " | |
| 24 - | " | - DEODATO ASSUNÇÃO DO NASCIMENTO | " " " | |
| 25 - | " | - DIONÍSIO BATISTA NETO | " " " | |
| 26 - | " | - DOMINGOS DE JESUS | " " " | |
| 27 - | " | - DORIVAL CÂNDIDO GONÇALVES | " " " | |
| 28 - | " | - EDGAR DOS SANTOS | " " " | |
| 29 - | " | - ELEUTÉRIO SANTA BRÍGIDA DE JESUS | " " " | |
| 30 - | " | - ERNANI PINTO DE CARVALHO | " " " | |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

3º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

| | | | |
|---|---|---|---|
| 31 - | Soldado | - EURICO MELO | 26º B C |
| 32 - | " | - FRANCISCO CAVALCANTE E SILVA | " " " |
| 33 - | " | - FRANCISCO COELHO DE MORAES | " " " |
| 34 - | " | - FRANCISCO DE CARVALHO AFONSO | " " " |
| 35 - | " | - FRANCISCO DE SOUZA MAGALHÃES | " " " |
| 36 - | " | - FRANCISCO INÁCIO DOS SANTOS | " " " |
| 37 - | " | - FRANCISCO LEITE DAMASCENO | " " " |
| 38 - | " | - FRANCISCO MANOEL DE LIMA | " " " |
| 39 - | " | - FRANCISCO PEREIRA DUTRA | " " " |
| 40 - | " | - FRANKLIN AUGUSTO DIAS | " " " |
| 41 - | " | - ISAAC CORREA DE MIRANDA | " " " |
| 42 - | " | - JOÃO CLEMENTINO DA SILVA | " " " |
| 43 - | " | - JOÃO EVARISTO DE MENDONÇA NETO | " " " |
| 44 - | " | - JOÃO HONÓRIO BELÉM | " " " |
| 45 - | " | - JOÃO VINHAS BOTELHO | " " " |
| 46 - | " | - JOAQUIM CHERMONT | " " " |
| 47 - | " | - JOSÉ AVELINO BEZERRA | " " " |
| 48 - | " | - JOSÉ CARDOSO FERREIRA | " " " |
| 49 - | " | - JOSÉ GOMES MOREIRA | " " " |
| 50 - | " | - JOSÉ ORDRADO PANTOJA | " " " |
| 51 - | " | - JOSÉ PEREIRA SANTANA | " " " |
| 52 - | " | - JOSÉ RAMOS VAZ | " " " |
| 53 - | " | - JOSÉ SANTANA BALTAZAR | " " " |
| 54 - | " | - LEOPOLDINO LÁZARO PEREIRA | " " " |
| 55 - | " | - MANOEL DE AZEVEDO PONTES | " " " |
| 56 - | " | - MANOEL DE SOUZA VALE | " " " |
| 57 - | " | - MANOEL GONÇALVES | " " " |
| 58 - | " | - MANOEL NORBERTO MONTEIRO | " " " |
| 59 - | " | - MANOEL PAULO DOS PRAZERES | " " " |
| 60 - | " | - MANOEL RAIMUNDO DE MIRANDA | " " " |

c ontinua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963

Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225

RIO DE JANEIRO - RJ

3º GRUPAMENTO - continuaçÃO - fls 3

| | | | |
|---|---|---|---|
| 61 - | Soldado | - MÁRIO RODRIGUES LOPES GONÇALVES | 26º B C |
| 62 - | " | - PAULO FRANCISCO DE MEDEIROS | " " " |
| 63 - | " | - PEDRO DOS SANTOS | " " " |
| 64 - | " | - RAIMUNDO CUSTÓDIO LANCA | " " " |
| 65 - | " | - RAIMUNDO DOS SANTOS COSTA | " " " |
| 66 - | " | - RAIMUNDO GAIA DOS SANTOS | " " " |
| 67 - | " | - ROGÉRIO NASCIMENTO DE AZEVEDO | " " " |
| 68 - | " | - SEBASTIÃO ARÃO DO ROSÁRIO | " " " |
| 69 - | " | - TOMÉ FERREIRA DE SOUZA | " " " |
| 70 - | " | - ULISSES CORREA MENDES | " " " |
| 71 - | " | - URBANO CORREA DO MONTE | " " " |
| 72 - | " | - VALDEMAR GOMES PINTO | " " " |
| 73 - | " | - VIRGÍNIO MANOEL DA GAMA | " " " |
| 74 - | " | - VITORINO BARROZO DA IGREJA | " " " |
| 75 - | " | - WASHINGTON ELIAS DOS SANTOS | " " " |
| 76 - | " | - ZACARIAS FERNANDES DE ARAUJO | " " " |
| 77 - | Reservist | - ADONIAS DE CASTRO SILVA | " " " |
| 78 - | " | - ANTÔNIO EVANGELISTA ALVES | " " " |
| 79 - | " | - DOMINGOS COSTA | " " " |
| 80 - | " | - DURVAL DA SILVA GONÇALVES | " " " |
| 81 - | " | - EDIR TEIXEIRA MENDES | " " " |
| 82 - | " | - EDUARDO REIS DA SILVA | " " " |
| 83 - | " | - FERNANDO QUIRINO DE SOUZA | " " " |
| 84 - | " | - FRANCISCO FLORÊNCIO DE SOUZA | " " " |
| 85 - | " | - FRANCISCO MENDES DOS SANTOS | " " " |
| 86 - | " | - FRANCISCO NOBRE DE LIMA | " B C |
| 87 - | " | - GALIANO CEI | " " " |
| 88 - | " | - JOSÉ BARROS DE MAGALHÃES | " " " |
| 89 - | " | - JOSÉ EVANGELISTA PIMENTEL | " " " |
| 90 - | " | - JOSÉ NASCIMENTO BORGES | " " " |

c o n t i n u a

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

3º GRUPAMENTO - continuação - fls 4

| | | | |
|---|---|---|---|
| 91 - | Reservista - | JUVENAL ALVES DE MORAES | 26º B C |
| 92 - | " | - LUCÍDIO DE SOUZA FERNANDES | " " " |
| 93 - | " | - MARCOS DE OLIVEIRA | " " " |
| 94 - | " | - RAIMUNDO OLIVEIRA BARROZO | " " " |
| 95 - | " | - SEBASTIÃO PAULINO DE LIMA | " " " |
| 96 - | " | - TORQUATO ALVES DOS SANTOS | " " " |
| 97 - | " | - VALDEMAR DA SILVA | " " " |

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * *
* * * * * * *
*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

4º GRUPAMENTO

| Nº | Posto | Nome | Unidade |
|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento | - DAVID DAHAN | 35º B C |
| 2 - | 3º " | - JOSÉ ORLANDINO DA COSTA E SOUZA | 26º B C |
| 3 - | Cabo | - CHASTINÊ FURTADO NOBRE | 35º B C |
| 4 - | " | - EDMAR MOURA BARROZO | 34º B C |
| 5 - | " | - JOSÉ TAVARES DE SOUZA | Cia Fron Brasilia |
| 6 - | Soldado | - DELIVAL DE SOUZA NOBRE | 34º B C |
| 7 - | Reservista | - ALBERTO MARTINS VARELA | " " " |
| 8 - | " | - ALONSO ARQUELAU DE CASTRO | " " " |
| 9 - | " | - ANTÔNIO ESTEVAM DA SILVA | " " " |
| 10 - | " | - ANTÔNIO GOMES PINHO JÚNIOR | " " " |
| 11 - | " | - ANTÔNIO MAGALHÃES DA SILVA | " " " |
| 12 - | " | - ANTÔNIO MANDU DOS SANTOS | " " " |
| 13 - | " | - ANTÔNIO RAIMUNDO BARROS | " " " |
| 14 - | " | - BENEDITO DOS SANTOS ALVES | " " " |
| 15 - | " | - CALIXTO LUCAS RIBEIRO NASCIMENTO | " " " |
| 16 - | " | - CARLOS DE FARIAS | " " " |
| 17 - | " | - CARMITO CARNEIRO DE PINHO | " " " |
| 18 - | " | - CÍCERO DAVID DA SILVA | " " " |
| 19 - | " | - CIRO VITOR DE MORAES SOARES | " " " |
| 20 - | " | - CLÁUDIO DA SILVA MONTEIRO | " " " |
| 21 - | " | - CLÁUDIO GONÇALVES LEÃO | " " " |
| 22 - | " | - CUSTÓDIO JOSÉ PAES SALGADO | " " " |
| 23 - | " | - DURVAL DE SOUZA RIBEIRO | " " " |
| 24 - | " | - EDGAR SOARES TEIXEIRA | " " " |
| 25 - | " | - EDIR ILÁRIO BARRETO DA FONSECA | " " " |
| 26 - | " | - EDMUNDO VERÍSSIMO PICANÇO | " " " |
| 27 - | " | - ENOCK MARQUES DE MELO | " " " |
| 28 - | " | - EUCLIDES ALMEIDA CAMPOS | " " " |
| 29 - | " | - EUCLIDES TEIXEIRA DE MIRANDA | " " " |
| 30 - | " | - EULÁLIO SOUZA DA SILVA | " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

4º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

31 - Reservista - EUZÉBIO DE FARIAS CARDOSO 34º B C
32 - " - EZEQUIEL DA PAIXÃO BANDEIRA " " "
33 - " - FERNANDO OTÁVIO MACHADO JUCÁ " " "
34 - " - FILADÉLFIO DE FARIAS LOPES " " "
35 - " - FRANCISCO BATISTA OLIVEIRA " " "
36 - " - FRANCISCO CHAGAS DE OLIVEIRA " " "
37 - " - FRANCISCO DEMÉTRIO " " "
38 - " - FRANCISCO FIRMO MENDES " " "
39 - " - FRANCISCO MIGUEL BELÚCIO " " "
40 - " - FRANCISCO NUNES MARTINS FILHO " " "
41 - " - FRANCISCO RIQUE FERREIRA " " "
42 - " - GERALDO CASTELO BRANCO ROCHA " " "
43 - " - GUAPINDAIA ASSU DE MORAES " " "
44 - " - HAROLDO PARAGUASSU FILHO " " "
45 - " - HÉLIO RAIMUNDO FERREIRA " " "
46 - " - HILDEBRANDO RATON ALVES " " "
47 - " - HIRTON DE SOUZA NOBRE " " "
48 - " - HUMBERTO MARQUES DA SILVA " " "
49 - " - IRINEU FERREIRA GIL " " "
50 - " - ISAAC SOUTO " " "
51 - " - JACÓ DE ABREU " " "
52 - " - JOÃO ABREU REIS " " "
53 - " - JOÃO DA CRUZ SOUZA " " "
54 - " - JOÃO DE OLIVEIRA VAZ DA SILVA " " "
55 - " - JOÃO FRANCISCO DE LIMA " " "
56 - " - JOÃO PEDRO QUIRINO " " "
57 - " - JOÃO SAMPAIO DE FREITAS " " "
58 - " - JORGE CRUZ DA COSTA " " "
59 - " - JOSÉ BANDEIRA DE SOUZA " " "
60 - " - JOSÉ BARBALHO DE LIMA " " "

c o n t i n u a

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

4º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

| | | | |
|---|---|---|---|
| 61 - | Reservista | - JOSÉ CORREA LIMA | 34º B C |
| 62 - | " | - JOSÉ DIAS RODRIGUES | " " " |
| 63 - | " | - JOSÉ DIOGO DE ALMEIDA OLIVEIRA | " " " |
| 64 - | " | - JOSÉ LIMA MEDEIROS | " " " |
| 65 - | " | - JOSÉ MARCIONÍLIO SILVA | " " " |
| 66 - | " | - JOSÉ MARIA INOCÊNCIO RAMOS | " " " |
| 67 - | " | - JOSÉ MENDES LIBÓRIO | " " " |
| 68 - | " | - JOSÉ PEDRO DE ALMEIDA CAMPOS | " " " |
| 69 - | " | - JOSÉ XAVIER DE AGUIAR | " " " |
| 70 - | " | - JOSINO MUNIZ PINHEIRO | " " " |
| 71 - | " | - JUVENAL DE LIRA COSTA | " " " |
| 72 - | " | - LUCINDO LAMEIRA CARVALHO | " " " |
| 73 - | " | - LUIZ BISPO DE MAUGÊNIO | " " " |
| 74 - | " | - MANOEL BARBOSA DE ANDRADE | " " " |
| 75 - | " | - MANOEL DA COSTA CARVALHO | " " " |
| 76 - | " | - MANOEL OSVALDO SOARES | " " " |
| 77 - | " | - MANOEL VEIGA PINTO | " " " |
| 78 - | " | - MARIANO RIBEIRO | " " " |
| 79 - | " | - MÁRIO CAPITOLINO BARBOSA | " " " |
| 80 - | " | - MÁRIO MARTINS CORREA | " " " |
| 81 - | " | - MOACIR BECKMAN | " " " |
| 82 - | " | - MOACIR BENEDITO JUREMA | " " " |
| 83 - | " | - MIGUEL OSVALDO PANTOJA | " " " |
| 84 - | " | - NERINO GOMES DA COSTA | " " " |
| 85 - | " | - ORESTES BARBOSA MOURÃO | " " " |
| 86 - | " | - ORLANDO DE CARVALHO PINTO | " " " |
| 87 - | " | - OSVALDO DIAS MONTEIRO | " " " |
| 88 - | " | - PAULO FIGUEREDO MARTINS | " " " |
| 89 - | " | - PEDRO BARBOSA DA SILVA | " " " |
| 90 - | " | - PEDRO PEREIRA DE OLIVEIRA | " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

4º GRUPAMENTO - continuação - fls 4

| | | | |
|---|---|---|---|
| 91 - Reservista | - RAIMUNDO BOTELHO | 34º B C | |
| 92 - " | - RAIMUNDO MENDES LIBÓRIO | " " " | |
| 93 - " | - RAIMUNDO NONATO | " " " | |
| 94 - " | - RAIMUNDO NONATO DE CASTRO | " " " | |
| 95 - " | - RAIMUNDO NUNES DA ROCHA | " " " | |
| 96 - " | - RAIMUNDO PINHEIRO VALE | " " " | |
| 97 - " | - RAIMUNDO SERAFIM DE OLIVEIRA | " " " | |
| 98 - " | - RAIMUNDO SÉRGIO FERREIRA | " " " | |
| 99 - " | - RAIMUNDO TEODORO DOS SANTOS | " " " | |
| 100 - " | - REINALDO LUSTOSA PALHETA | " " " | |
| 101 - " | - RUI AMINTAS | " " " | |
| 102 - " | - SEVERINO ALVES | " " " | |
| 103 - " | - VENÂNCIO PEREIRA DA SILVA | " " " | |
| 104 - " | - WALMIR LEITE DE CARVALHO | " " " | |
| 105 - " | - WALTER BEZERRA FALCÃO | " " " | falecido |
| 106 - " | - ZEFERINO HORÁCIO DOS SANTOS | " " " | |

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

* * * * * * * * * * * * * * *

* * * * * * * *

* *

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

5º GRUPAMENTO

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | 2º Sargento | - JOÃO JOSÉ DE ARAUJO | 34º B C |
| 2 - | Cabo | - FRANCISCO PAES DO AMARAL | 8ª Bia C |
| 3 - | " | - JONATAS CARREIRA MADEIRA | Cont Q G R/8 |
| 4 - | " | - NICÁCIO FEITOSA DE AZEVEDO | 8ª Bia C |
| 5 - | " | - OSCIMAR RIBEIRO FERNANDES | 34º B C |
| 6 - | Soldado | - ACÁCIO DE MORAIS MACEDO | 4ª Cia Fron |
| 7 - | " | - ADALBERTO OLIVEIRA DO AMARAL | 35º B C 3C |
| 8 - | " | - AGOSTINHO ANTÔNIO DA COSTA | " " " |
| 9 - | " | - ALCIDES ANTÔNIO DA SILVA | " " " |
| 10 - | " | - ALFREDO FAUSTO FAÇANHA | " " " |
| 11 - | " | - ALFREDO LEITE SALES | " " " |
| 12 - | " | - ANTÔNIO LUIZ DOS SANTOS | " " " |
| 13 - | " | - ANTÔNIO RAIMUNDO DA SILVA | " " " |
| 14 - | " | - ARACI ALVES PINHEIRO | " " " |
| 15 - | " | - ARNALDO QUINTINO DOREA | 4ª Cia Fron |
| 16 - | " | - AURINO DE SERRA NUNES | 35º B C |
| 17 - | " | - AUTO RODRIGUES CUNHA | 4ª Cia Fron |
| 18 - | " | - BENJAMIM ANDRÉ DOS SANTOS | 35º B C |
| 19 - | " | - BIBIANO ANTÔNIO DE ARAUJO | " " " |
| 20 - | " | - BRAZ NELSON DA CUNHA | " " " |
| 21 - | " | - COMERCIANO CORREA SALES | " " " |
| 22 - | " | - CORNÉLIO CORREA GARCIA | " " " |
| 23 - | " | - DEMÓCRITO DAMASCENO DA FONSECA | " " " |
| 24 - | " | - DIOGO DE SOUZA | " " " |
| 25 - | " | - DOMINGOS CARVALHO DE SOUZA | 4ª Cia Fron |
| 26 - | " | - DOMINGOS DOS ANJOS PEREIRA | 35º B C |
| 27 - | " | - EDGAR SILVEIRA DE QUADROS | " " " |
| 28 - | " | - EDUARDO INGLATERRA DO ROSÁRIO | " " " |
| 29 - | " | - ELÁDIO ACÁCIO BARBOSA | 4ª Cia Fron |
| 30 - | " | - EUCLIDES GOMES DA SILVA | Cont Q G R/8 |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ.

5º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

| | | | |
|---|---|---|---|
| 31 - | Soldado | - EURICO PENA DE FARIAS | 35º B C |
| 32 - | " | - EZAU BITENCOURTDE CASTRO | " " " |
| 33 - | " | - FILETO GAMA | 4ª Cia Fron |
| 34 - | " | - FRANCISCO SALES DE CARVALHO | " " " |
| 35 - | " | - GABRIEL CORREA | " " " |
| 36 - | " | - GENARO ESTEVES DO AMORIM | " " " |
| 37 - | " | - GUMERCINDO MORAES DE SOUZA | Cont Q G R/8 |
| 38 - | " | - JOÃO ANTÔNIO LOBATO | 4ª Cia Fron |
| 39 - | " | - JOÃO DE AZEVEDO TAVARES | " " " |
| 40 - | " | - JOÃO GOMES RIBEIRO | 35º B C |
| 41 - | " | - JOÃO HENRIQUE NUNES | 4ª Cia Fron |
| 42 - | " | - JOÃO MIRANDA DA SILVA | 4ª Cia Fron |
| 43 - | " | - JOAQUIM CORACI SANTARÉM | 35º B C |
| 44 - | " | - JOSÉ FELIX FERREIRA | " " " |
| 45 - | " | - JOSÉ FERREIRA DE ANDRADE | Cont Q G R/8 |
| 46 - | " | - JOSÉ GOMES DE SOUZA | 4ª Cia Fron |
| 47 - | " | - JOSÉ MARIA MONTEIRO | 35º B C |
| 48 - | " | - JOSÉ SANTOS DE VASCONCELOS | " " " |
| 49 - | " | - JULIÃO FERREIRA DA SILVA | " " " |
| 50 - | " | - JUSTO OLEGÁRIO DA SILVA | " " " |
| 51 - | " | - LEÔNCIO MORAES DE SOUZA | " " " |
| 52 - | " | - LOURENÇO CEZAR MIRANDA | 4ª Cia Fron |
| 53 - | " | - LAURIVAL LEÃO CORREA PINTO | " " " |
| 54 - | " | - LUCAS MOREIRA DA SILVA | 35º B C |
| 55 - | " | - LUIZ DA COSTA ALVES | 35º B C |
| 56 - | " | - LUIZ LINO DOS SANTOS | " " " |
| 57 - | " | - MANOEL DE JESUS MIRANDA MESCOUTO | " " " |
| 58 - | " | - MANOEL FARIAS FURTADO | " " " |
| 59 - | " | - MANOEL FRANCISCO RAMOS | " " " |
| 60 - | " | - MANOEL MACIEL DOS REIS | " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

5º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

61 - Soldado - MANOEL MOREIRA DA SILVA 35º B C
62 - " - MANOEL NUNES DA SILVA " " "
63 - " - MANOEL OLEASTRO 4ª Cia Fron
64 - " - MANOEL RIBEIRO DE SOUZA Cont Q G R/8
65 - " - MANOEL SANTANA DE JESUS 35º B C
66 - " - MANOEL SATURNINO DA SILVA " " "
67 - " - MARCELINO DA COSTA CORREA 4ª Cia Fron
68 - " - MARCÍLIO FERREIRA DOS SANTOS 34º B C
69 - " - MARCÍRIO ANASTÁCIO DE SOUZA 35º B C
70 - " - MATIAS PINHEIRO 4ª Cia Fron
71 - " - MIGUEL MARTINS " " "
72 - " - NAPOLEÃO BLAIR MACIEL 35º B C
73 - " - NILO FAVACHO FIGUEIREDO 4ª Cia Fron
74 - " - MANOEL NASCIMENTO COELHO 35º B C
75 - " - MANOEL NAZERAZENO DE SOUZA " " "
76 - " - MANOEL SILVEIRA MARTINS " " "
77 - " - ORLANDO FRANCISCO DA SILVA 35º B C
78 - " - ORLANDO PINHEIRO 4ª Cia Fron
79 - " - OSMARINO TORRES DE LIMA 35º B C
80 - " - OSVALDO SILVA 4ª Cia Fron
81 - " - OTÁVIO RIBEIRO DA SILVA 35º B C
82 - " - PAULO OTAVIANO DA SILVA " " "
83 - " - PEDRO PEREIRA DA CONCEIÇÃO 4ª Cia Fron
84 - " - RAIMUNDO OTACIANO ALMEIDA " " "
85 - " - RAIMUNDO POLICARPO DE OLIVEIRA " " "
86 - " - RAIMUNDO SOUZA 35º B C
87 - " - RAIMUNDO VIANA Cont Q G R/8
88 - " - ROGÉRIO AFONSO FILHO 4ª Cia Fron
89 - " - ROSEMIRO OLIVEIRA E SILVA 35º B C - faleo
90 - " - SALUSTIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA Cont Q G R/8

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

5º GRUPAMENTO - continuação - fls4

| | | | |
|---|---|---|---|
| 91 - | Soldado | - SEVERO ALVES DE CASTRO | 35º B C |
| 92 - | " | - SÍLVIO MIRANDA | " " " |
| 93 - | " | - VIRGÍLIO COELHO DOS SANTOS | " " " |
| 94 - | Reservista | - ALCIDES FERREIRA MAGALHÃES | 4ª Cia Fron |
| 95 - | " | - PAULO TIBÚRCIO DA SILVA | " " " |
| 96 - | " | - RAIMUNDO DELFINO | " " " |

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * *
* * * * * * *
* * *
*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

## 6º GRUPAMENTO

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento | - MARCOS BENTES DE CARVALHO | 4ª Cia Fron |
| 2 - | Cabo | - FRANCISCO MARTINS BARATA | 34º B C |
| 3 - | " | - HAMILTON PINHEIRO MOTA | " " " |
| 4 - | " | - MÁRIO DIAS RAMOS | " " " |
| 5 - | Soldado | - ANTÔNIO ANDRADE DA SILVA | " " " |
| 6 - | " | - RAIMUNDO GOMES | " " " |
| 7 - | " | - ANTÔNIO FERNANDES GONÇALVES | C P O R |
| 8 - | Reservista | - AGRIPINO GARCIA DE ASSIS | 34º B C |
| 9 - | " | - ALFREDO DA SILVA MIRANDA | " " " |
| 10 - | " | - ANANIAS RODRIGUES DO NASCIMENTO | " " " |
| 11 - | " | - ANTÔNIO BISPO COELHO DE OLIVEIRA | " " " |
| 12 - | " | - ANTÔNIO VIDAL MACEDO | " " " |
| 13 - | " | - ARISTÓTELES DE OLIVEIRA MARCELO | " " " |
| 14 - | " | - ARLINDO DE OLIVEIRA | " 2 " |
| 15 - | " | - ARMANDO MAGALHÃES FARIAS | " " " |
| 16 - | " | - BENEDITO FERRAZ | " " " |
| 17 - | " | - BERNARDINO FERREIRA DE ASSIS | " " " |
| 18 - | " | - CÂNDIDO RAMOS SANTIAGO | " " " |
| 19 - | " | - CARLETO BEMERGUI | " " " |
| 20 - | " | - CARLOS TEODORO FEITOSA | " " " |
| 21 - | " | - CIDÁLIO PEREIRA DA SILVA | " " " |
| 22 - | " | - CILDO DOS SANTOS GARCIA | " " " |
| 23 - | " | - CLÓVIS MORAES DA COSTA | " " " |
| 24 - | " | - CORACI GOMES DE CASTRO | " " " |
| 25 - | " | - DALVINO CHAGAS | " " " |
| 26 - | " | - DEOLIO CUNHA DE OLIVEIRA | " " " |
| 27 - | " | - DEUSDEDITH ALVES MAIA | " " " |
| 28 - | " | - DOMINGOS ANTÔNIO TEIXEIRA FILHO | " " " |
| 29 - | " | - DOMINGOS AUGUSTO DOS SANTOS CARVALHO | " " " |
| 30 - | " | - EDUARDO CONOR SILVA | " " " |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

6º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

31 - Reservista - ELIEZER ARAUJO POTIGUARA 14º B C
32 - " - ENOCK MELO PINTO " " "
33 - " - EXPEDITO JOÃO DE SOUZA ÁLVARES " " "
34 - " - FENELON RUI COSTA " " "
35 - " - FERNANDO MARTINS FERREIRA " " "
36 - " - FLÁVIO ARAUJO MOURA " " "
37 - " - FLORÊNCIO PINHEIRO " " "
38 - " - FRANCISCO ASSIS FONSECA " " "
39 - " - FRANCISCO BENÍCIO LOPES DA SILVA " " "
40 - " - FRANCISCO EZIQUIEL REGO " " "
41 - " - HELIOMAR GONÇALVES DE MATOS " " "
42 - " - HERMENEGILDO BATISTA DE ARAUJO " " "
43 - " - HILDEBRANDO NUNES PEREIRA " " "
44 - " - HILTON DE MORAIS BASTOS " " "
45 - " - JARBAS NERI " " "
46 - " - JOÃO ANTÔNIO XAVIER " " "
47 - " - JOÃO CÁCIO RODRIGUES LOPES " " "
48 - " - JOÃO CARVALHO INFANTE PENA " " "
49 - " - JOÃO MORAES " " "
50 - " - JOÃO PAIS RODRIGUES " " "
51 - " - JOÃO RAMOS DA SILVA CORDEIRO " " "
52 - " - JOÃO TEODORO FEITOSA " " "
53 - " - JOAQUIM FRANCISCO OLIVEIRA " " "
54 - " - JOAQUIM JAMILO DE SOUZA " " "
55 - " - JOEL SOTERO DA CUNHA " " "
56 - " - JOSÉ DOMINGOS ARAGÃO " " "
57 - " - JOSÉ ESTEVES CORDEIRO " " "
58 - " - JOSÉ MARIA DE ANDRADE GOMES " " "
59 - " - JOSIAS DE AZEVEDO " " "
60 - " - JUARI CARRERA PALMEIRA " " "

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

6º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

61 - Reservista - JURANDIR DE ALMEIDA CASTRO 34º B C
62 - " - JUSTINO MARTINS DA COSTA " " "
63 - " - LAUREANO BORGES DE VILHENA " " "
64 - " - LOURIVAL MORAIS " " "
65 - " - LOURIVAL SÁ LEAL " " "
66 - " - LUCINDO CAVALCANTE UCHOA " " "
67 - " - MANOEL COELHO NUNES " " "
68 - " - MANOEL DE DEUS LIMA " " "
69 - " - MANOEL HENRIQUE CORREA " " "
70 - " - MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA " " "
71 - " - MANOEL NERI MONTEIRO " " "
72 - " - MANOEL SOEIRO FILHO " " "
73 - " - MARCELO PEREIRA SANTANA ROSA " " "
74 - " - MARCÍLIO DIAS LOBO " " "
75 - " - MARIANO DE CARVALHO COSTA " " "
76 - " - MÁRIO DA CONCEIÇÃO AUGUSTIM " " " falecid
77 - " - MÁRIO MONTEIRO DA COSTA " " "
78 - " - MAURÍCIO DE ALMEIDA " " "
79 - " - MILTON LIMA FERNANDES " " "
80 - " - NEWTON FRANCISCO CORDEIRO DA COSTA " " "
81 - " - ORMILDO DE ARAUJO SAMPAIO " " "
82 - " - OSCARINO DOS SANTOS " " "
83 - " - OTAciano GONÇALVES BARREIRO " " "
84 - " - OSCAR RODRIGUES DO VALE " " "
85 - " - PAULO DA SILVA MOREIRA " " "
86 - " - PAULO PINHEIRO DE MIRANDA " " "
87 - " - PEDRO DE SOUZA MELO " " "
88 - " - PLÍNIO NEOCLES DE PAIVA " " "
89 - " - RAIMUNDO CARDOSO GOMES " " "
90 - " - RAIMUNDO CASTORINO LOPES " " "

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

6º GRUPAMENTO - continuação - fls 4

| | | | |
|---|---|---|---|
| 91 - | Reservista | - RAIMUNDO DE SERPA FERREIRA | 34º B C |
| 92 - | " | - RAIMUNDO FELICIANO DA SILVA | " " " |
| 93 - | " | - RAIMUNDO FERREIRA ALVES | " " " |
| 94 - | " | - RAIMUNDO LOURENÇO TAVARES | " " " |
| 95 - | " | - RAIMUNDO MORAIS | " " " |
| 96 - | " | - REINALDO VASCONCELOS MOREIRA DE CASTRO | " " " |
| 97 - | " | - ROSALVO MENDES RAMOS | " " " |
| 98 - | " | - RUBENS GASPAR | " " " |
| 99 - | " | - SEBASTIÃO CAVALCANTE DE LIMA | " " " |
| 100 - | " | - SEVERINO PEREIRA DA SILVA | " " " |
| 101 - | " | - SÍLVIO GUILHERME BURNET | " " " |
| 102 - | " | - TEMÍSTOCLES VESPAZIANO CHAGAS | " " " |
| 103 - | " | - TOMAZ DIAS FILHO | " " " |
| 104 - | " | - VIRGÍLIO CARVALHO MELO | " " " |
| 105 - | " | - WALDEMAR GONÇALVES DE OLIVEIRA | " " " |
| 106 - | " | - WALTER FREIRE | " " " |
| 107 - | " | - WALTER LOBATO ALHO | " " " |
| 108 - | " | - WILSON ALEXANDRINO MALCHER | " " " |

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * *

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

7º GRUPAMENTO

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento | - HOMERO SOUZA CRUZ FILHO | 27º B C |
| 2 - | Cabo | - ALCIDES PEREIRA DO NASCIMENTO | C.P.O.R |
| 3 - | " | - JOSÉ JOÃO DA FONSECA SANTOS | 34º B C |
| 4 - | Cabo Reserv | - LEOPOLDINO PINTO DE ARAUJO | " " " |
| 5 - | " " | - RAIMUNDO CAMPOS DA ROCHA | " " " |
| 6 - | Soldado | - ANTÔNIO RODRIGUES DA COSTA | C.P.O.R |
| 7 - | " | - JOSÉ AIRES DA SILVA | " " " " |
| 8 - | " | - JOSÉ EDWARD DIAS CARDOSO | " " " " |
| 9 - | " | - LAERCIO DE CARVALHO GONÇALVES | " " " " |
| 10 - | " | - LUIZ PEREIRA LIMA | " " " " |
| 11 - | " | - MANOEL DA SILVA BRABO | " " " " |
| 12 - | " | - MANOEL DE ARAUJO PACHECO | 34º B C |
| 13 - | " | - MIGUEL FERREIRA DE SOUZA JÚNIOR | C.P.O.R. |
| 14 - | Reservista | - ADEODATO TIRIBAS | 34º B C |
| 15 - | " | - EPITÁCIO PEREIRA DE SOUZA | " " " |
| 16 - | " | - FRANCISCO WASHINGTON DE CARVALHO | " " " |
| 17 - | " | - HILTON MONTEIRO | " " " |
| 18 - | " | - JOÃO EVANGELISTA DO REGO | " " " |
| 19 - | " | - JOÃO SALAZAR DA SILVA | " " " |
| 20 - | " | - JONAS VITÓRIO CHAGAS | " " " |
| 21 - | " | - JORDÃO FRANCISCO DA ROCHA | " " " |
| 22 - | " | - JOSÉ LUCAS DA FONSECA | " " " |
| 23 - | " | - JOSÉ RIBAMAR GUIMARÃES | " " " |
| 24 - | " | - JOSÉ RODRIGUES DO COUTO | Cont Q G R/8 |
| 25 - | " | - JOSÉ SOARES BRANDÃO | 34º B C |
| 26 - | " | - LAURO DE SOUZA | " " " |
| 27 - | " | - LÉLIO PACHECO DE OLIVEIRA | " " " |
| 28 - | " | - NELCINDO DA CRUZ MIRANDA | " " " |
| 29 - | " | - OSMAR PIMENTEL | " " " |
| 30 - | " | - OSMUNDO CARVALHO DO NASCIMENTO | Cont Q G R/8 |
| 31 - | " | - PEDRO FRANCISCO DOS SANTOS | 34º B C |

* * * * * * * * * * * * * * * *

* * * * * * * *

*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

8º GRUPAMENTO

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento | - GENTIL GUEDES | 27º B C |
| 2 - | " " | - WAGNER DOS SANTOS MORAES | " " " |
| 3 - | Cabo | - BERNARDO MENDES DA SILVA | " " " |
| 4 - | " | - DACIR DE MORAES PROENÇA | 26º B C |
| 5 - | " | - HILÁRIO FERREIRA PIMENTEL | 27º B C |
| 6 - | " | - ZALDIVAR BANDEIRA DO VALE | " " " |
| 7 - | Soldado | - ALBERTO RODRIGUES SOEIRO | " " " |
| 8 - | " | - ALFREDO DA SILVA NETO | " " " |
| 9 - | " | - ALÍPIO BRITO GUIMARÃES | " " " |
| 10 - | " | - ALMIRO alves DE OLIVEIRA | Cia Fron brasíli |
| 11 - | " | - ALONSO JOSÉ DOS SANTOS | 27º B C |
| 12 - | " | - AMADEU DE OLIVEIRA E SILVA | " " " |
| 13 - | " | - AMÉRICO DE SOUZA MELO | " " " |
| 14 - | " | - ANTÔNIO ANDRADE DE VASCONCELOS | " " " |
| 15 - | " | - ANTÔNIO DA SILVA | " " " |
| 16 - | " | - ANTÔNIO DA SILVA FOGAÇA | " " " |
| 17 - | " | - ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA | " " " |
| 18 - | " | - ANTÔNIO LEMOS FILHO | Cia Fron Brasi |
| 19 - | " | - ANTÔNIO LOPES DA SILVA | 27º B C |
| 20 - | " | - ANTÔNIO VIEIRA GALVÃO | " " " |
| 21 - | " | - ARINOS DE SOUZA | " " " |
| 22 - | " | - ARMANDO BARBOSA DA VEIGA | " " " |
| 23 - | " | - AURÉLIO GOMES DA SILVA | " " " |
| 24 - | " | - CACILDO QUEIROZ BEZERRA | " " " |
| 25 - | " | - CAETANO CRISOSTOMO | " " " |
| 26 - | " | - CARLOS DIAS DE ALMEIDA | " " " |
| 27 - | " | - CARLOS JOVINO RIBEIRO | 1ª/4º Btl Fron |
| 28 - | " | - CÍCERO BEZERRA DE PAIVA SOBRINHO | 27º B C |
| 29 - | " | - CLÁUDIO AFONSO NARANJO | " " " |
| 30 - | " | - CLÓVIS ALVES DA SILVA | Cia Fron Brasi |

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

8º GRUPAMENTO - continuação - fls 2

| | | | |
|---|---|---|---|
| 31 - | Soldado | - CUSTÓDIO BRITO DE OLIVEIRA | 27º B C |
| 32 - | " | - DINIZ DE SOUZA | 1ª/4º Btl Fro |
| 33 - | " | - EDGAR MACEDO | 27º B C |
| 34 - | " | - ELÁDIO RIBEIRO DE FARIAS | " " " |
| 35 - | " | - ELÍSIO DE ALBUQUERQUE FILHO | " " " |
| 36 - | " | - EPITÁCIO DE SOUZA CARVALHO | " " " |
| 37 - | " | - EUDÁCIO MARINHO DE CARVALHO | " " " |
| 38 - | " | - DAVID COELHO | Cia Fron Bras |
| 39 - | " | - FRANCISCO PEREIRA DA SILVA | 27º B C |
| 40 - | " | - FRANCISCO ROCHA | 1ª/4º Btl Fro |
| 41 - | " | - FRANCISCO VIANA | Cia Fron Bras |
| 42 - | " | - GREGÓRIO ALVES MAQUINÉ | 1ª/4º Btl Fro |
| 43 - | " | - GREGÓRIO VILAÇA SOARES | 27º B C |
| 44 - | " | - GUILHERME ERNANDEZ DE ARAUJO | " " " |
| 45 - | " | - HENRIQUE DIAS CORDEIRO | " " " |
| 46 - | " | - HERMÍNIO GONZAGA DA SILVA | " " " |
| 47 - | " | - HERMÍNIO PEREIRA DE SOUZA | " " " |
| 48 - | " | - HILÁRIO ALVES MEIRELES | 1ª/4º Btl Fro |
| 49 - | " | - HONÓRIO GARÇA | Cia Fron Bras |
| 50 - | " | - JAIRO FREITAS SARAIVA | 27º B C |
| 51 - | " | - JOÃO CUSTÓDIO FERREIRA RAMOS | " " " |
| 52 - | " | - JOÃO DA COSTA NOVO PINTO | " " " |
| 53 - | " | - JOÃO DIAS ESPINELI | " " " |
| 54 - | " | - JOÃO FIRMINO DOS SANTOS | Cia Fron Bras |
| 55 - | " | - JOÃO LÍCIO JÚNIOR | 27º B C |
| 56 - | " | - JOÃO NONATO MARINHO | " " " |
| 57 - | " | - JOÃO PEREIRA CALDAS | Cia Fron Bras |
| 58 - | " | - JOÃO REBOUÇAS DA CUNHA | 27º B C |
| 59 - | " | - JOÃO TOBIAS | " " " |
| 60 - | " | - JOAQUIM LIMA | " " " |

c o n t i n u a

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

8º GRUPAMENTO - continuação - fls 3

61 - Soldado - JOAQUIM TAMOIO COLARES — 27º B C
62 - " - JOFRE ARANHA CHACON — " " "
63 - " - JORGE PEREIRA GUIMARÃES — " " "
64 - " - JOSÉ DA SILVA LIMA — 1ª/4º Btl Fro
65 - " - JOSÉ FERREIRA DE LIMA — 27º B C
66 - " - JOSÉ GARCIA DE ALMEIDA — " " "
67 - " - JOSÉ PEREIRA DE LIMA — " " "
68 - " - LEANDRO DOMINGOS DE MENEZES — " " "
69 - " - LOURIVAL CRUZ — Cia Fron Bras
70 - " - LUIZ ESTEVES GOMES — " " "
71 - " - LUIZ GOMES DE SOUZA — 27º B C
72 - " - MANOEL ALVES SANTANA — " " "
73 - " - MANOEL BATISTA DA SILVA — " " "
74 - " - MANOEL EVANGELISTA DE ABREU — Cia Fron Bras
75 - " - MANOEL OUTUBRIANO BARBOSA — 27º B C
76 - " - MIGUEL ANACRETO PAIVA — " " "
77 - " - MOADIR RODRIGUES BRAGA — " " "
78 - " - NAPOLEÃO CORREA — " " "
79 - " - NAZARENO TRAJANO DE ALMEIDA — 1ª/4º Btl Fro
80 - " - ORLANDO ALVES PONTES — Cia Fron Bras
81 - " - ORLANDO MORAES DE ALMEIDA — 27º B C
82 - " - OSCAR MANOEL DE SOUZA — Cia Fron Bras
83 - " - OSCAR PEREIRA DA SILVA — 27º B C
84 - " - OSVALDO ALVES PINTO — " " "
85 - " - OTÁVIO CORREA — Cia Fron Bras
86 - " - PEDRO ALCÂNTARA LOPES DA SILVEIRA — 1ª/4º Btl Fro
87 - " - PEDRO MAIA FILHO — 27º B C
88 - " - PEDRO NOLASCO DE ARAUJO — " " "
89 - " - PLÁCIDO DA COSTA SOBRINHO — " " "
90 - " - RAIMUNDO CHAGAS GUIMARÃES — " " "

continua

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB
FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963
Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225
RIO DE JANEIRO - RJ

8º GRUPAMENTO - continuação - fls 4

91 - Soldado - RAIMUNDO COSMO DE VASCONCELOS 27º B C
92 - " - RAIMUNDO FREITAS DA SILVA " " "
93 - " - RAIMUNDO PANTOJA " " "
94 - " - RAIMUNDO PEREIRA DA COSTA " " "
95 - " - RAIMUNDO PINHEIRO " " "
96 - " - RAIMUNDO RODRIGUES PINHEIRO " " "
97 - " - RAIMUNDO TEIXEIRA DE MIRANDA 1ª/4º Btl Fro
98 - " - RICARDO JOÃO CHAMA 27º B C
99 - " - ROMÃO CHAVES JÚNIOR 1ª/4º BTl Fro
100 - " - SADI CRUZ PEREIRA DE SÁ 27º B C
101 - " - SEBASTIÃO MARCELINO DE ANDRADE 1ª/4º Btl Fro
102 - " - SEBASTIÃO MIRANDA DE AZEVEDO 27º B C
103 - " - SEBASTIÃO VALMIRA BANDEIRA NOBRE " " "
104 - " - SILVÉRIO DE SOUZA " " "
105 - " - SOLANDINO DE OLIVEIRA PANTOJA " " "
106 - " - TANCREDO ALMEIDA DE LIMA " " "
107 - " - TARQUINO PINHEIRO DE ASSIS " " "
108 - " - TOLENTINO POLICARPO " " "
109 - " - VANILDO GARCIA BELEZA 2 " "
110 - " - VICENTE FERREIRA LIMA " " "
111 - " - WALFRIDO DE AZEVEDO MAIA " " "
112 - " - WALTER DE SOUZA CATUNDA " " "
113 - " - WILSON DA SILVA OLIVEIRA " " "
114 - " - VALDEMAR TAVARES VIEIRA Cia Fron Bras
115 - " - NILTON DANTAS 27º B C

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * 
* * * * * *
*

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

FUNDADA EM 16 DE JULHO DE 1963

Rua das Marrecas, 35 - Tel. 222-4225

RIO DE JANEIRO - RJ

NÚCLEO AUXILIAR

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | Subtenente - | BASÍLIO GONÇALVES DA CUNHA | 26º BC |
| 2 - | " - | TORQUATO RIBEIRO FILHO | Cia Mtr A Aé |
| 3 - | 1º Sargento- | ADAMOR NOGUEIRA ESPÍNDOLA | 34º B C |
| 4 - | 3º Sargento- | PAULO DE QUEIROZ BRAGANÇA | " " " |

: : : : : : : : : : : : : : :

POLÍCIA

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | 3º Sargento - | JOSÉ JORGE DE MOURA | 34º B C |
| 2 - | Cabo - | OLIVAR RODRIGUES CRAVEIRO | " " " |
| 3 - | Cabo Reserv - | PIRUNCY GOMES DE CASTRO | " " " |
| 4 - | Soldado - | DURVAL DE PAULA FEITOSA | " " " |
| 5 - | " - | JOSÉ CUSTÓDIO DANTAS | " " " |
| 6 - | " - | JOSÉ DA SILVA | " " " |
| 7 - | " - | LUIZ PEREIRA NETO | " " " |
| 8 - | " - | PEDRO PANTOJA | " " " |
| 9 - | " - | RAIMUNDO GOMES POMPEU | " " " |
| 10 - | " - | VALINO DA CRUZ LOBO | " " " |

: : : : : : : : : : : : : : : : : :

SERVIÇO DE SAUDE

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | Soldado - | ALBERTO RODRIGUES DA CRUZ | 26º B C |
| 2 - | Soldado | LUCIMAR PEDROSA RIBEIRO | " " " |
| 3 - | Soldado - | PAULO MENDES AVELINO | " " " |
| 4 - | Reserv - | PEDRO DE BRITO TUPINAMBÁ | " " " |

: : : : : : : : : : : : : : :

ORDENANÇA

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 - | Soldado - | AGAPITO BATISTA DE SOUZA | 34º B C |

: : : : : : : : : : : : : : :

## ANTÔNIO BATISTA DE MIRANDA

Paraense, natural de Castanhal, nascido em 17 de outubro de 1923 e falecido em 9 de Maio de 2001. Sócio Efetivo-5, Força do Exército Brasileiro. Sócio Efetivo da Associação dos Ex-Combatentes - Secção do Pará sob o n.º 88, admitido em 6 de Março de 1950. Exerceu vários cargos na Associação, como: Tesoureiro do Conselho Fiscal, Secretário de Recreação e Esportes. Desde 1990, desempenhou as funções de Secretário de Intercâmbio e Cultura daquela Casa, lutando para divulgar a importância da participação dos brasileiros durante a 2ª Guerra Mundial e, particularmente, tornar conhecida as ações dos nortistas, bravos integrantes do Contingente da Amazônia.